



Gabriel da Silva Souza

**Psicanálise e religião:
Uma análise sobre o fenômeno da transferência no aconselhamento
pastoral.**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientadora: Maria Clara Luchetti Bingemer

Rio de Janeiro
Agosto de 2023



Gabriel da Silva Souza

**Psicanálise e Religião:
Uma análise sobre o fenômeno da transferência no aconselhamento
pastoral.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do
Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Maria Clara Lucchetti Bingemer
Orientadora
PUC-Rio

Paulo Fernando Carneiro de Andrade
PUC-Rio

Edson Fernando de Almeida
UFJF

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Gabriel da Silva Souza

Possui bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (2017); Curso em psicanálise clínica pela faculdade Gaio de São Paulo/ Sociedade Psicanáltica Sigmund Freud de São Paulo (2019) e bacharelado em Administração de Empresas pela Faculdade Souza Marques (2023). Pesquisa a relação entre a Teologia Pastoral e a Psicanálise a partir do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister.

Ficha Catalográfica

Souza, Gabriel da Silva

Psicanálise e religião : uma análise sobre o fenômeno da transferência no aconselhamento pastoral / Gabriel da Silva Souza ; orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer. – 2023.

100 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia pastoral. 3. Psicanálise. 4. Religião. 5. Transferência. 6. Contratransferência. I. Bingemer, Maria Clara Lucchetti, 1949-. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para as mulheres de minha vida:
Minha mãe, Roseny, e minha esposa, Giulia.

Agradecimentos

Ao bom Deus, que é a razão pela qual movo todos os esforços da minha vida, tendo Jesus como meu Senhor e Salvador, sob o consolo e orientação do Santo Espírito.

À minha mãe, Roseny da Silva Souza, que sempre foi a minha principal apoiadora. Mulher que sempre teve a maternidade com a principal missão de sua vida. Sempre esteve em busca dos meus sonhos acima dos dela, o que me ensinou sobre o amor sacrificial de Cristo.

Ao meu pai, Paulo Cesar da Silva Souza, que sempre sustentou a nossa família com muito suor e dedicação. Homem que me ensinou valores que carrego até hoje.

À minha irmã, Sara da Silva Souza, que sempre foi minha amiga e apoiadora em todos os meus sonhos.

Aos pais da minha esposa, Célia Vaz e José Bispo, que me acolheram em um dos momentos mais difíceis da humanidade, que foi o período da pandemia.

À minha amada companheira e esposa, Giulia Aparecida Silva Nascimento Souza, por todo carinho, incentivo e compreensão. Por ser a minha principal parceira. Por estar ao meu lado em todos os momentos. Mulher que me ajuda, dia a dia, a ser um marido melhor, um pastor melhor, um homem melhor e principalmente, um servo de Cristo melhor; mulher que é minha inspiração, pois é dedicada em tudo que faz.

À PUC-Rio, pela excelência acadêmica de seus cursos, e, em especial, à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, pela concessão da Bolsa VRAC I.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, por toda a seriedade na pesquisa, no ensino e nas publicações. Em especial ao prof. Waldecir Gonzaga, diretor desse Departamento e a profa. Francilaide Queiroz, pela disponibilidade em ajudar a todos que precisam.

Aos colegas e amigos estudantes de Teologia na PUC-Rio, por todas as ideias trocadas, pelo incentivo e pela ajuda crítica na construção desta pesquisa.

À minha igreja local, Igreja Batista da Ponte Branca, em Paraty, por reconhecer a minha vocação ministerial e por me apoiar nos projetos extra eclesiais.

À minha orientadora, Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer, pelo incentivo à pesquisa, pelas aulas ministradas durante o curso. Por toda inspiração que transborda de seus textos e de suas aulas, e por toda atenção, compreensão e carinho para conosco. Certamente a teóloga mais influente e inspiradora na minha caminhada acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Com financiamento através da bolsa (CAPES/PROSUC).

Resumo

SOUZA, Gabriel da Silva; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Psicanálise e Religião: Uma análise sobre o fenômeno da transferência no aconselhamento pastoral**, 2023. 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa procura apresentar os elementos básicos para o diálogo entre a Psicanálise e a Teologia Pastoral. Tal diálogo foi visto por muito tempo como impossível de acontecer. Muitos pensadores, de ambas as áreas, defenderam a ideia que a psicanálise e fé eram antagônicas entre si. Contudo, a discussão é fundamental para tensionar os dois polos de modo a perceber que psicanálise e religião, ou melhor, psicanálise e teologia pastoral podem sim ser grandes aliadas. No presente trabalho serão investigados a proximidade de Freud com a religião, principalmente a partir do seu diálogo com o amigo, psicanalista e pastor protestante Oskar Pfister; e também os fenômenos da transferência e contratransferência, que são tão caras para psicanálise, sendo percebidas por Freud e outros psicanalistas como uns dos principais elementos que levam ao sucesso ou ao fracasso na clínica psicanalítica. Através de uma inter-relação entre as questões abordadas, a pesquisa buscará apontar como o aconselhamento pastoral pode se beneficiar do conhecimento sobre o fenômeno da transferência: primeiro para saber os limites do aconselhamento e a possível necessidade de direcionamento a um profissional adequado; segundo, com o entendimento sobre como se manifesta a transferência do aconselhado e a contratransferência do conselheiro, de modo a ter um ambiente conciliador entre a pessoa que sofre e o conselheiro que a acolhe. Um aconselhamento pastoral que leva em conta os aspectos transferenciais é, portanto, uma pastoral que se preocupa com o indivíduo por completo, não apenas observando o que é dito, mas também toda a história daquele que sofre.

Palavras-chave

Teologia Pastoral; Psicanálise; Religião; Transferência; Contratransferência.

Abstract

SOUZA, Gabriel da Silva; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Psychoanalysis and Religion: An analysis of the phenomenon of transference in the pastoral counseling*, 2023. 100p. Master's thesis – Theology Department, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The aim of the research is to present the basic elements for the dialogue between Psychoanalysis and Pastoral Counseling. Such dialogue was long seen as impossible to happen. Many thinkers, of both fields, defended the idea that Psychoanalysis and faith were antagonistic to each other. However, the discussion is essential to tension the two poles in order to realize that psychoanalysis and religion, or rather, psychoanalysis and pastoral theology can indeed be great allies. In the present work, will be investigated the proximity of Freud with religion, mainly from his dialogue with his friend, the psychoanalyst and Protestant pastor Oskar Pfister; and also the phenomenon of transference and countertransference, which are so important to psychoanalysis, being perceived by Freud and other psychoanalysts as one of the main elements that lead to the success or failure in the psychoanalytic clinic. Through an interrelationship between the two issues addressed, the research will seek to point out how pastoral counseling can benefit from knowledge about the phenomenon of transference: first to know the limits of counseling and the possible need for direction to a suitable professional; second, with the understanding of how the transference of the counselee and the countertransference of the counselor are manifested, in order to have a conciliatory environment between the person who suffers and the counselor who welcomes him. Therefore, a Pastoral counseling that takes into account the transference aspects is a pastoral that cares about the individual completely, not only observing what is said, but also the whole story of the one who suffers.

Keywords:

Pastoral Theology; Psychoanalysis; Religion; Transference; Countertransference; Pastoral counseling.

Sumário

1.	Introdução.....	10
2.	A interconexão de dois mundos.....	14
2.1.	Freud e seu caminho ao ateísmo reativo.....	14
2.2.	Oskar Pfister, um curador de almas.....	22
2.3.	Uma amizade improvável.....	29
3.	O conceito da Transferência.....	40
3.1.	A origem da transferência com o caso Anna O.....	41
3.2.	A conceituação e definição da transferência.....	43
3.2.1.	Übertragung: o termo alemão para transferência.....	45
3.3.	A transferência em Freud.....	47
3.3.1.	“Sobre a dinâmica da Transferência.”.....	49
3.4.	A contratransferência.....	55
4.	Relação pastoral e transferência.....	63
4.1.	A transferência como fenômeno inextinguível.....	65
4.2.	Aconselhamento pastoral como sinônimo cuidado pastoral.....	66
4.3.	A transferência no âmbito do aconselhamento pastoral.....	70
4.4.	A imagem pastoral como imagem parental.....	75
4.5.	As imagens parentais do sacerdote.....	81
4.6.	Transferência, contratransferência e fé.....	83
4.7.	O encontro da fé com a psicanálise e da clínica com o aconselhamento.....	86
5.	Conclusão.....	92
6.	Referências bibliográficas.....	96

O cuidado expressa a importância da razão cordial, que respeita e venera o mistério que se vela e re-vela em cada ser do universo e da terra.

Leonardo Boff, Saber e cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.

1. INTRODUÇÃO

Faremos um trajeto que começará abordando a relação entre Sigmund Freud (pai da psicanálise) e Oskar Pfister, um pastor protestante suíço e psicanalista, que utilizou a psicanálise como ferramenta para a cura de pessoas no ambiente religioso. Pfister foi conhecido como um psicanalista da alma (curador de almas), e mostrou, através das discussões que teve com Freud, que a psicanálise era uma grande aliada para o ambiente religioso, que é um contexto comunitário por excelência.

Abordaremos a faceta de Freud como um “judeu completamente ateu”, mas que sempre nutriu um interesse exacerbado pela religião. Freud não pode ser percebido apenas a partir da sua negação à religião, mas também a partir de seu contato com ela. Ele teve grandes professores que eram religiosos e, de certa forma, o influenciaram em sua caminhada.

A concepção clássica de Freud sobre religião como sendo uma neurose obsessiva universal é muito conhecida. Ele afirmava categoricamente que as pessoas precisavam se livrar da ideia de um Pai celestial que pode suprir todas as suas necessidades (DEUS) para, assim, atingir a maturidade, deixando pra trás as imagens infantis. Contudo, o que se percebe é que Freud transformou a religião na sua própria neurose obsessiva. A sua história, como trabalharemos no primeiro capítulo, revelará seus recalques inconscientes sobre a religião.

Já Oskar Pfister, sempre viveu sua vocação como propósito. Ele era, acima de tudo, pastor, e abriu mão de uma brilhante carreira acadêmica para dedicar sua vida aos que sofriam. Ou seja, ele não tinha como propósito ser um psicanalista bem sucedido, mas enxergou na psicanálise, a ferramenta ideal para compreender o homem. Teve o entendimento de que método psicanalítico corrobora para “a cura de almas” dentro do contexto religioso. Para Pfister, a psicanálise teria muito a contribuir no tratamento dos que sofrem e, respeitando as devidas fronteiras, mais uma vez o ser humano seria valorizado.

Sem dúvida alguma, a amizade improvável entre Pfister e Freud revela aspectos tão surpreendentes, que tal conexão afetiva pode ser percebida quase como uma união “milagrosa”. De um lado, temos um ateu dedicado a defender que a religião é um problema, e de outro, um homem que dedica toda sua vida ao

Sagrado e, em consequência disso, ao outro. A relação entre os dois configura, sem dúvida, uma relação transferencial por excelência.

No segundo capítulo, discutiremos o processo de elaboração do conceito de transferência, formulado por Freud, enquanto elemento fundamental que norteou a articulação da Clínica psicanalítica. Ao demarcar os pontos cruciais da concepção de transferência apresentada em seus escritos, deter-nos-emos ao exame do pensamento de Freud acerca dos processos transferenciais. Tais processos posteriormente sofreriam reformulações, sem jamais deixarem de ocupar seu lugar enquanto conceitos fundamentais e balizadores de todo o conhecimento psicanalítico.

A noção de transferência sofreu profundas modificações ao longo da extensa obra de Freud, acompanhando, desse modo, a evolução de toda a teoria. A intenção do presente trabalho não é esgotar a discussão sobre a questão da transferência, mas apresentar o conceito de modo geral para que sirva como preâmbulo da discussão que será abordada no capítulo final. Ou seja, não temos o objetivo de realizar uma exaustiva explicação sobre as modificações que o conceito sofreu no decorrer da ampla obra freudiana, mas apenas apresenta-lo.

Traremos a conceituação e definição do termo transferência, inclusive, abordando-o a partir do alemão. Também será tratada a “caracterização da transferência em Freud, onde esta, definindo-se como amor transferencial, indica um investimento afetivo do paciente dirigido à pessoa do analista, através do qual são atuadas experiências regressivas infantis.”¹ Deste modo, ficará claro que “a transferência funciona tanto como força impulsora do tratamento, quanto como resistência ao mesmo e limite onde esse arrisca-se a fracassar.”²

Também trataremos o fato de que a transferência não se dá apenas do analisando para o analista, mas que o mesmo acontece do analista para o analisando. Essas transferências vividas pelo analista dentro da relação analítica recebem o nome de contratransferência. Abordaremos tal conceito a fim de mostrar sua relevância dentro do processo da análise.

Todo o segundo capítulo servirá como prólogo do capítulo final. Toda a conceituação da transferência e contratransferência tem a intenção de apontar para materialização deste fenômeno dentro do contexto do aconselhamento pastoral.

¹ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 9.

² MAURANO, Denise. A transferência., pg. 9.

Por fim, discutiremos sobre a transferência como conceito importante no ambiente da relação pastoral, do aconselhamento pastoral e, também, sobre como a transferência se fundamenta nas estruturas das relações interpessoais da igreja como comunidade de fé.

A transferência é um fenômeno que acontece em todos os tipos de relação. Por ser inevitável e inextinguível, ela demonstra sua importância para o sucesso da clínica psicanalítica. O mesmo também ocorre quando se pensa o aconselhamento pastoral, pois tal relação também está recheada de elementos transferenciais que podem cooperar para o sucesso do aconselhamento ou para seu fracasso.

Durante o capítulo final, demonstraremos a relevância da transferência como projeção de imagens parentais infantis. Tais projeções acontecem dentro de qualquer relação de autoridade. Quando se pensa na relação pastoral, qual poderia carregar mais significado de autoridade, uma vez que o sacerdote é aquele que carrega consigo o símbolo de porta-voz de Deus para os homens?

As imagens parentais podem estar ligadas à mãe, dado que o sacerdote é o indivíduo percebido como uma figura para além dele mesmo, sendo, pois, um homem de todos. Assim como na figura materna, é esperado do sacerdote uma entrega absoluta e irrestrita em direção ao outro, sempre a disposição para acolher o sofrimento.

Além da imagem materna, as pessoas também podem nutrir a imagem paterna em sua relação com o líder espiritual, visto que ele já é representante do pai celeste aqui na terra. Se Deus é invisível e impalpável, o líder é visível e palpável. Tal compreensão, inclusive, gera a falsa ideia de um líder perfeito. Além disso, essa figura pode ser construída em decorrência do caráter de poder e autoridade que a relação pastoral promove. Todos os aspectos e nuances dessas imagens parentais projetadas da parte do fiel sobre o sacerdote serão abordadas no capítulo três.

Também serão abordadas as imagens parentais produzidas pelo sacerdote, afinal, assim como o fiel, ele carrega uma história pregressa, e não está isento de fazer projeções à luz de sua história. Todo esse processo transferencial é inconsciente, o que o torna difícil de ser identificado, mas importantíssimo para a relação. Esse processo é importante, inclusive, para que o sacerdote não subjulgue o outro a partir de sua posição de poder e autoridade.

Por fim, o presente trabalho aprecia os aspectos transferenciais e contratransferências à luz da fé, e visa mostrar que o aconselhamento pastoral pode ser amplamente beneficiado pelo conhecimento psicanalítico. Ao longo do tempo, muitos tentaram abordar a psicanálise como uma linha de pensamento atea que é antagônica aos elementos da fé, mas Pfister e tantos outros demonstraram que esse diálogo entre Psicanálise e Religião, Clínica psicanalítica e aconselhamento, poder ser muito benéfico e, assim, promover um ambiente para compreensão do outro e de seu sofrimento.

2

A INTERCONEXÃO DE DOS MUNDOS

É impossível não pensar na relação entre Sigmund Freud e Oskar Pfister quando se quer discutir o diálogo entre psicanálise e religião. “Duas realidades, duas sensibilidades, dois campos diferentes de atividade profissional, duas nacionalidade e, mais importante de tudo, duas procedências étnicas e religiosas.”³

2.1

Freud e seu caminho ao ateísmo reativo.

Sigmund Freud revolucionou a forma como enxergava o humano em seus aspectos subjetivos e culturais. Contudo, Freud não é apenas o produtor de um novo campo teórico-clínico de investigação e tratamento da psique, mas é também uma figura que levanta muitas discussões em volta de si, principalmente acerca da temática religião e fé. Apesar de se autodenominar como um “judeu completamente ateu”⁴, é inegável que a religião sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, na vida de Sigmund.

Em 6 de maio de 1856, em Freiberg, uma pequena cidade de maioria católica que pertencia ao Império Austro-Húngaro e atualmente pertence à República Tcheca, nasceu Shlomo Sigismund Freud, que preferiu, posteriormente, ser chamado apenas de Sigmund Freud. Ele era filho de Jakob Freud e Amalie Freud. Seu nome foi dado pelo pai em homenagem ao avô paterno, que faleceu semanas antes do seu nascimento. Além de receber o nome do avô, também existia a identificação com o personagem bíblico Salomão, homem marcado pela grandeza e pela sabedoria. “Seu pai não parece ter seguido as práticas ortodoxas do judaísmo, e de sua mãe sabemos apenas que conservava certa crença na divindade.”⁵

O contexto de crescimento de Freud era marcado por uma tensão muito grande entre religião e ciência. O pai de Freud pouco a pouco ia se tornando menos tradicional e mais adepto de um judaísmo com fortes influências no iluminismo. Ou seja, em parte significativa de sua vida, Jakob foi um judeu

³ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg 16.

⁴ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 84

⁵ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg 17.

ortodoxo influenciado pelo hassidismo, uma forma tardia e popular do misticismo judaico. Contudo, a partir de determinado momento, Jakob passou a aderir a Hascalá, que significa “iluminismo”, e era um movimento liberal dentro do judaísmo. Tais influências, inclusive, valorizavam a integração com a sociedade europeia e a educação secular aliada ao estudo do hebraico e da história judaica. Apesar de viver em um ambiente ocidental secularizado e cientificista, a família Freud sempre teve raízes judaicas. Podemos citar, por exemplo, sua circuncisão. “Freud nasceu em 6 de maio de 1856 e, conforme o registro que o seu pai fez na Bíblia da família, foi circuncidado no dia 13 seguinte, ou seja, religiosamente, no oitavo dia após o seu nascimento.”⁶

Quando Freud completou 35 anos, Jacob o presenteou com a Bíblia da família e escreveu-lhe uma dedicatória que também se tornou célebre. O texto dessa dedicatória é uma espécie de melitzá: trata-se de um mosaico de fragmentos da Sagrada Escritura, da literatura rabínica e da liturgia judaica. Oito livros bíblicos são citados, alguns deles mais de uma vez Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Juízes, Jó, Salmos e Jeremias. Esse texto revela que Jacob possuía uma notável familiaridade com as fontes do judaísmo.⁷

Essa Bíblia que Freud recebeu, foi a mesma utilizada para sua introdução à leitura, quando ele tinha apenas sete anos de idade. Essa Bíblia era um exemplar da “Bíblia de Philipson”, editada pelo rabino Ludwig Philipson (1811-1889). Era uma Bíblia que não era utilizada por judeus ortodoxos. A verdade é que “Freud conhecia bem a Bíblia e estava sempre pronto a fazer citações de ambos os testamentos.”⁸

Não foi apenas o contexto familiar que contribuiu para a cosmovisão de Freud. O fundador da Psicanálise nasceu na Europa do século XIX, que vivia a efervescência do pensamento científico. Freud iniciou seus estudos em Medicina, justamente na universidade de Viena, onde era exaltado o pensamento racional e científico.

Freud estudou medicina numa época em que, nas universidades, reinava o clima em que a ciência natural era vista como única solução para todos os problemas.

⁶ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 14.

⁷ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 12.

⁸ JONES, Ernest. A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 3, pg. 346.

Freud acreditava na ciência como seu mestre, o fisiologista Ernst Brucke, a apresentava. Para ele, a fé na ciência significava a transição para o ateísmo.⁹

“O jovem Freud teve como mestres grandes fisiologistas, filósofos e outros eruditos, que proclamavam a supremacia da razão e do pensamento científico sobre o antigo e ‘falido’ sistema religioso.”¹⁰ Foi esse o ambiente inicial do Freud que mais pra frente se posiciona como um ateu convicto.

O homem que a si mesmo comparou a Nicolau Copérnico (1473-1543) e a Charles Darwin (1809-1882) e que desferiu contra o narcisismo humano o seu mais duro golpe garantia que a religião era uma neurose e uma ilusão. O homem que foi comparado a Karl Marx (1818-1883) e a Friedrich Nietzsche (1844-1900) e que recebeu o título de "mestre da suspeita" suspeitava de tudo, até da existência de Deus. O "pai" da psicanálise, o desbravador do sexto continente e o descobridor da sexualidade infantil não acreditava que há no céu um Deus poderoso e benevolente e tampouco cria na vida após a morte, numa compensação para os sofrimentos da vida presente, no paraíso ou no inferno, em preceitos divinos para observar ou na existência de respostas absolutas para os grandes enigmas da vida humana. Definitivamente, Freud era um descrente.¹¹

Freud nunca enxergou a necessidade da crença em sua vida. Para ele, o ateísmo era praticamente um caminho natural. O biógrafo Ernest Jones afirma que Freud “cresceu privado de qualquer crença em um Deus ou imortalidade, nunca parecendo ter necessidade dessa crença.”¹² A vida de Freud está realmente cercada de fatos e de declarações que deixam claro o seu ateísmo. Contudo não se posicionamento apenas como um ateu convicto, mas muitas vezes nutria uma posição deliberadamente provocativa.

Nem toda a formação de Freud foi de cunho ateu. Sigmund foi aluno e assistiu a muitas aulas do filósofo Franz Brentano, que falava muito sobre as possibilidades de se fazer ciência sem desacreditar da existência de Deus. Brentano considerava que a ciência e a religião não eram antagônicas, ao contrário, defendia que poderiam caminhar lado a lado.

Certa vez, quando foi aluno do ex-padre Franz Brentano, Freud chegou a “balançar” em sua convicção ateu. Numa carta escrita ao amigo Eduard Silberstein, Freud reconheceu momentaneamente que não foi capaz de refutar um

⁹ ZILLES, Urbano. Filosofia da religião, Pg. 137

¹⁰ MARCEL, H. R.; GROppo, L. A. *Freud, Jung e a Religião*, pg. 336

¹¹ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 1.

¹² JONES, Ernest. A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 1, pg..33.

argumento do professor sobre a existência de Deus: “não me encontro em condições de refutar um simples argumento teísta.”¹³ Apesar de se perceber sem argumentos, Freud afirma não desistir com facilidade: “não tenho a intenção de me considerar prisioneiro com tanto rapidez e tão completamente.”¹⁴ Para ele, “há que refletir que aquilo que é provável não é necessariamente a verdade, e que a verdade nem sempre é provável”¹⁵

Tendo sido capaz de escapar à barreira de respeitáveis argumentos que Brentano despejou sobre ele, Freud retornou a seu ateísmo e ali permaneceu para o resto da vida. “Nem em minha vida privada nem em meus escritos”, disse ele um ano antes de morrer, “jamais fiz segredo de minha absoluta falta de fé”¹⁶

É perceptível que, por um momento, Brentano e suas argumentações filosóficas sobre a existência de Deus desestabilizaram os argumentos ateístas de Freud. “Sob a influência de Brentano, Freud em sua adolescência se interessou por algum tempo pela relação entre filosofia e ciências naturais e pela questão da existência de Deus”¹⁷.

Ao vasculhar a vida e as obras de Freud é possível perceber algumas influências de fé que, de algum modo, Freud recebeu e o fascinou. “Embora provavelmente tenha sido a única pessoa que levou Freud a titubear por um momento em sua convicção ateísta, não foi Brentano quem exerceu efeito duradouro em suas concepções sobre Deus, mas sim a obra do filósofo Ludwig Feuerbach.”¹⁸ Além desses citados anteriormente, tantos outros pensadores que tinham crença no sagrado passaram pela vida de Freud e cultivaram em seu coração alguma amizade ou admiração.

Outra possível evidência da atração que Freud sentia pela religião reside no fato de que ele tenha mantido amizade com vários homens religiosos. É verdade que os pares de Freud eram em sua maior parte, como ele, ateus. Mas ele também apreciou cultivar amigos religiosos. Entre eles, pode-se mencionar: Samuel Hammerschlag (1926-1904), Wilhelm Fliess (1858-1928), Joseph Breuer (1842-

¹³ BOEHLICH, Walter (Org). As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein [1871-1881], pg. 123.

¹⁴ BOEHLICH, Walter (Org). As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein [1871-1881]. , pg. 124.

¹⁵ FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo., pg. 18

¹⁶ GAY, Peter. Um Judeu Sem Deus, pg. 52.

¹⁷ ALBUQUERQUE, B. P. de. Sigmund Freud e Oskar Pfister, pg. 18.

¹⁸ ALBUQUERQUE, B. P. de. Sigmund Freud e Oskar Pfister, pg. 18.

1925), James Jackson Putnam (1846-1918), Carl Gustav Jung (1875-1961), Oskar Pfister (1873-1956), Ludwig Binswanger (1881-1966), René Laforgue (1894-1962) e Romain Rolland (1866-1944)⁶⁴ Ora, o próprio Freud nos ensinou que o fundamento libidinal da amizade é a identificação Na opinião de Meissner, os amigos religiosos de Freud funcionavam como "duplos" dele mesmo, isto é, como representantes de porções da sua própria vida psíquica que ele, não obstante, se esforçava para repelir. Ao longo da sua vida Freud não apenas se identificou a homens profundamente religiosos, mas - o que nos parece mais significativo - se reconheceu também em uma série de personagens saídos diretamente das páginas das Sagradas Escrituras. Numa carta a Fliess, datada de 7 de maio de 1900, Freud se identificou a Jacó chamado "Israel" depois, que lutou com o anjo e foi ferido por ele na perna (cf. Gn 32,23-33).¹⁹

Dentre os citados acima, vale um especial destaque o Samuel Hammerschlag, que foi professor de religião de Freud. Sigmund teve aulas com ele entre 1871 e 1873, ou talvez desde que entrou naquela escola, em 1865. "Freud foi um aluno muito bom em sua matéria, tendo sido aprovado com a nota máxima. Hammerschlag exerceu grande influência sobre Freud, tendo nascido entre os dois uma verdadeira amizade."²⁰ Todavia, é percebido que, apesar de todos esses influentes homens com seus argumentos, Freud que se manteve ateu até o fim.

Sim, decididamente, Freud não acreditava em Deus.[...]O ateísmo de Freud pode ser qualificado de várias maneiras. Sabe-se que do ponto de vista metodológico é próprio de qualquer ciência procurar a inteligibilidade do objeto que lhe cabe sem pressupor, para tanto, a existência de Deus. Isso vale inclusive quando o objeto em questão é a própria crença em Deus. No dia 31 de outubro de 1938, Freud escreveu a Singer "... qualquer exame científico de uma crença religiosa pressupõe a descrença" (FREUD, 1873-1939, Pg 495). Freud tem razão. Mas até aqui o seu ateísmo é meramente metodológico. O ateísmo freudiano é, contudo, mais do que apenas metodológico. Aos olhos do inventor da psicanálise, há um conflito insuperável entre a razão e a fé, a ciência e a religião. Em *Psicologia das massas e análise do eu*", por exemplo, Freud compara o naturalista que conserva a fé na Bíblia a uma criança que acalenta sentimentos ambivalentes por uma mesma pessoa, ao neurótico cuja vida psíquica abriga moções opostas e a uma pessoa que não foi bem-sucedida no processo de unificação do próprio eu*. Ou seja, decididamente, para Freud ciência e religião são irreconciliáveis. Ora, esse modo de ver as coisas é típico do pensamento do século XVIII. O ateísmo de Freud tem, pois, uma qualidade iluminista, sendo uma marca da sua inscrição nessa tradição. Metodológico, iluminista, o ateísmo de Freud é, porém, mais do que isso. Militante, combativo, provocativo, hostil, agressivo, violento, demolidor.²¹

¹⁹ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 8.

²⁰ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg 16

²¹ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 6.

Não são muitos os que contestam sobre o fato de Freud ser ateu. Mas ele não era um ateu comum. Segundo Araújo “Ele foi também uma espécie curiosa de ateu: um ateu muitíssimo interessado nas coisas de Deus.”²² É de suma importância destacar todo fascínio de Freud pelo tema da religião e pelos seus fenômenos. Seja como for, o fato é que desde sempre, de uma forma ou de outra, Freud não abandonou mais essa questão. “Pode-se mesmo falar, sem exagero, numa ‘onipresença’ do tema da religião na obra de Freud.”²³ O que mais chama atenção é que para Freud que sempre tratou a religião como uma neurose obsessivo-compulsivo, acabou transformando a religião em uma “obsessão”. “Freud não era favorável à religião. Com seu ateísmo arraigado, o pai da Psicanálise desconsiderou a fé e a trouxe ao seu juízo como algo patológico.”²⁴

O tema da religião não era uma questão para Freud restrita ao campo das ideias, mas percebe-se que os dilemas circundavam sua vida pessoal. Quando criança, Freud teve uma babá chamada Monika Zajic. Ela era uma senhora católica a quem o pequeno Sigismund era muito apegado. “Ela lhe falava do céu e do inferno e o levava à Igreja, de onde ele voltava brincando de celebrar a missa em casa. A babá desapareceu misteriosamente, retornando à lembrança de Freud durante o processo que denominou de sua autoanálise.”²⁵ Peter Gay detalha um pouco mais sobre a babá de Freud.

A babá que cuidou dele até seus dois anos e meio era uma devota católica apostólica. A mãe de Freud lembrava dela como uma mulher de idade madura, feia e esperta; alimentava seu pupilo com histórias pias e arrastava-o à igreja. “Então”, a mãe de Freud contou a ele, “quando você voltava para casa, você rezava e nos contava o que faz Deus Todo-Poderoso.” [...] Ela era rude e muito exigente com o menininho precoce, mas, achava Freud, ele a amara também por isso. Foi um amor bruscamente interrompido: durante o puerpério da mãe com sua irmã Anna, seu meio-irmão Philipp fez com que a babá fosse detida por um pequeno roubo, e ela foi presa. Freud sentiu intensamente sua falta. Seu desaparecimento, coincidindo com a ausência da mãe, gerou uma lembrança vaga, desagradável, que Freud só conseguiu esclarecer e interpretar muitos anos depois.²⁶

²² ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 6.

²³ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg 6.

²⁴ MARCEL, H. R.; GROPPPO, L. A. Freud, Jung e a Religião, pg. 340.

²⁵ ALBUQUERQUE, B. P. de. Sigmund Freud e Oskar Pfister, pg. 14.

²⁶ GAY, Peter. Freud, uma vida para o nosso tempo, pg. 24

Outra área de sua vida que era particularmente afetada pela religião era seu casamento com Martha. Essa era a maior zona de tensão no casamento deles. Martha era de uma família judaica ortodoxa muito diligente. Martha cresceu num lar profundamente religioso. “Ela era neta do renomado Isaac Bernays (1792-1849), o rabino chefe de Hamburgo. Isaac lutara ativamente na década de 1840 contra o movimento reformista judaico.”²⁷ Ela sempre viveu em um ambiente onde a fé não era questionada. Contudo, Martha encontrou no seu casamento algo muito diferente de sua antiga realidade familiar. “Freud não aceitava que Martha continuasse celebrando suas práticas religiosas, emergindo-se veementemente contra elas.”²⁸

Freud era não só um descrente indiferente, como também um ateu convicto determinado a afastar sua noiva de todo aquele disparate supersticioso. Ele era inflexível, absolutamente imperioso em sua constante demanda, muitas vezes enraivecida, de que ela abandonasse aquilo que, até então, não havia questionado por um único momento²⁹

Não obstante os conflitos com Martha sobre sua fé, Freud também demonstrava tal postura em seus confrontos com a família da esposa desde quando eram noivos. O que se sabe é que depois de muitos atritos, conflitos e embates, muitas vezes, até “acalorados”, Martha acaba cedendo à pressão feita pelo marido.

Desde a época em que eram noivos, Freud se opôs a que Martha guardasse os costumes religiosos judaicos. Zangou-se com ela, por exemplo, porque não comia presunto, porque jejuava no Dia da Expição ou porque num sábado escrevera-lhe uma carta escondida, num jardim, sem ousar enfrentar a própria mãe. Freud teve atritos com os parentes de Martha, em especial com a mãe dela, por causa da religiosidade da família da sua futura esposa. Referindo-se ao irmão de Martha, ele disse à sua noiva: “Eli mal sabe que farei de você uma paga”. Freud exigiu que Martha abandonasse o que aos seus olhos eram apenas preconceitos religiosos e tolas superstições. E Martha, por fim, cedeu.³⁰

Freud não se colocou contra a religião apenas em suas percepções sobre o transcendente, mas reprovava qualquer tipo de elemento que fosse religioso.

²⁷ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 18.

²⁸ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 20.

²⁹ GAY, Peter. Freud, uma vida para o nosso tempo. Pg. 55

³⁰ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 18.

Sigmund demonstrou diversas vezes, por exemplo, seu desprezo pelas cerimônias de casamento judaico. Inclusive, em relação ao seu casamento com Martha, ele planejava fazer apenas uma cerimônia civil, na Alemanha, onde não se exigia o rito religioso. “Martha o informou, porém, de que na Áustria tal casamento não seria reconhecido: era mesmo necessário que eles se casassem no religioso. Freud cogitou, então, por um momento, mudar de confissão religiosa, convertendo-se ao protestantismo.”³¹ Isso demonstra com clareza como Freud tinha uma aversão ao que estava ligado ao seu antigo contexto religioso judaico.

Freud não pôde evitar seu nascimento num lar judaico, estudar numa escola judaica e viver num mundo significativamente judaico por boa parte de sua vida. Esse foi o mundo que sempre o cercou, por vezes mais, por vezes menos. Mas Freud fez questão de criar seus filhos o mais distante possível do ambiente religioso. O lar constituído por Freud e Martha foi essencialmente regado pelo secularismo. Os filhos do casal não receberam nenhum tipo de educação religiosa. A práxis da família não envolvia em nada qualquer aspecto de liturgia judaica. Existe um episódio que acontece com Martin Freud (filho de Sigmund Freud) em seu casamento que exemplifica bem essa criação “sem religião”:

Com efeito, Martin sequer aprendeu como comportar-se numa sinagoga. No dia do seu casamento, ao entrar no recinto, tirou a cartola que usava com a intenção de expressar respeito pelo lugar sagrado. Quando um padrinho que estava ao seu lado recolocou a cartola em sua cabeça, Martin pensou que fosse uma brincadeira e, de novo, retirou-a. Foi preciso que outro padrinho repetisse o gesto e que os olhares de reprovação no rosto dos convidados se fizessem notar para que Martin compreendesse que devia manter a cabeça coberta dentro de uma sinagoga.³²

Acredita-se que essa educação sem religião dos filhos não tem a ver com qualquer desejo de Martha, mas era devido ao posicionamento restrito e exclusivo de Freud. É possível pensar que Martha, apesar de ter cedido à pressão do marido, nunca abandonou em seu coração os princípios que recebeu de sua família.

Um jovem filósofo que visitou Freud em Londres, numa sexta-feira de 1938, conta que, ao cair da tarde, Martha se queixou do fato de que Freud não lhe permitisse acender as velas pelo sabbath como faziam todas as mulheres judias piedosas. A queixa foi amistosa, quase uma brincadeira. Mas não foi Freud quem nos ensinou a levar as brincadeiras a sério? Freud afastou Martha da ortodoxia

³¹ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 19.

³² ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 19.

judaica em que ela fora criada. Contudo, depois que ele morreu, ela se permitia conversar sobre as festas e os costumes judaicos. Em 1951, quando Martha morreu, os filhos providenciaram para que um rabino falasse em seu funeral. Acredita-se que isso estivesse de acordo com um desejo dela.³³

É inegável que Freud que a religião sempre esteve presente na vida de Freud. Ele fez questão de demonstrar sua rejeição aos preceitos religiosos, principalmente aqueles que perpassavam sua vida.

A religião era uma questão conflitiva para Freud; embora se nomeasse ateu, ele se sentia fortemente atraído por ela. Há quem veja em Freud mais do que "a Godless jew" ("um judeu sem Deus"), "a closet jew" ("um judeu enrustido Talvez não seja o caso de chegar a tanto. O mínimo, porém, que se pode afirmar é que Freud tinha uma relação ambivalente - de atração e repulsão, encantamento e antipatia - com a religião. [...]A rejeição das crenças e dos costumes religiosos em Freud tem, com efeito, todo o aspecto de uma denegação ou de uma formação reativa. [...]De fato, Freud não era serenamente indiferente à religião, assim como Karl Abraham (1877-1925), Sándor Ferenczi (1873-1933) ou Hans Sachs (1881-1947). Ele era, como vimos, combativamente oposto a ela.³⁴

Por mais que Freud demonstrasse a rejeição em relação ao judaísmo como religião, ele não negava sua identidade como judeu. Ou seja, ele não era praticante da religião judaica, mas era judeu. “A identidade judaica de Freud era decididamente secular. Judeu sim, mas judeu ateu. Freud era judeu no sentido cultural, se quisermos, não no sentido religioso.”³⁵ Outra questão que chama atenção é a postura de Freud frente ao movimento de conversão de Judeus ao cristianismo em um ocidente cristão. “Freud se orgulhava de não haver abraçado o cristianismo, como o fizeram muitos judeus do seu tempo, a fim de facilitar a sua assimilação ao Ocidente cristão; ele permaneceu judeu.”³⁶

2.2

Oskar Pfister, um curador de almas.

Antes de apontar para o encontro entre Sigmund Freud e Oskar Pfister, é importante ambientar quem é a figura do pastor protestante e psicanalista que

³³ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg. 19.

³⁴ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg.10-11.

³⁵ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg.21.

³⁶ ARAÚJO, Ricardo Torri de. Deus analisado, pg.21.

tanto chamou a atenção de Freud. Pfister nasceu em 23 de fevereiro de 1873, em Wiedikon que é localizada no subúrbio da cidade de Zurique. Ou seja, Oskar era dezesseis anos mais novo que Sigmund. Ele era filho caçula de pais com um casamento harmonioso. Apesar de manter um casamento homogêneo, os pais de Pfister eram bem diferentes entre si. Enquanto o pai era um pastor de caráter liberal e profundamente altruísta, a mãe era rigorosa e puritana na sua forma de enxergar a vida, ainda mais quando o assunto era a criação e educação religiosa dos filhos.

A mãe de Pfister era uma devota pietista. No século XVII, na Igreja luterana alemã, surge o movimento pietista com o intuito de renovar a fé cristã com ênfase nos sentimentos e na mística como fundamentos da experiência religiosa, opondo-se à teologia racionalista, que localizava na razão o fundamento básico para fé. “O pietismo da família materna deixa suas marcas. Segundo seu sobrinho, o pastor Paul Urner, Pfister experimentou o aconchego do pietismo, mas também a estreiteza dogmática que cercava.”³⁷

O pai de Oskar tinha uma grande sensibilidade à dor dos pobres e doentes, principalmente crianças que em sua época sofriam de difteria e, por isso, acabou iniciando os estudos em medicina. Contudo, não conseguiu terminar, uma vez que faleceu de forma precoce, muito devido ao esgotamento que teve ao colocar sobre si a tarefa de ser médico do corpo e pastor das almas. Quando isso aconteceu, Oskar tinha apenas três anos de idade.

Após a morte do pai de Pfister, sua família começa a enfrentar períodos muito difíceis, onde a mãe necessitou dar aulas de piano com para garantir o sustento familiar. Oskar Pfister fala sobre sua própria mãe como uma mulher cuidadosa e responsável. “Ela era uma alma muito boa e piedosa, que levava muito a sério seu dever materno. Só que sabia bem melhor chorar com os que choram do que se alegrar com os que estão alegres.”³⁸

Não foi somente a morte do pai que marcou Pfister, que sempre se deparou com a morte precoce. Ainda no período da escola assistiu ao espancamento do seu amigo por parte de uma professora, pois o mesmo tinha simplesmente dormido em aula. Alguns dias depois, seu colega veio a falecer. Oskar Pfister participa do velório e isso o marca profundamente. Tempos depois, Pfister ainda sofreria outra

³⁷ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg. 17-18.

³⁸ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg.17.

perda, o falecimento do seu irmão devido à meningite. O próprio Oskar Pfister fora acometido pela meningite, o que preocupou muito a família, pois a posição dos médicos em relação a recuperação era muito pessimista. “Pfister é acometido de meningite, seu estado se agrava a ponto de o médico dizer à sua mãe que sua morte seria preferível às sequelas de certamente permanecerão. Mas sua saúde é restaurada, sem que as ameaças se concretizassem.”³⁹

O que se pode perceber é que a infância do pequeno Oskar não foi nada fácil. Uma infância de dor, luto e muitas perdas. Certamente, tudo isso afetou os posteriores acontecimentos de sua vida. Tais circunstâncias moldaram a personalidade de Pfister, como também, o caminho acadêmico percorrido, com seu interesse pela teologia e, posteriormente, pela psicanálise de Freud. “Três mortes que deixaram suas marcas no seu destino Da mesma forma que o pai, Pfister também é influenciado pela morte de um menino para fazer uma escolha profissional que reúne saberes divididos na academia.”⁴⁰ O que chama a atenção é que, apesar de tanto sofrimento, Pfister nunca se rebelou com Deus ou a religião, nem mesmo duvidou de sua crença.

Pfister estudou Teologia em Zurique com a intenção de ser pastor. Muitos foram os teólogos que influenciaram Pfister em seu percurso teológico. Ele teve fortes influências de Hegel, Staruss, Schleiermacher, como também de uma teologia crítica, a partir de teólogos como Hermann Kutter ou Leonardo Ragaz, introdutores das ideias socialistas no campo teológico e pastoral.

Contudo, sua trajetória na teologia não foi nada simples, pois Oskar sempre teve, desde muito cedo, um posicionamento crítico em relação aos ensinamentos ortodoxos e tradicionais.

Não foi fácil para Oskar Pfister dedicar-se aos estudos teológicos, e tais dificuldades não se deveram, certamente, à falta de interesse ou vocação. O dogmatismo ortodoxo em que foi educado em sua infância era, contudo, muito difícil de aceitar: o antagonismo que sentia em relação as crenças tradicionais era muito grande. Seu espírito crítico diante dos ensinamentos da ortodoxia esteve presente desde a adolescência. Já na escola, se dedicou a formular uma crítica profunda e aguda dos relatos bíblicos, procurando, por exemplo, encontrar uma explicação científico-histórica para relatos como os da passagem pelo mar Vermelho e do Êxodo.⁴¹

³⁹ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg.18.

⁴⁰ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg.17.

⁴¹ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg. 18.

Pfister sempre demonstrou ser precoce em seu desenvolvimento intelectual. Ele sempre foi crítico e subversivo nos ambientes ortodoxos. Portanto, fica compreensível entender sua dificuldade ao ser ensinado uma teologia mais tradicional. O incômodo era tão grande, que ele chegou a pensar, por algum tempo, em abandonar definitivamente os estudos teológicos. Contudo, foi aprovado em seus exames finais. E ainda obteve o título de doutor em filosofia, após estudo complementares em Berlim. Escolheu como tema de sua tese um problema de filosofia e psicologia religiosas.

No conjunto de seus estudos, Oskar Pfister sentiu-se particularmente decepcionado pelo ambiente de especulações e disputas entre os vários sistemas teológicos, que qualificou como pura charlatanice. Procurou então a filosofia como auxílio para a compreensão dos grandes problemas teológicos. Encontrou, entretanto, o mesmo ambiente de divisão e disputa presentes na teologia e todo um mundo alheio por completo ao que para ele constituía o problema fundamental da desdita humana. Retornou à teologia, então com o objetivo de entocá-la a partir da filosofia religiosa de Rudolph Hermann Lotze (1819-1881). De forma renovada, voltou à teologia para nunca mais a abandonar, como uma espécie de exigência ao mesmo tempo pessoal, intelectual e apostólica.⁴²

No mesmo ano em que terminou seu doutorado em filosofia, Pfister começou sua atividade pastoral. Ele falava sobre esse momento com profunda satisfação:

Sentia-me como se eu estivesse saindo de um longo e fechado casulo hibernar para uma paisagem primaveril luminosa. Amava o trabalho de pregação no púlpito, a cura de almas com doentes, aflitos e desorientados, a assistência aos pobres e principalmente o ensino religioso. [...] Um ensino vivo, que apresentava a religião como salvação, fonte de alegria e apoio.⁴³

Durante o início de seu percurso religioso, o pastor “abandonou as trilhas metafísico-especulativas, e se volta vez mais ao exame crítico da vida de fé real ou da piedade viva.”⁴⁴ Deste modo, examinou através de um olhar crítico a religião utilizando a lógica, a teoria do conhecimento, a psicologia e a sociologia. A teologia liberal lhe permitiu dialogar com as ciências sociais e o método histórico-crítico de leitura da Bíblia o afastava do dogmatismo que tanto o incomodou em seus estudos. Portanto, ele se aproximou da visão mais liberal do

⁴² MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg. 19-20.

⁴³ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg 22.

⁴⁴ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg 20.

pai, se afastando do pietismo da mãe. Por outro lado, a herança que recebera da mãe exercia forte influência sobre ele, principalmente no que tange a prática da fé e na devoção religiosa. Outra influência que recebeu da mãe foi a música. “A música se transforma em um importante canal tanto para a fruição estética como para a experiência religiosa. Através dos sons expressa os nexos mais profundos sobre vida e morte, bem como estabelece uma intensa comunicação com os jovens das paróquias.”⁴⁵

Pister foi, entre muitas coisas, um pastor dedicado ao ministério. “Durante 37 anos manteria a ação pastoral como a tarefa fundamental da sua vida.”⁴⁶ A importância do ministério pastoral para Pfister era tão grande, ao ponto dele recusar importantes cargos para ser professor.

Nesse mesmo ano, recusou o cargo de professor de Teologia Sistemática da Universidade de Zurique, como recusaria, pouco depois, o de professor de Filosofia na Universidade de Riga. O motivo, sempre o mesmo: poder manter-se no trabalho de ação pastoral que desempenhava desde 1897 em Wald, uma aldeia próxima a Zurique, e que continuaria, a partir de 1902, como pastor, na paróquia dos Pregadores. [...] Foi no início da sua ação pastoral em Wald, em 1897, que contraiu matrimônio com Erika Wunderli, com quem teve um filho que, anos depois, se dedicaria à psiquiatria. [...] Hans Zulliger, que posteriormente seria um dos seus amigos e discípulos mais conhecidos, nos transmite suas palavras a respeito do que significava para ele, na época, a ação pastoral. Adorava pregar no púlpito. O ministério pastoral dos enfermos e desamparados, dos extraviados e dos pobres me apaixonava. Antes de qualquer coisa, gostava de ensinar religião.⁴⁷

O interesse de Pfister pela psicologia era antigo. Desde que estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Basileia, ele frequentava aulas de psicologia. Esse interesse se mostra uma vez que o tema de sua tese de doutorado focalizou o estudo da construção psicológica da obra de Biedermann⁴⁸. “A tentativa de síntese entre Schleiermacher e Hegel realizada pelo teólogo liberal suíço Biedermann vai ao encontro do desejo de Pfister de, com auxílio das ciências humanas, compreender e não só sentir o que se passa na religião.”⁴⁹

Em 1903, quando a psicologia deixou de fazer parte do curriculum em estudos teológicos, como ocorria havia algum tempo, Pfister escreveu um artigo

⁴⁵ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg 21.

⁴⁶ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg. 21.

⁴⁷ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg. 21.

⁴⁸ Teólogo protestante que foi professor de teologia em Zurique. Todo o seu trabalho foi marcado pela intenção de aproximar a verdade da religião com a razão.

⁴⁹ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg 20.

criticando esse abandono, que considerava um grave "pecado de omissão" (Unterlassungssünden). A marginalização da psicologia na formação teológica iria contribuir, afirmava com convicção, para um maior isolamento da teologia em relação ao restante das ciências humanas. De qualquer modo, os tratados que havia investigado em busca de uma boa psicologia da religião lhe pareceram tão obtusos quanto a maior parte da teologia que havia estudado. De forma que, em 1908, pouco antes de seu encontro com Freud, atacou com veemência a incapacidade e a pobreza, tanto da teologia como da psicologia, de oferecer ajuda para o alívio do sofrimento humano.⁵⁰

Pfister queria entender os problemas e dramas humanos com a intenção de ter ferramentas para a atividade pastoral, e isso o fez perseverar. Contudo, nem a teologia e nem a filosofia se mostraram para ele suficientes em suas respostas. Ele continuava em busca de uma melhor compreensão sobre o sagrado e o humano. Seja na teologia ou filosofia foi incansável na busca por esclarecimentos. Com grande dedicação, estudou as obras de grandes pensadores, mas se demonstrou decepcionado com o que encontrou. "Oskar Pfister decidiu seguir o exemplo do pai. Partiu em busca de uma psicologia da religião que se mostrasse eficaz, para descobrir a cura das almas que nenhuma de suas leituras e nenhum de seus colegas pareciam capazes de oferecer."⁵¹

Ainda esperava chegar, a partir daí a esclarecimentos sobre as condições originais da piedade. Com grande empenho, estudava as obras de Hegel, Vatke, Strauss, Feuerbach, Sella, Richard Rothe, Scheleiermacher, Alexander Schweitzer, entre outros, para chegar ao banal resultado de que em religião, como em qualquer outro processo psíquico, o intelecto, o sentimento e a vontade agem juntos.⁵²

É justamente por todo esse interesse e preocupação com a relação entre teologia, psicologia e pastorado, que Pfister encontra na psicanálise um caminho sem volta em sua vida. A capacidade de unificar diferentes saberes sempre foi uma característica de Oskar Pfister.

A busca é por uma pesquisa inserida na prática, que inicia na realidade e retorna a ela. Através da ciência servir à vida, através da vida fornecer tarefas à ciência, este é o alvo de Pfister. Eis um dos pontos que o aproxima da psicanálise, pois nesta, clínica e pesquisa ou benefício e descoberta sobre a verdade são uma e a mesma coisa.⁵³

⁵⁰ MORANO, C. D. Psicanálise e religião, pg. 20- 21.

⁵¹ GAY, Peter. Um Judeu Sem Deus, pg. 82.

⁵² WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg. 20.

⁵³ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg. 24.

Poucas semanas depois de ter recusado o cargo de professor de teologia por causa de sua atividade pastoral, Pfister teve acesso à alguns textos de Freud que chegaram até ele por meio de Carl G. Jung, que, por ventura, também era filho de pastor protestante, assim como Oskar.

Buscando novos caminhos para sua atividade como cura de almas, Pfister em 1908 procurou supervisão junto ao psiquiatra Jung, assistindo com ele suas primeiras aulas sobre psicanálise, tornando-se membro da Sociedade Freud de Zurique e se dedicando aos três pilares da formação analítica: análise pessoal (realizada em 1911 com Franz Riklin, cunhado de Jung, que optará pela psicologia profunda junguiana após a controvérsia entre Freud e Jung), estudo teórico e supervisão. Pfister enviou a Freud em 1909 seu artigo *Wahnvorstellungen und Schülerelbstmord* [Ideias delirantes e suicídio de alunos], iniciando uma correspondência que mobilizaria não apenas cartas, mas também encaminhamentos de pacientes e trocas de livros e artigos, além de confidências pessoais.⁵⁴

Ele tinha procurado Jung para orientá-lo sobre o caso de uma mãe de família que estava atormentada por delírios paranoicos. Os textos de Freud causaram a sensação de que as respostas que tanto procurou na teologia, filosofia e até mesmo na psicologia, finalmente foram encontradas.

como se uma antiga premonição se tivesse realizado [...] ali não havia especulações intermináveis sobre a metafísica da alma, não havia experimentos com pequenas trivialidades enquanto os grandes problemas da vida permaneciam intactos [...] com Freud, as funções mais elevadas da vida eram colocadas diante do microscópio da alma e davam provas da sua origem e suas conexões, das leis do seu desenvolvimento, seu sentido mais profundo na totalidade dos acontecimentos psíquicos.⁵⁵

“O impacto da psicanálise será, contudo, tão forte, que todo o seu pensamento teológico e toda a sua práxis pastoral se verão para sempre determinados por essa perspectiva, aberta a partir do encontro com Freud.”⁵⁶ Em uma carta de Pfister a Freud, de 23 de outubro de 1923, ele expressa a importância que Freud e a psicanálise tem em sua vida.

⁵⁴ ALBUQUERQUE, B. P. de. Sigmund Freud e Oskar Pfister, pg. 38.

⁵⁵ E. Hahn (Comp.), *Die Pädagogik der Gegenwart in Selbst-Darstellungen*, Leipzig, 1927, II, 168-170. Apud MORANO, C. D.. *Psicanálise e religião*, pg. 22.

⁵⁶ MORANO, C. D.. *Psicanálise e religião*, pg. 20.

Quando a situação se torna séria, qualquer um pode notar quão grande e maravilhosa é a análise, e que enriquecimento ela dá à nossa vida. Para mim, ela trouxe um alvorecer sem igual a minha existência, e jamais poderei agradecer-lhe o suficiente por tudo com que o senhor me tem presenteado, através de suas pesquisas e de sua bondade de coração. Se nos anos que me restam viver eu puder trabalhar intensivamente para a análise, por mais privações que a vida me proporcione, definitivamente serei uma pessoa feliz.⁵⁷

Em 1931, durante uma mesa-redonda com pastores reformados da Suíça, Pfister expressou a importância da psicanálise como ferramenta ao ministério pastoral. Ele tinha uma posição muito clara. A psicanálise para ele não era um fim em si mesma, mas uma ferramenta para o cuidado pastoral. Ele defendia que ambas deveriam andar juntas.

Como cheguei à psicanálise? Simplesmente porque não podia fazer nada válido com os velhos métodos. Com a psicanálise, pode-se ter êxito onde antes era impossível, podem ser reativadas grandes quantidades de energias humanas que previamente não tinham saídas e que conduziam à doença, ao manicômio e a outras formas de miséria. O inconsciente é um poder forte e pode causar sérias aberrações. A psicanálise pode apenas abrir sulcos, mas não pode plantar. É óbvio que um cuidado pastoral deve unir-se à psicanálise. Este é um ponto sobre o qual a maioria das pessoas passa por cima. É verdade que Freud considera a religião uma ilusão. Como pastores, entretanto, podemos fazer análise e nos adentrar nessas novas tarefas com toda reverência, e nos tornaremos pastores da alma apenas quando conduzirmos as pessoas para a luz: um conceito que nos foi legado por Jesus.⁵⁸

2.3.

Uma amizade improvável

Pensar sobre a relação entre Freud e Pfister é, inevitavelmente, pensar sobre a discussão sobre psicanálise e fé. Essa discussão é de suma importância desde então. Esse diálogo proporcionou um rico material de opiniões, ideias e teorias; bem como dúvidas e interrogações; inclusive para grande pai da psicanálise. Freud é um dos pensadores mais importantes, principalmente por ter sido pioneiro em sua contribuição. "Pfister afigurou-se para Freud como uma

⁵⁷ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 118.

⁵⁸ Unpublished Report of Discussion, Transactions of Swiss Reformed Pastors Association, 31 ago. 1931, apud H. W. KIENAST, The significance of Oskar Pfister's.. Apud MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 22-23.

oportunidade para esclarecer um debate, de que tanto necessitava, não apenas com a religião como, através dela, consigo mesmo.”⁵⁹

C. G. Jung escreveu para Freud, antes que ele conhecesse o pastor, dizendo: “Pfister é um homem magnífico... Não se assusta com nada e é um aliado valente e de grande inteligência. Ele faria qualquer coisa por nossa causa. O quê? Ainda não sei. A mistura de médico e teólogo é bem estranha... Você receberá logo um trabalho seu. Está febrilmente ativo...”⁶⁰

O texto de Jung logo se concretizou e Freud recebeu um trabalho de Pfister, e o considerou com grande interesse, mas o que mais impressionou Freud foi o calor humano e as percepções quase que “metafísicas” que teve ao conhecê-lo. Em relação às tais impressões, Freud diz a Ferenczi em uma carta: “uma pessoa encantadora, um entusiasta cheio de bondade, que conquistou o coração de todos da casa e do qual se despediu como um bom amigo.”⁶¹

Freud foi apresentado a Pfister por Jung. Numa carta enviada a Freud no dia 7 de janeiro de 1909, Jung se referiu a Pfister pela primeira vez e o apresentou como um homem inteligente e um amigo pessoal. Dez dias depois, em 17 de janeiro de 1909, Freud lhe respondeu informando que Pfister tinha enviado um artigo para ele. No dia seguinte, 18 de janeiro de 1909, Freud endereçou sua primeira carta a Pfister, agradecendo pelo artigo enviado. A partir daquele momento, daria início a uma correspondência de quase trinta anos.

Não posso me satisfazer apenas em lhe agradecer pela remessa do trabalho Representações delirantes e suicídio de alunos tenho também de expressar minha satisfação porque nossas pesquisas psiquiátricas encontraram guarida num cura de almas espiritual⁶², que tem livre acesso às almas de tantos indivíduos jovens e valorosos. Costumamos censurar nossa psicanálise, meio na brincadeira mas no fundo também com seriedade, dizendo que ela necessita de uma situação normal que permita seu uso, e que, organizadas, as anormalidades da vida da alma lhe impõem uma barreira; de modo que ela encontra suas melhores condições

⁵⁹ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 183.

⁶⁰ S. Freud, C. G. Jung. *Briefwechsel*. Frankfurt a. M., S. Fischer, 1974, Pag 246. Apud MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 15.

⁶¹ S. Freud, C. G. Jung. *Briefwechsel*. Frankfurt a. M., S. Fischer, 1974, Pag 246. Apud MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 15.

⁶² O termo utilizado por Freud em alemão é *Seelsorger*, que não possui uma tradução equivalente no português e significa “o religioso que cuida das pessoas de uma igreja e as dirige para Deus”. Quando usado como substantivo, refere-se à “atividade de cuidar, aconselhar e orientar a pessoa” – ver a nota de Wondracek, tradutora das *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, organizada por Ernst Freud & Heinrich Meng (2009, p.24).

justamente onde dela não se necessita, isto é, nos são. Devo supor que este optimum seja alcançado nas circunstâncias em que o senhor atua. Nosso amigo comum, C. G. Jung, frequentemente tem mencionado seu nome para mim; estou contente em poder ligar a ele agora um conteúdo mais definido e espero que o senhor não vá privar-me de suas demais obras.⁶³

Essa era uma amizade improvável, um ateu convicto e um homem da fé. Desde as primeiras correspondências enviadas entre eles, percebe-se um carinho recíproco. O biógrafo Peter Gay considera que a amizade com Pfister foi “certamente a menos provável e uma das mais pacíficas”⁶⁴ Freud afirma a Pfister em uma carta de 12 de julho de 1909 o quão impactante é a amizade de Pfister para ele e para as crianças de sua família: “O fato de eu lhe escrever tantas coisas pessoais deve-se a que nenhuma visita, desde a de Jung, teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo.”⁶⁵ Pfister também relata a Freud o carinho que sentia por ele e por sua família, em uma carta de 30 de dezembro de 1923:

“Faz quase quinze anos que pude entrar pela primeira vez na sua casa, e rapidamente me apaixonei pelo seu modo amável e pelo espírito alegre e livre da sua família. A mamãezinha de lagartixas, que hoje já escreve artigos bem sérios na Revista Psicanalítica Internacional, naquela época ainda vestia saias curtas, e o seu segundo filho cabulava o ginásio para introduzir o pastor de entediante batina na ciência do Prazer. No camarote, ao seu lado, da sua cara esposa e da sua inteligente cunhada, eu me sentia como na morada dos deuses olímpicos, e se me perguntassem sobre o lugar mais aprazível da terra, eu responderia: “Informem-se na casa do professor Freud!”.”⁶⁶

Ambos buscavam pela compreensão do homem. Pode parecer estranho o fato de Freud ter-se relacionado de modo tão íntimo e amigável com um pastor protestante. “De sua carta obtenho a alegre certeza de que a diferença entre nossas visões somente começa quando emoções emocionais passam a influir sobre os processos de pensamento; certeza, portanto, de que esta diferença somente pode ter a importância de uma útil variação”⁶⁷, escreveu Freud numa carta, em 20 de fevereiro de 1909.

⁶³ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 23.

⁶⁴ GAY, Peter. Um Judeu Sem Deus, pg. 84.

⁶⁵ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 38.

⁶⁶ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 119.

⁶⁷ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 28.

Freud sempre teve entusiasmo no que tangia a relação entre eles, seja pelo afeto construído ou, principalmente, pelos temas que emergiriam dali, como, por exemplo, o complexo relacionamento entre psicanálise e religião, a psicanálise como técnica a serviço da cura analítica de almas, a análise laica, a análise infanto-juvenil, etc. Também surgiram profundas discussões sobre questões técnicas: a interpretação de sonhos, o manejo da transferência, a relação analista-analisando, a formação do analista e os meandros da produção textual. É justamente a grande diferença entre eles que fez com que essas discussões fossem aprofundadas com ainda mais relevância. “Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigério em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado. Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos.”⁶⁸

Muitos relacionamentos de Freud foram rompidos por causa das divergências. Freud era um homem sistemático de uma personalidade forte. Pfister, porém, permaneceu no coração e mente do amigo e professor, como se pode ler nesta carta de 7 de fevereiro de 1930:

Eu ao menos me agrado do próprio fato de que o senhor escreve de si e sobre o que trabalha, o que espera, do que sente falta. Com o distanciamento geográfico, facilmente a gente se afasta quando não ouve nada um do outro, quando não pode vivenciar nada junto, e as relações pessoais são algo especialmente valioso, que não pode ser coberto por comunhão de trabalho ou de interesses. Justamente nós dois, depois que nos conscientizamos das últimas diferenças fundamentais de nossas concepções de vida, temos agora motivos especiais - mas também inclinações especiais, eu espero - para cultivar tais relações.⁶⁹

Os afetos que Freud nutria por Pfister eram recíprocos. Era uma relação cristalina e sincera de admiradores e verdadeiros amigos. Uma das coisas que mais chama atenção na relação entre eles é o impacto que Oskar exercia na vida de Freud. Encontramos diversas vezes nas correspondências Freud, ele se referindo a vista como alguém que o fazia bem. E isso não é fácil de imaginar Freud dizendo de um religioso. “Uma amizade feita de confidências e compromissos mútuos, de uma suma tolerância nas importantes divergências e deu uma fidelidade comprovada ao longo de tantos anos foi também a base para um

⁶⁸ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 146.

⁶⁹ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 170-171.

enriquecimento mutuo, tanto no campo intelectual e profissional como no âmbito mais pessoal da vida.”⁷⁰

Confessa ao próprio Oskar Pfister, pouco depois de havê-lo conhecido, que certo dia me visitou um homem extraordinário, um verdadeiro servo de Deus, cujo pensamento e existência me pareciam altamente improváveis. Isto é, no sentido de que ele tem necessidade de proporcionar ajuda espiritual a cada um que encontra. Assim, o senhor fez bem também a mim. Mais de uma vez, expressa o bem que Pfister faz a ele. Nesta ocasião, além disso, Freud é concreto a esse respeito, referindo-se a um comportamento altruísta que ele mesmo teve, e não duvida em atribuir à influência benéfica do pastor. Com efeito, após alguns contatos com Pfister, deixou de cobrar honorários de alguns pacientes que se encontravam em circunstâncias difíceis: "Sem sua visita e sem sua influência eu nunca teria feito isso; meu próprio complexo paterno - como diria Jung - isto é, a necessidade de corrigir meu pai, não o teria permitido". Também as cartas que Pfister lhe envia têm como efeito provocar emoções e sentimentos positivos a respeito de si mesmo e da vida: "O senhor sempre faz o outro feliz .. Invariavelmente leio suas cartas com prazer; nelas, há sempre vida, calor e boas notícias; o senhor sabe fazer que o cotidiano, que se vive de forma incolor, se nos apresente sob uma luz rosada."⁷¹

A intimidade era tão verdadeira que muitas vezes houve desabafos e até mesmo confissões pessoais. Tanto é que Pfister e os descendentes de Freud resolveram censurar parte do conteúdo das cartas para publicação. Pfister também tinha pedido a Freud que destruísse parte de suas correspondências.

Caro doutor, há pouco executei o trabalho de carrasco, que o senhor me solicitara pela senhora H. As cartas do ano de 1912 foram aniquiladas, somente uns poucos conteúdos impessoais ainda estão à minha frente. Eu fiz o que o senhor queria, mas não gostei de fazê-lo. Tive pena das cartas que li novamente depois de tantos anos. Sua imagem se formou à minha frente como o senhor era naquele tempo, com todos os seus traços amáveis, seu entusiasmo, sua gratidão efusiva, seu amor à verdade, seu desabrochar após o primeiro contato com a análise.⁷²

Como falado anteriormente, Pfister foi apresentado a Freud e vice-versa por Carl Jung que, posteriormente veio a romper relações com Freud entre 1912 e 1913. Pfister, porém, mantém sua lealdade a Freud.

Foi uma amizade comprovada. Também na fidelidade que souberam demonstrar em tempos difíceis. Particularmente significativa foi a fidelidade demonstrada por Pfister a Freud por ocasião da ruptura com Jung e, através dele, com todo o grupo suíço. Apenas o analista-pastor permaneceu na Suíça ao lado de Freud. Tudo isso, ademais, levando em conta que os pontos de divergência existentes entre Pfister e

⁷⁰ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 67.

⁷¹ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 33-34.

⁷² FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 141.

o mestre vienense pareciam indicar que o fiel da balança se inclinaria para o lado da psicologia junguiana. O conceito de sexualidade e as divergências nas formas de conceber o fato religioso foram, com efeito, dois pontos críticos em que Freud e Jung encontraram motivos para a sua separação. E foram justamente nesses dois aspectos que Freud e Pfister divergiram mais profundamente.⁷³

A família Freud foi profundamente impactada com a aproximação de um personagem que era absolutamente distinto de todos os Freud. Dentro desse contexto, a figura de Oskar Pfister era absolutamente chamativa e intrigante. Era um homem alto e de postura forte, com um extenso bigode. Contudo, não eram apenas seus atributos físicos que chamavam atenção, mas principalmente “sua indumentária típica de pastor protestante, as maneiras afáveis características de um bom clérigo e, particularmente, o tratamento atencioso, próximo e afetuoso dispensado a todos os membros do grupo familiar.”⁷⁴

Freud ficou impressionado como Pfister conseguia chamar atenção de todos, inclusive dos seus filhos. É notório que todos da família foram marcados pelas visitas de Pfister, mas uma pessoa de particular importância precisa ser evidenciada. Trata-se de Ana Freud, que era naquele momento a filha mais nova de Sigmund e, posteriormente, se tornou uma figura de grande relevância na psicanálise. Ela destacou:

No ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com seus trajes, aparência e atitude de um pastor, era uma aparição de um mundo estranho. No seu modo de ser não havia nada da atitude científica quase apaixonada e impaciente, com a qual outros pioneiros da análise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família - como uma interrupção das suas discussões teóricas e clínicas. Pelo contrário, seu calor humano e entusiasmo, sua viva participação também nos fatos mínimos do cotidiano entusiasmavam as crianças da casa e faziam dele um hóspede bem-vindo em qualquer tempo, uma figura humana impar em seu modo de ser. Para elas, segundo um dito de Freud, Pfister era não um "santo homem" mas um tipo de "flautista de Hamelin", que só precisava tocar seu instrumento para ter um bando inteiro obediente atrás de si.⁷⁵

“Aquele impressão que ficou gravada em Ana Freud por ocasião da primeira visita do pastor protestante à casa dos Freud revela a atitude típica de

⁷³ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. Pg. 62-63.

⁷⁴ WONDRAČEK, K. E. K. O amor e seus destinos, pg. 13.

⁷⁵ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg.18-19.

Pister, o seu modo humano de ser e de possuir interesses mais amplos que os de cunho estritamente científico ou intelectual.”⁷⁶

Após o encontro com a psicanálise, Oskar Pfister passou, pois, a se converter num *Analysempfarrer*, ‘o pastor da análise’. num bom amigo de Freud. Por um lado, chegou a obter, sendo clérigo, reconhecimento e respeito no campo psicanalítico. Por outro lado, como cristão otimista e apaixonado, pôde conquistar a amizade sincera e até mesmo carinhosa do pessimista destruidor de ilusões que se vangloriava até mesmo de ser um judeu infiel. Procediam de duas culturas, etnias e religiões muito diferentes e, em tantas ocasiões já ocorridas e ainda por ocorrer, se enfrentariam violentamente. Traziam histórias familiares, educação e relações muito distantes entre si em comportamento e estilo. Pertenciam a dois campos de pensamento, a ciência e a religião, que se achavam numa batalha frontal desde a Ilustração. Tudo acabava por configurar dois modos de ser muito distintos entre si. Talvez por isso podemos pensar tenham podido encontrar um no outro o interlocutor que pulsava nos seus respectivos interiores.⁷⁷

Por vezes, Freud se surpreendeu pelo fato daquela amizade ser tão duradoura e concreta. Assim como por apreciar as contribuições de Pfister, mesmo que estas estivessem, de alguma forma, ligadas à religião. Freud ficou profundamente agradecido pelo artigo que Pfister publicou intitulado “*Ein Fall von psychoanalytischer Seelsorge und Seelenheilung*” [Um caso de cura psicanalítica de almas e convalescença da alma], num periódico protestante. Numa carta de 13 de março de 1909 ele afirma: “não posso expressar melhor os meus agradecimentos pela sua última publicação na *Evangelische Freiheit* [Liberdade protestante].”⁷⁸

Freud gosta tanto daquilo que Pfister está produzindo e contribuindo para a psicanálise, que incentiva que ele continue. A admiração não se restringia ao caráter que o amigo demonstrara, mas também às suas contribuições com sua atuação clínica e teórica e, deste modo, o incentiva a continuar publicando seus artigos: “Siga escrevendo corajosamente e deixe-me saber sempre das suas lutas e vitórias”⁷⁹ Em 13 de junho de 1909, Freud volta a escrever a Pfister, novamente estimulando-o à produção: “As notícias sobre suas atividades e múltiplos interesses têm para mim, cada vez mais, o efeito de um refrigerio”⁸⁰

⁷⁶ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião*, pg. 35.

⁷⁷ MORANO, C. D.. *Psicanálise e religião*, pg. 23.

⁷⁸ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Pg. 29.

⁷⁹ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*, pg. 35.

⁸⁰ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*, pg. 35.

Numa carta de 04 de outubro de 1909, Fred faz um pedido inusitado a Pfister. Que ele o encaminhasse publicações da área da teologia que falasse sobre psicanálise, mesmo que fossem críticas: “Muito me alegrarei se o senhor me enviar publicações da sua área, de preferência em quantidade, também dos adversários, ou me der as referências sobre onde as encontrar. Estamos reunindo na Biblioteca da Sociedade⁸¹ tudo o que se refere à psicanálise”⁸²

Pfister realiza o pedido de Freud, afinal, em 5 de novembro de 1909 Freud escreve agradecendo pelas publicações enviadas: “Recebi hoje o caderno de setembro-outubro da Evangelischen Freiheit, como eu presumo, enviado de sua parte, e lhe agradeço cordialmente por isso.”⁸³

Numa carta de 24 de janeiro de 1910, Freud relata a Pfister sua admiração pelo modo como o amigo foi capaz de lidar com algumas críticas à psicanálise “eu o admiro pelo fato de que possa escrever desta forma tão moderada, humana, cheia de tolerância, tão objetiva, tão mais para o leitor que contra o inimigo. Sem dúvida, pedagogicamente o mais correto e o mais adequado para a sua posição”⁸⁴. Ele ainda relata que não teria conseguido escrever de forma tão moderada, mas exporia toda sua raiva:

Agradeço-lhe especialmente porque, no que foi possível, tenha deixado minha pessoa em segundo plano. Contudo, eu não seria capaz de escrever assim, prefiro não escrever coisa alguma, isto é, nem sequer estou escrevendo. Eu só poderia escrever para livrar a *minha* alma, revelar o *meu* afeto. Mas como isso não teria um resultado diferente, e também alegraria muito o adversário, que gosta de me ver irritado, prefiro nem responder. [...] como não sei apresentar a minha raiva artisticamente moderada, nem agradavelmente contagiante, eu me calo. Reduzir a temperatura eu não poderia jamais. Espero que também o senhor não continue polemizando nem com Foerster nem com outro da sua casta, mas que, de preferência, gaste papel e pena para comunicar seus próprios trabalhos. Deixemos que continuem latindo e sigamos adiante nosso íngreme caminho.⁸⁵

Freud ficou profundamente decepcionado quando Pfister lhe comunica que não poderia comparecer ao Congresso Psicanalítico de Nuremberg: “A comunicação de que o senhor não poderá vir a Nuremberg é para mim uma cruel

⁸¹ Sociedade Psicanalítica de Viena.

⁸² FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 41.

⁸³ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 42.

⁸⁴ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 46.

⁸⁵ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 46.

decepção”⁸⁶ escreveu ele em 6 de março de 1910. Numa carta de onze dias depois, ele volta a falar no assunto do congresso, lamentando que os psicanalistas de Zurique não possam participar: “Ainda não me conformei com o fato de que o senhor não poderá vir a Nuremberg. Bleuler também não virá, Jung está na América [...] O que será se meus zuriquenses me abandonarem?”⁸⁷ Morano explica que:

Freud se apoiara muito especialmente no grupo psicanalítico de Zurique e não no grupo mais próximo de Viena. O grupo suíço, que gozava de importante reconhecimento internacional, oferecia maiores perspectivas de abertura para o exterior que o de Viena, mais pobre e, ao mesmo tempo, mais provinciano. Zurique representava para Freud a chave que o libertaria da atmosfera claustrofóbica do círculo psicanalítico vienense. Os zuriquenses não eram velhos, não eram vienenses e não eram judeus [...]. Desde os primórdios, portanto, já no primeiro Congresso de Salzburgo, em 1910, o grupo suíço revelou-se possuidor de um peso específico mais importante que o de Viena. “Que acontecerá se meus zuriquenses me abandonarem?”, exclamava Freud.⁸⁸

A amizade entre Freud e Pfister continuou se desenvolvendo e progredindo apesar das diferenças entre eles e, com essa amizade, o que também progrediu foram as discussões e contribuições teóricas de ambos para área da psicanálise e religião. No ano de 1921, Pfister envia mais textos a Freud, entre eles, *Experimental dreams concerning theoretical subjects* [Sonhos experimentais referentes a assuntos teóricos], sobre o qual Freud afirma em sua correspondência a Pfister em 17 de abril de 1921: “Com certeza seu texto vai despertar interesse na Imago”⁸⁹ Mesmo após divergências teóricas e políticas, Freud ainda fica feliz em poder dialogar com o cura de almas psicanalista, como ele relata em sua carta de 20 de maio de 1921:

Só posso expressar a satisfação de que o senhor, como santo homem, não se tenha deixado intimidar com um relacionamento tão herético. Que ele resulte sempre, como a nós, para o seu bem – como foi até aqui! Mas o fato é que o senhor já foi aceito há muito tempo na família. Na esperança de que o senhor permaneça fiel (“muito louvado e muito ralhado”), continuo, talvez por mais alguns anos, seu fiel.⁹⁰

⁸⁶ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 47.

⁸⁷ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 49.

⁸⁸ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 63.

⁸⁹ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 108.

⁹⁰ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 109.

A amizade de Freud e Pfister foi sólida. Até o fim de suas vidas conservaram, um pelo outro, afeto pessoal e admiração intelectual. Não foi só por ocasião do rompimento entre Freud e Jung que se pode ver a fidelidade de Pfister a Freud, mas ele permaneceu fiel até mesmo depois da morte do amigo Sigmund.

A fidelidade ficou demonstrada inclusive depois da morte de Freud. Em 1952, pouco antes de ele próprio morrer, Pfister cruzou ainda a sua espada para bater-se com Karl Jaspers, respondendo a uma publicação do famoso filósofo e psiquiatra na qual ele afirmava que a psicanálise implicava uma cosmovisão comparável ao marxismo e que considerava ambas puras ideologias. Entendia, além disso, que a psicanálise derivava de um princípio psicológico niilista que se opunha tanto à ciência como à filosofia. Pfister discute em sua resposta a influência de Freud na medicina e na filosofia e destaca sua importância tanto num campo como no outro.⁹¹

O que se sabe é que a fidelidade que Pfister demonstrava a Freud era recíproca. Morano também fala da fidelidade de Freud a seu amigo pastor:

De sua parte, Oskar Pfister pôde experimentar também a fidelidade de seu mestre e amigo, não apenas quando encontrou sua proximidade e seu apoio pessoal nos momentos em que comunicava seus segredos mais íntimos, mas também quando se encontrou em dificuldade no próprio campo da psicanálise, quer por sua condição de não-médico, quer pela oposição que encontrava em suas teorizações e em seus modos técnicos de proceder. Já tivemos ocasião de constatar como Freud situou-se mais de uma vez ao lado de Pfister, mesmo nas situações em que se mostrava teoricamente mais de acordo com os argumentos de seus opositores, como foi o caso das terapias breves. Foi, porém, sobretudo a Emil Obelhozer, presidente da Sociedade Suíça de Psicanálise e oponente principal de Pfister em Zurique, a quem Freud enfrentou mais claramente em defesa do pastor, aconselhando a este último, de sua parte, que se esquecesse daquele "nescio teimoso".⁹²

A psicanálise naquele momento era praticada majoritariamente por médicos. Todos que não estavam na classe sofriam pressões contra sua atuação psicanalista. Pfister sofreu muitas dessas pressões. Certa vez, Pfister solicitou o ingresso na Sociedade Psicanalítica Internacional. Ele havia se queixado que estava sendo levado a retirar sua solicitação. Contudo, "Freud intervém na questão, assegurando a Pfister o ingresso e pertencimento à Sociedade, ao mesmo tempo em que procura levar Pfister a compreender as prevenções contra

⁹¹ MORANO, C. D.. Psicanálise e religião, pg. 66.

⁹² FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 66-67.

ele.”⁹³

Uma amizade feita de contidências e compromissos mútuos, de suma tolerância nas importantes divergências e de uma fidelidade comprovada ao longo de tantos anos foi também a base para um enriquecimento mútuo, tanto no campo intelectual e profissional como no âmbito mais pessoal da vida. Diferentemente de outras relações mantidas por Freud depois das de Fliess e Jung, talvez tenha sido aquela em que mais desfrutou de um contato mais estritamente pessoal. Pelo menos, foi nesse terreno que encontrou o cimento mais sólido.⁹⁴

O diálogo entre Pister e Freud não só ampliou o horizonte psicanálise que estava em seus primórdios, mas também aumentou as perspectivas de teologias tradicionalistas que, muitas vezes, não contempla o homem como todo. Vários outros analistas percorreram o caminho inaugurado por Pfister em diálogo com Freud, como Donald Woods Winnicott (1896-1971) e Erich Fromm (1900-1980). O principal legado de Pfister foi de ser um hábil interlocutor entre ciência e fê. Apesar do seu amigo e mestre induzi-lo a pensar que as duas coisas não caminhavam juntas, Pfister prosseguiu. Apesar de todas as resistências, ele seguiu adiante. Seu interesse se apoiava no humano e nos seus sofrimentos.

O resgate às contribuições de Pfister e Freud é um apelo para que se aprofunde cada vez mais o tema da psicanálise na área teológica. Depois da fase em que muitos apostavam no declínio da religião, inclusive Freud, agora se vive o ressurgimento da religião nos dias atuais e, deste modo, se faz necessário trazer à luz Psicanálise e teologia. Assim, será possível construir uma psicologia da religião que se apoia no diálogo e respeito às diferenças teóricas. Mas que tem como objetivo primordial auxiliar àqueles que sofrem psiquicamente. Mas não só isso, também auxiliar aqueles que sofem sem sua alma. Ou seja, ser um “cura da mente” e “um cura da alma”.

⁹³ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 67.

⁹⁴ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939), pg. 67.

3

Transferência

Este capítulo tem como objetivo apresentar o conceito da transferência, e também apresentar como se deu a análise da transferência como peça chave no processo psicanalítico em Freud. O termo transferência não é particular do arcabouço teórico psicanalítico. Utilizado em várias áreas, implica sempre uma ideia de deslocamento. “A existência da transferência é atestada, antes de Freud, por uma terminologia abundante: afinidade, influência sonambúlica, necessidade de direção, transposição afetiva etc.”⁹⁵

Quando se fala em transferência, geralmente é considerando-a como transposição de relações passadas para relação presente, porém, é mais do que apenas isso. “Possui, de fato, um sentido muito geral, próximo do de transporte, mas implica um deslocamento de valores, de direitos, de entidades, mais do que um deslocamento material de objetos”.⁹⁶ “Esta condição de transporte está implicada na acepção da transferência como relação ao outro.”⁹⁷

Portanto, pode-se afirmar que existe uma gama extensa de discussões sobre o tema da transferência e, mais do que isso, ainda estão se construindo muitas teorizações.

Conforme as escolas, as divergências são múltiplas quanto a seu lugar no tratamento, seu manejo pelo analista e o momento e os meios de sua dissociação. Um século depois do nascimento da psicanálise, o conceito de transferência ainda é objeto de um debate contraditório, cuja origem se encontra na história de seu reconhecimento, de sua avaliação teórica e de sua utilização por Freud a partir do abandono da hipnose e da catarse.⁹⁸

A transferência não pode ser vista apenas como um conceito, mas “a transferência em si já nos fala de algo vivo. Isso porque ela emerge do contato emocional dos pacientes com a situação analítica”⁹⁹. No entanto, a transferência não é um elemento vivido pelo analisando, mas “hoje sabemos que exatamente o acontecimento transferencial também induz o analista a produzir uma resposta

⁹⁵ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767.

⁹⁶ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 515.

⁹⁷ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 123.

⁹⁸ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767.

⁹⁹ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 100.

emocional frente ao seu paciente.”¹⁰⁰ Considerando essa realidade compartilhada, podemos apontar que a realidade transferencial é vivenciada de forma “orgânica”. É necessário explicitar que esse encontro entrelaça duas pessoas, e “envolve afetos, sentimentos, vivências inconscientes que vão engendrar mutualidade, o que nos permite dizer: estamos falando de um tratamento que se insere no âmbito da intersubjetividade.”¹⁰¹

3.1.

A origem da transferência com o caso Anna O.

Desde o início, Freud percebeu a origem de muitos dos fenômenos patológicos que chegavam até ele. Logo, isso fez com que se encantasse com os trabalhos sobre a hipnose, uma vez que este método possibilitava produzir ou suprimir sintomas pela sugestão do hipnotizador. Contudo, a hipnose se mostrou uma solução que gerava resultados pouco duradouros, o que se tornou uma grande problemática.

Se o tratamento ideal devia ser rápido, confiável e não desagradável para o paciente, a hipnose era um achado, pois respondia bem a pelo menos dois desses itens: era rápida e não desagradável. A confiabilidade, no sentido de suprimir eficazmente os sintomas, é que era problemática. Se a autoridade do médico, por alguma razão, se enfraquecia para o paciente, o sintoma voltava.¹⁰²

Insatisfeito com o problema encontrado e sob influência do método catártico de Joseph Breuer¹⁰³, Freud faz uma primeira modificação no método hipnótico: ao invés de impor ao paciente uma sugestão que suprimia o sintoma, tinha a intenção de explorá-lo a fundo, a fim de tornar a situação traumática consciente para o sujeito e desvelar o afeto que se encontrava “bloqueado”. No entanto, neste ponto surge uma questão crucial que Freud precisava responder: por que a repetição da cena traumática eliminaria seu efeito destrutivo ao sujeito? “No

¹⁰⁰ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 100.

¹⁰¹ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 100.

¹⁰² MAURANO, Denise. A transferência., pg. 11.

¹⁰³ Era um conhecido e respeitado médico de Viena, com quem Freud tinha ótimas relações de amizade e que foi, durante muito tempo, alguém que o ajudou financeiramente, emprestando-lhe dinheiro regularmente para que continuasse com suas pesquisas. Foi professor e uma figura paterna para o jovem Freud. Breuer inventou o método catártico para o tratamento da histeria, redigiu com ele a obra inaugural da história da psicanálise, Estudos sobre a histeria, e foi o médico de Bertha Pappenheim que, sob o nome de Anna O., se tornaria o caso principal das origens do freudismo.

desdobramento dessa questão é que Freud descobrirá a função da transferência na relação com a paciente, o que o fará abandonar o método catártico para criar o método psicanalítico.”¹⁰⁴

É fundamental citar a história de Bertha Pappenheim, paciente de Breuer. Esse caso foi tão importante na pré-história da psicanálise que muitas pessoas pensam que ela foi paciente de Freud. Contudo, somente em 1889, ou seja, sete anos após a finalização do caso de Bertha, Freud realizaria seu primeiro tratamento por este método.

Antes que Freud começasse a clinicar, Breuer teve Bertha Pappenheim como sua paciente, entre 1880 e 1882. Somente anos depois, com muita insistência de Freud, Breuer concordou em publicar esse caso. Publicou-o junto com outros casos clínicos de Freud, nos Estudos sobre histeria (1893-1895), sob o pseudônimo de Anna O.

Anna O tinha 21 anos de idade e apresentava uma grande quantidade de sintomas como paralisias por contratura, anestésias, tosses constantes, angústia, mudanças repentinas de humor, entre outros. “Quando acolhida em tratamento por Breuer, pôs em marcha aquilo que ela mesma denominou, de modo sério, cura pela conversa, e de maneira jocosa, limpeza de chaminé.”¹⁰⁵

O tratamento deu-se a partir da sugestão hipnótica, e a intenção era investigar a amnésia característica dos pacientes histéricos. Para tanto, era função do médico ouvir a paciente sem interrompê-la. Durante o anoitecer, era comum que Anna O entrasse num estado de auto-hipnose, ou consciência secundária, o que facilitava o procedimento.

Breuer conta que o fenômeno histérico se dissipava logo que, sob hipnose, ela conseguia reproduzir o evento que o havia ocasionado, expressando o afeto contido a ele correlacionado. A excitação psíquica relativa a esse afeto encontrava assim sua devida expressão e, com isso, não precisava mais ser convertida em excitação somática. Ou seja, o sintoma desaparecia.¹⁰⁶

Com o tempo, Anna O. foi melhorando, porém, a finalização do trabalho é relatada de forma obscura. Algumas publicações apontam para problemas que surgiram: “Por exemplo, a esposa de Breuer, enciumada por causa dos cuidados e

¹⁰⁴ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 12.

¹⁰⁵ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 13.

¹⁰⁶ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 13.

a atenção que a moça despertava em seu marido, resolveu pressioná-lo a encerrar o trabalho e lhe propôs fazerem uma viagem para uma segunda lua-de-mel.”¹⁰⁷ A preocupação da esposa foi percebida como exagerada por Breuer, porém, ele preferiu dar fim ao tratamento, uma vez que percebia a melhora de Anna O. O anúncio do fim do tratamento trouxe à tona uma realidade transferencial que deixou o Breuer perplexo:

No mesmo dia em que comunicou essa decisão a Anna O., ele foi chamado às pressas à sua casa, pois ela encontrava-se em uma grave crise histérica, de gravidez psicológica, na qual “simulava” um parto de um filho dele. A cena apavorou o médico respeitável, que dizia jamais ter percebido na paciente qualquer interesse sexual, e certamente assustado por ver-se como pivô de toda aquela excitação confirmou sua saída de cena: depois de acalmar a moça, partiu em viagem com a esposa.¹⁰⁸

Todo o ocorrido fez com que Breuer parasse de utilizar seu método, embora tudo aquilo tenha aguçado sua curiosidade sobre as possibilidades. Esse fato, inclusive, levou Freud a investigar o fenômeno em sua clínica. Depois disso, Anna O. passou alguns anos internada em instituições, mas se recuperou e tornou-se a primeira assistente social da Alemanha.

Foi observando os impasses que levaram ao fracasso de Breuer no tratamento de Anna O. e investigando essa explosão de afetos suscitados na relação da paciente com o médico, que Freud percebeu o fenômeno espontâneo da transferência e a complexidade dessa relação, o que o levou a renunciar à hipnose e criar o método psicanalítico.¹⁰⁹

3.2

A conceituação e definição da transferência

Não é simples trazer uma definição de transferência, uma vez que essa noção assumiu uma extensão muito ampla. O Conceito se tornou tão importante ao ponto de designar todo o conjunto de elementos que constituem a relação do paciente com o psicanalista. Desta forma, “veicula muito mais do que qualquer

¹⁰⁷ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 13.

¹⁰⁸ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 14.

¹⁰⁹ MAURANO, Denise. A transferência., pg. 15.

outra noção, o conjunto das concepções de cada analista sobre o tratamento, o seu objetivo, a sua dinâmica, a sua tática, os seus objetivos, etc.”¹¹⁰

Roudinesco explica o conceito da transferência:

Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos.¹¹¹

Outra definição do termo pode ser encontrada em Laplace e Pontalis é:

Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. É à transferência no tratamento que os psicanalistas chamam a maior parte das vezes transferência, sem qualquer outro qualificativo. A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois é sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este.¹¹²

Todas as vertentes do freudismo¹¹³ afirmam que a transferência é essencial para o processo psicanalítico.

Na verdade, a inovação freudiana consistiu em reconhecer nesse fenômeno um componente essencial da psicanálise, a ponto, aliás, de esse novo método se distinguir de todas as outras psicoterapias por empregar a transferência como instrumento da cura no processo de tratamento. Todavia, esse reconhecimento não se deu espontaneamente e, até o fim da vida, Freud continuaria impressionado com a recorrência do fenômeno.¹¹⁴

Na psicanálise, a transferência se mostra como fundamental para o processo psicanalítico. No entanto, não é uma realidade apenas na clínica psicanalítica, mas também nas relações do cotidiano. Quando falamos, por exemplo, sobre aconselhamento pastoral, ali também estamos falando sobre uma

¹¹⁰ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 515.

¹¹¹ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 766-767.

¹¹² LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 514.

¹¹³ Chama-se freudismo a escola de pensamento fundada por Sigmund Freud. O freudismo inclui a totalidade das correntes que recorrem a ela, sejam quais forem suas divergências. Os adeptos de tais correntes do Freudismo são chamados freudianos.

¹¹⁴ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767.

relação transferencial. A relação entre Pfister e Freud, apresentada no capítulo anterior é, indiscutivelmente, uma relação transferencial.

Entretanto, conforme as escolas, as divergências são múltiplas quanto a seu lugar no tratamento, seu manejo pelo analista e o momento e os meios de sua dissociação. Um século depois do nascimento da psicanálise, o conceito de transferência ainda é objeto de um debate contraditório, cuja origem se encontra na história de seu reconhecimento, de sua avaliação teórica e de sua utilização por Freud a partir do abandono da hipnose e da catarse.¹¹⁵

Muitas conceituações foram e ainda continuam sendo dadas por diversos autores. Dentre os autores de destaque, vale ressaltar Melaine Klein que afirmou:

que a transferência tem origem nos mesmos processos [de amor e ódio, agressão e culpa] que, nas fases mais precoces, determinam as relações objetais (...). Durante anos, e, em certa medida, ainda hoje, tem-se compreendido a transferência em termos de uma referência direta ao analista. Minha concepção de uma transferência enraizada nas fases [estádios] mais precoces do desenvolvimento e nas camadas profundas do inconsciente é muito mais ampla, acarretando uma técnica mediante a qual se deduzem da totalidade do material apresentado os elementos inconscientes da transferência. Por exemplo, os ditos dos pacientes sobre sua vida cotidiana, seus relacionamentos e suas atividades não fazem compreender unicamente o funcionamento do eu; revelam também, se explorarmos seu conteúdo inconsciente, as defesas contra as angústias despertadas na situação de transferência.¹¹⁶

3.2.1.

Übertragung: o termo alemão para transferência.

O substantivo *Übertragung* significa "transferência"; no entanto, o termo alemão possui conotações específicas. O termo *übertragen* tem a conotação de um "arco" que aponta para o "processo de ida e vinda, seja temporalmente, entre o passado e a atualidade, seja geograficamente, entre o longe e o perto, ou de uma pessoa a outra."¹¹⁷

Em alemão, o termo possui uma plasticidade e reversibilidade: aquilo que se busca, traz e deposita pode ser levado de novo embora para outro lugar e outro tempo. Genericamente refere-se à ideia de aplicar (transpor) de um contexto para

¹¹⁵ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767

¹¹⁶ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 768.

¹¹⁷ HANNS, Luiz Alberto. Dicionário Comentado do Alemão de Freud., pg. 412.

outro uma estrutura, um modo de ser ou de se relacionar. Psicanaliticamente tais conotações linguísticas estão fortemente presentes no texto freudiano.¹¹⁸

Quando se analisa a composição do termo, se percebe o prefixo verbal *über-* que produz diversos efeitos e geralmente indica: 1) o movimento em direção a algo; 2) a ação de cobrir algo (distâncias, caminhos, objetos, pessoas etc.); 3) o deslocamento de um local para outro. Além disso, pode indicar uma ação excessiva, bem como a repetição/revisão da ação anterior. No caso da palavra *Übertragung*, o prefixo é utilizado nos sentidos 1, 2 e 3. Tem também o *-trag-* que corresponde ao radical do verbo *tragen*, que significa sustentar, carregar, usar, portar, vestir entre outros. E, por fim, há o sufixo de substantivação *-ung* que corresponde ao sufixo *-ção* na língua portuguesa.

Não se pode ter uma perfeita compreensão do substantivo *Übertragung* que é traduzido como “transferência” sem compreender o verbo *Übertragen*. A partir da análise do verbo, observa-se as seguintes conotações:

Übertragen compõe-se de *über* (por sobre) e *tragen* (carregar). Evoca um “arco de ligação” que mantém interligados dois pontos. Remete ao ato de ir buscar, de carregar por sobre uma região e trazer até nós. Refere-se a, uma imagem que tem origem, percurso e destino. Mantendo o processo todo aceso, é como se víssemos o seu desenrolar. Em português talvez pudéssemos descrever algo semelhante através da sequência: “carregar-de-lá-para-cá-e-depositar-aqui”, ou então na expressão “transportar para”. Este sentido de “carregar-de-lá-para-cá-e-depositar-aqui” pode referir-se a voltar a um ponto passado (de origem) e trazer o material para o presente. Há no termo plasticidade e reversibilidade. É como se se pudesse continuar a transitar entre os pontos. O verbo *tragen* pode referir-se a um objeto externo ou interno: 1) com relação a algo externo significa “carregar”, “portar”, “suportar um objeto” (um peso); ou 2) referindo-se a algo interno tem o sentido de “conter dentro de si” (uma doença, um feto humano, um sentimento etc.). Em uma ou outra acepção esse “carregar” faz o objeto chegar ao destino e ser depositado “intato”, na sua “forma original”¹¹⁹

Trabalhar a concepção do termo no alemão é fundamental, pois há no mesmo termo em português conotações inexistentes na língua alemã. Em português, o verbo “transferir” e o substantivo “transferência” remetem à ideia de passar de um lugar (origem) para o outro (destino), sem que este possa retornar para o lugar inicial. Deste modo, “o ponto de origem tende a ser apagado ou superado, não é mencionado, não se mantém aceso o “arco” que interliga o ponto

¹¹⁸ HANNS, Luiz Alberto. Dicionário Comentado do Alemão de Freud., pg. 412

¹¹⁹ HANNS, Luiz Alberto. Dicionário Comentado do Alemão de Freud., pg. 413.

de origem e o ponto de destino.”¹²⁰ Portanto, no português a ênfase se encontra no destino, enquanto o termo no alemão preserva a ideia de mutualidade entre a origem e o destino.

Ao traduzir-se *Übertragung* por transferência, perde-se a conotação de trânsito reversível e maleável por um "arco" que interliga o ponto de origem e o ponto de destino, "arco" este ao longo do qual é possível transitar carregando um material. Assemelha-se à palavra "transposição". Também se perdem os sentidos que enfocam a ideia de aplicação de um modo (ou estrutura) de um contexto para o outro (transpor de um contexto para outro).¹²¹

3.3.

A transferência em Freud

Como visto até aqui, “o fenômeno da transferência é a chave da invenção desse novo método de tratamento.”¹²² Mas a verdade é que nem sempre Freud viu a transferência de forma positiva. “No início, Freud não concebe a transferência como um auxiliar terapêutico; ela é considerada um obstáculo à cura – ‘uma verdadeira maldição’, diz ele. Em carta ao pastor Pfister, Freud descreve a transferência como a ‘cruz’ do psicanalista.”¹²³

Com o tempo, o fenômeno da transferência evolui na concepção de Freud. “A princípio, nos ‘Estudos sobre a histeria’ e em ‘A interpretação dos sonhos’, ele apreendeu a transferência sob o prisma de um deslocamento do investimento no nível das representações psíquicas, mais do que como um componente da relação terapêutica.”¹²⁴ Neste sentido, “referem-se ao transporte realizado pelas representações, isto é, o fato da estrutura de linguagem dos processos psíquicos, normais ou patológicos, operar com deslocamentos de sentido e afeto.”¹²⁵

Como visto no início do capítulo, o primeiro momento em que Freud se dá conta da transferência é no caso Anna O. (Bertha Pappenheim), ainda que ela não tenha sido sua paciente e que o caso seja pouco teórico. Mas,

¹²⁰ HANNS, Luiz Alberto. Dicionário Comentado do Alemão de Freud., pg. 415.

¹²¹ HANNS, Luiz Alberto. Dicionário Comentado do Alemão de Freud., pg. 415.

¹²² MAURANO, Denise. A transferência., pg. 15.

¹²³ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 102.

¹²⁴ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767.

¹²⁵ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 123.

certamente, esse é o ponto de partida para Freud, não só para percepção da transferência, como também para criação da psicanálise.

Desde 1909, Sandor Ferenczi, que não foi só o discípulo preferido de Sigmund Freud, mas também o clínico mais talentoso da história do freudismo, apontou que “a transferência existia em todas as relações humanas: professor e aluno, médico e paciente etc. Mas ele notou que, na análise, tal como na hipnose e na sugestão, o paciente colocava inconscientemente o terapeuta numa posição parental.”¹²⁶

Em 1912, no texto “A dinâmica da transferência”, primeiro texto dedicado a essa questão, Freud diferencia a transferência positiva, construída por ternura e amor, da transferência negativa, formada por hostilidade e agressividade. Além de apontar também para transferências mistas, que reproduzem esses sentimentos de forma ambivalente. Em 1920, no texto “Além do princípio de prazer”, Freud enfatizou mais uma vez o aspecto repetitivo da transferência. “A transferência foi concebida por Freud como um terreno no qual é preciso conseguir uma vitória. Utilizada pelo analista, ela é, na verdade, ‘o mais poderoso adjuvante do tratamento’”¹²⁷

As transferências não são uma realidade a ser vivida somente pelo paciente, mas também pelo analista. Tais transferências formadas pelos deslocamentos não são as mesmas para os dois sujeitos.

A disparidade entre as cadeias que estruturam cada sujeito implica um hiato na relação entre os falantes. As identificações de reciprocidade e semelhança, tão necessárias às funções sociais, encobrem a disparidade existente no registro simbólico inconsciente, conferindo todos os riscos para que se implique o outro em conexões inconscientes prévias do sujeito. No início do tratamento psicanalítico, em continuidade com a experiência humana em geral, há uma transferência já presente, espontânea, em relação à qual incidirá o manejo especificamente psicanalítico, distinto das demais formas culturais de se lidar com o fenômeno.¹²⁸

Quando se fala da transferência dentro da clínica psicanalítica, fala-se de algo de suma importância, pois “é um fenômeno que ocorre já nas entrevistas iniciais, ainda que muitas vezes só possa ser reconhecido como tal a posteriori.”¹²⁹

¹²⁶ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 767.

¹²⁷ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 768.

¹²⁸ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 123.

¹²⁹ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 123

Freud comenta que a transferência inicial tende a se manifestar como repetição em ato na sessão, e não como recordação:

No intuito de marcarmos a diferença, podemos dizer que o analisando não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalado, mas ele atua com aquilo. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber que o repete. Por exemplo: o analisando não conta que lembra ter sido rebelde e incrédulo diante da autoridade dos pais, mas se comporta dessa forma diante do médico.¹³⁰

O vínculo particular que cada pessoa institui com o analista no ato psicanalítico antecipa um outro vínculo inconsciente, que constata-se no decorrer das análises. Muitas vezes, este vínculo é justamente o que o levou a buscar tratamento. “Se esta antecipação ocorre em qualquer relação social, no laço psicanalítico ela se distingue por ser a própria matéria de que se deve tratar, e o que fornece a condição de sua operação.”¹³¹

3.3.1.

“Sobre a dinâmica da transferência”

Neste ponto, esboçar-se-á o conteúdo do primeiro e mais importante texto de Freud sobre a transferência, intitulado “A dinâmica da transferência”, escrito em 1912. A primeira afirmação de Freud nesse texto chama a atenção e rege também o presente trabalho: “o tema da transferência é difícil de ser esgotado.”¹³² Portanto, ele não pretende esgotar o assunto, mas traçar considerações sobre como a transferência se desencadeia durante o tratamento psicanalítico, e como se torna peça chave dentro da relação entre analista e analisando.

Quando se pensa sobre o humano, necessariamente está se pensando em um ser de altíssima complexidade em todas as esferas. A junção das predisposições inatas e também a construção das relações que cercam o humano, principalmente na infância, é inseparável do seu modo de ser nas suas relações. “todas as pessoas adquiriram uma determinada idiossincrasia ao conduzirem a sua vida amorosa, ou seja, daí vêm as condições que a pessoa estipula para o amor, as pulsões a satisfazer e as metas almejadas.”¹³³ Tudo isso não está ligado apenas à

¹³⁰ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 155.

¹³¹ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 124.

¹³² FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 107.

¹³³ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 107.

personalidade consciente do indivíduo, mas também ao inconsciente que não é acessado facilmente.

Nossas experiências mostraram, então, que dessas moções que determinam a vida amorosa, apenas uma parte passou pelo pleno desenvolvimento psíquico; essa parte está voltada para a realidade, à disposição da personalidade consciente, e constitui uma parte desta. Outra parte dessas moções libidinosas¹³⁴ foi detida em seu desenvolvimento, foi mantida distante da personalidade consciente e da realidade, e só conseguiu se expandir na fantasia ou então permaneceu totalmente no inconsciente, sendo, portanto, desconhecida para a consciência da personalidade.¹³⁵

O ser humano tem sempre o desejo de ser amado e aceito, por isso existe tanto esforço em busca de aceitação social. “Aquele cuja necessidade de amor não é satisfeita plenamente pela realidade terá de se aproximar de cada nova pessoa que se avizinha com representações de expectativas libidinosas.”¹³⁶ Todas essas expectativas são alimentadas e têm a participação de elementos conscientes e inconscientes.

Portanto, é totalmente normal e compreensível que o investimento libidinal [Libidobesetzung] de uma pessoa parcialmente insatisfeita, carregado de muita expectativa, também se volte para a figura do médico. Conforme o nosso pressuposto, esse investimento irá se guiar por modelos, irá dar sequência a um dos clichês presentes na respectiva pessoa ou, como também poderíamos afirmar, irá inserir o médico em uma das "sequências" psíquicas que o paciente em sofrimento formou até aquele momento. As peculiaridades da transferência para o médico, ultrapassando a medida e o tipo daquilo que se justificaria de forma sóbria e racional, será compreensível a partir da consideração de que, justamente, não foram apenas as representações de expectativas conscientes, mas também as retidas ou inconscientes que produziram tal transferência.¹³⁷

Freud aponta para dois pontos nebulosos dentro da transferência e de grande interesse para os psicanalistas. O primeiro tem a ver com o fato da transferência ser mais intensa nas pessoas neuróticas do que nas outras pessoas. E o segundo, o fato da transferência ser também o mais forte fator de resistência contra o tratamento, embora seja ela um fator de cura.

¹³⁴ Sigmund Freud retomou o termo numa acepção inteiramente distinta, para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular, entendida como causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor-próprio (narcisismo) e sublimação.

¹³⁵ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 108.

¹³⁶ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 108.

¹³⁷ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 109.

Uma experiência confirmada inúmeras vezes, aleatoriamente, mostra que todas as vezes em que as associações livres de um paciente são impedidas¹³⁸, o impasse pode ser resolvido a partir da garantia ao paciente de que agora ele está sob o domínio de uma ideia que lhe ocorreu que diz respeito à pessoa do médico ou a algo ligado a ele. Assim que se presta esse esclarecimento, o obstáculo desaparece, ou então a situação de fracasso foi transformada em uma situação de ocultação de tais ideias que lhe ocorreram.¹³⁹

Num primeiro momento, parece ser uma grande desvantagem da abordagem psicanalítica ter a transferência como a força mais poderosa para o sucesso e, ao mesmo tempo, o meio mais forte de resistência a ser enfrentado. Contudo, quando se olha mais de perto, “não é correto afirmar que a transferência aparece mais intensamente e de forma mais desmedida durante a Psicanálise do que fora dela.”¹⁴⁰ Ou seja, a transferência é uma realidade de sucesso ou fracasso em todos os ambientes sociais. Deste modo, podemos perceber que isso ocorrerá nas relações vividas dentro do contexto religioso, uma vez que ali estão acontecendo vários tipos de relações interpessoais. “Essas características da transferência, portanto, não devem ser colocadas na conta da psicanálise, mas sim atribuídas à própria neurose.”¹⁴¹

A transferência ocorre espontaneamente em todas as relações humanas, já que é incessante este movimento de dentro para fora, de fora para dentro. Logo, a transferência emerge da vida, porque ela vai apontar para um infundável vir-a-ser; nesse sentido ela é estruturante.¹⁴²

Quando Freud tenta elucidar toda a situação do tratamento, ele resgata o termo de Jung denominado introversão da libido, isto é:

Esse problema, em que perguntamos por que na Psicanálise a transferência aparece como obstáculo, precisa ser analisado mais atentamente. Visualizemos a situação psicológica do tratamento: um pré-requisito regular e imprescindível de toda psicose é o processo que Jung com precisão chamou de introversão da libido. Isso significa o seguinte: a porção da libido capaz de chegar à consciência e voltada à realidade é diminuída, e a porção apartada da realidade, inconsciente, que, por exemplo, ainda alimenta as fantasias da pessoa, mas pertence ao inconsciente, é aumentada proporcionalmente. A libido moveu-se (total ou

¹³⁸ Impedidas significa o momento em que elas de fato cessam, e não quando o paciente não as externa devido a um simples sentimento de desprazer.

¹³⁹ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 110.

¹⁴⁰ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 110.

¹⁴¹ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 110-111.

¹⁴² PALHARES, M. do C. A., Transferência e contratransferência, pg. 102.

parcialmente) para a regressão, reanimando as imagens infantis. É nessa direção que segue, então, o tratamento analítico, que quer resgatar a libido, torná-la novamente acessível à consciência e, por fim, colocá-la a serviço da realidade. Nos pontos em que a pesquisa analítica topa com a libido recolhida em seus esconderijos, necessariamente eclode uma batalha; todas as forças que causaram a regressão da libido irão se levantar como "resistências" contra o trabalho, para conservar esse novo estado. É que se a introversão ou regressão da libido não tivesse se justificado por uma determinada relação com o mundo externo (em sua forma mais geral, através do impedimento (Versagung) da satisfação) e sido, ela própria, adequada para aquele momento, ela nem poderia ter se formado. As resistências com essa origem, no entanto, não são as únicas, nem mesmo as mais fortes. A libido disponível para a personalidade sempre esteve sob a atração dos complexos inconscientes (ou, mais corretamente: as porções desses complexos pertencentes ao inconsciente) e resvalou para a regressão, porque a atração da realidade tinha ficado menos intensa. Para libertá-la, essa atração do inconsciente agora precisa ser superada. Ou seja, o recalque [Verdrängung] das pulsões inconscientes desde então constituídas no indivíduo e suas produções precisam ser suspensos. Isso resulta na parte de longe mais grandiosa da resistência, que tão frequentemente faz perdurar a doença, mesmo quando o afastamento da realidade volta a perder a justificativa provisória. A análise tem de lutar contra as resistências de ambas as fontes. A resistência acompanha o tratamento a cada passo; cada ocorrência [Einfall], cada ato do analisando precisa prestar contas à resistência e coloca-se como um acordo entre as forças que objetivam a cura e aquelas mencionadas, que a elas se opõem.¹⁴³

A partir da explicação dada acima, aqui se encontra a transferência como resistência ao médico, como, por exemplo, uma interrupção. “Sempre que nos aproximamos de um complexo patogênico, a porção do complexo capaz de transferência é empurrada para consciência e defendida com maior insistência.”¹⁴⁴

Outra questão importante é o tempo. Quando mais intensa e duradoura a transferência for, maior será o efeito e a expressão da resistência. Portanto, “passamos a viver analiticamente situações paradoxais: o que faz caminhar pode destruir o caminho. Além disso, quanto mais avançamos, maior é o risco de recuo; assume, pois, a regressão, valor de travessia das zonas traumáticas e conflitivas.”¹⁴⁵

Umas das questões mais difíceis de lidar é, justamente, o fato de a transferência ser um dos principais elementos do sucesso e do fracasso. Freud explica como se dá a relação transferencial entre analista e paciente para possibilitar o ambiente de confissão:

¹⁴³ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 111-112.

¹⁴⁴ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 113.

¹⁴⁵ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 102

Uma relação de proximidade carinhosa e devotada, poderá ajudar a superar todas as dificuldades de admitir [tais afetos]. Como sabemos, costuma-se dizer, em condições reais análogas: "não tenho vergonha diante de ti, a ti eu posso dizer tudo". A transferência para o médico, portanto, poderia servir também para aliviar o peso da confissão.¹⁴⁶

Outra questão importante trazida por Freud é a distinção entre “transferência positiva” e “transferência negativa”, ou seja, uma transferência de sentimentos carinhosos e uma transferência de sentimentos hostis. “A transferência positiva subdivide-se ainda naquela de sentimentos carinhosos, capazes de chegar à consciência, e naquela que chegue pela via inconsciente.”¹⁴⁷ Para Freud,

análise comprova que elas remontam regularmente a fontes eróticas, de modo que temos de chegar à conclusão de que todas as nossas relações emotivas utilizáveis ao longo da vida, como simpatia, amizade, confiança e assemelhados, têm associação genética com a sexualidade e se desenvolveram pelo enfraquecimento da meta sexual a partir de desejos puramente sexuais, por mais que eles se apresentem como puros e não sensuais por nossa auto percepção consciente. Originalmente, conhecíamos apenas metas sexuais; a Psicanálise nos mostra que as pessoas de quem apenas gostamos ou que admiramos em nossa realidade ainda podem continuar sendo objetos sexuais em nosso inconsciente.¹⁴⁸

É importante ressaltar que “a transferência para o médico só se mostra propícia à resistência durante o tratamento enquanto ela for transferência negativa ou positiva de moções eróticas recalcadas.”¹⁴⁹ O grande objetivo é tornar a transferência consciente, pois “se suspendermos a transferência tornando-a consciente, desprenderemos da pessoa do médico apenas o componente do ato emotivo.”¹⁵⁰

Nesse sentido, admitimos que os resultados da Psicanálise se dão com base em sugestão; desde que se entenda por sugestão aquilo que compartilhamos com Ferenczi: o sugestionamento de uma pessoa por meio dos fenômenos de transferência que nela são possíveis. Nós cuidamos da autonomia final do paciente, na medida em que utilizamos a sugestão para fazê-lo desempenhar um trabalho psíquico que tem como resultado necessário uma melhora duradoura de sua situação psíquica.¹⁵¹

¹⁴⁶ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 114.

¹⁴⁷ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 115.

¹⁴⁸ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 115.

¹⁴⁹ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 115.

¹⁵⁰ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 115.

¹⁵¹ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 116.

Quando se fala na transferência negativa, ela pode, muitas vezes, estar atrelada à transferência positiva na mesma pessoa, situação chamada por Bleuler¹⁵² como “ambivalência”¹⁵³.

Uma tal ambivalência de sentimentos parece ser normal até determinado grau, mas um alto grau de ambivalência certamente será a marca específica de pessoas neuróticas. No caso da neurose obsessiva, parece ser característica a precoce "separação dos pares de opostos" para a vida pulsional, parecendo ser também uma de suas condições constitucionais. A ambivalência das inclinações emocionais é a que melhor explica a capacidade dos neuróticos de colocar as transferências a serviço da resistência. Ali onde a capacidade de transferência se tornou essencialmente negativa, tal como nos paranoídes, acaba a possibilidade de influência e de cura.¹⁵⁴

A partir de tudo o que foi falado até aqui, podemos perceber que a relação psicanalítica, como se dá a transferência e como essa transferência se transforma em resistência, são demasiadamente complexas. O analisando é o tempo todo tirado de seus vínculos reais e lançado para figura do analista, o que gera farta resistência transferencial. O analisando, com o intuito inconsciente de autodefesa, despreza a regra psicanalítica de falar sobre tudo o que vem à sua mente sem medo da crítica.

Mesmo tendo os princípios acordados no início do tratamento, o analisando estará sempre em choque com elementos transferidos de relações passadas para relações presentes. “Ele se vê antes forçado a repetir o recalcado como experiência no presente, em vez de lembrá-lo como uma parte do passado, como preferiria o médico.”¹⁵⁵

Rastreando a libido que havia se dispersado do consciente, adentrou-se o âmbito do inconsciente. As reações que se alcançam, então, trazem à tona muito das características de processos inconscientes, tais como as conhecemos pelo estudo dos sonhos. As moções inconscientes não querem ser lembradas, tal como o tratamento o deseja, mas elas almejam se reproduzir, de acordo com a atemporalidade e a capacidade alucinatória do inconsciente. Semelhante ao que ocorre no sonho, o paciente atribui atualidade e realidade aos resultados do despertar de suas moções inconscientes; ele quer acionar as suas paixões, sem levar em consideração a situação real. O médico quer levá-lo a inserir essas

¹⁵² Psiquiatra suíço, inventor dos termos esquizofrenia e autismo, diretor, depois de August Forel, da prestigiosa clínica do Hospital do Burghölzli, por onde passaram todos os pioneiros do freudismo.

¹⁵³ Palestra sobre ambivalência em Berna, 1910, mencionada no Zentralblatt für Psychoanalyse, v. I, p. 266. Para os mesmos fenômenos, Wilhelm Stekel tinha sugerido antes o termo "bipolaridade".

¹⁵⁴ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 117.

¹⁵⁵ FREUD, S. Além do princípio do prazer., Pg. 87.

moções emocionais no contexto do tratamento e no de sua história de vida, subordiná-las à observação pensante e reconhecê-las em seu valor psíquico. Essa luta entre médico e paciente, entre intelecto e vida pulsional, entre reconhecer e querer agir, acontece quase exclusivamente nos fenômenos de transferência. É nesse campo que precisa acontecer a vitória, cuja expressão é a cura duradoura da neurose.¹⁵⁶

Não se pode negar que o controle dos fenômenos de transferência são os maiores desafios para os psicanalistas e para todos que se colocam na posição de conselheiros espirituais, “mas não esqueçamos que são justamente elas que nos prestam o inestimável serviço de tornar manifestas e atuais as moções amorosas ocultas e esquecidas dos pacientes.”¹⁵⁷

Qual é o ensinamento que nos traz a psicanálise – e quero dizer a experiência, a prova da análise ou, o que é a mesma coisa, a prova do estrangeiro – ao ponto que se pode tomá-lo por seu ensinamento principal e talvez único? É que o tempo não passa. Consequência: a psicanálise não é, não pode ser do seu tempo. Ela não é de um outro tempo, mas de um tempo outro. Ela é anacrônica, ou melhor, segundo o termo de Nietzsche, intempestiva. Ela é indiferente ao “ar do tempo.”¹⁵⁸

“Depois de Freud, uma multiplicidade de trabalhos foi dedicada à questão da transferência, cada qual se esforçando por repensar esse conceito em harmonia com as inflexões ou modificações sucessivamente introduzidas na teoria original.”¹⁵⁹

3.4.

A contratransferência

No ano de 1905, na análise de Ida Bauer, Freud teve realmente sua primeira experiência negativa com a transferência. Ele confirmou que o analista desempenha forte influência na transferência do analisando. Quando Freud se negou a ser objeto dos desejos da paciente, ele percebeu que ela desenvolveu uma forte resistência que gerou uma transferência negativa. Esse fenômeno foi chamado por ele de contratransferência¹⁶⁰.

¹⁵⁶ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 118.

¹⁵⁷ FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica., pg. 118.

¹⁵⁸ PONTALIS, J. B. A estação da psicanálise., pg. 95.

¹⁵⁹ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 768.

¹⁶⁰ Conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionadas com as da transferência de seu paciente.

Mais ainda do que o conceito de transferência, ao qual está ligada, a ideia de contratransferência, suas acepções e as utilizações que dela foram feitas sempre suscitaram polêmicas entre os diversos ramos do movimento psicanalítico. Foi numa carta a Sigmund Freud, datada de 22 de novembro de 1908, que Sandor Ferenczi mencionou pela primeira vez a existência de uma reação do analista aos ditos de seu paciente: “Tenho demasiada tendência a considerar os assuntos dos doentes como meus.” Freud utilizou o termo contratransferência pela primeira vez, entre aspas, numa carta a Carl Gustav Jung datada de 7 de junho de 1909. Foi em 1910, todavia, em sua avaliação das perspectivas de futuro da terapia psicanalítica, que ele evocou, falando da pessoa do terapeuta, a existência da contratransferência, que “se instala no médico através da influência do paciente na sensibilidade inconsciente do médico”. Estava próximo o momento, acrescentou Freud, em que seria lícito “formularmos a exigência de que o médico reconheça e domine obrigatoriamente em si essa contratransferência”. Sabendo que nenhum analista pode ir além do que lhe permitem suas resistências internas, “pleiteamos, por conseguinte,” prosseguiu Freud, “[que o analista] comece sua atividade pela auto-análise e a aprofunde continuamente, à medida que se derem suas experiências com o doente”.¹⁶¹

Freud sempre admitiu que a contratransferência é uma das questões mais difíceis de lidar dentro da relação analítica. “O analista e isso devia ser uma regra, segundo Freud nunca deve dar ao analisando nada que tenha saído de seu próprio inconsciente. Vez após outra, ele deve reconhecer e ultrapassar sua contratransferência, para que possa estar livre.”¹⁶² Deste modo, o analista, médico ou até mesmo conselheiro espiritual precisa ter domínio sobre a contratransferência. “Este, a seu ver, só poderia resultar de uma análise e deveria ser distinguido de uma simples resistência à contratransferência, por sua vez passível de gerar uma rigidez artificial no analista.”¹⁶³

Em determinado momento, Ferenczi acabou afrouxando os laços com o mestre. Ele fundamentou a concepção da análise, preconizando um emprego da contratransferência do analista.

Sensível aos impasses de algumas análises, Ferenczi desenvolveu a ideia da análise mútua, processo durante o qual o analista fornece ao paciente os elementos constitutivos de sua contratransferência, à medida que eles vão surgindo, de tal maneira que o paciente se liberta da opressão ligada à relação transferencial e que o artificialismo da situação analítica clássica tende a desaparecer.¹⁶⁴

¹⁶¹ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 133.

¹⁶² ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 133.

¹⁶³ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 133.

¹⁶⁴ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 134.

A partir do ano de 1939, Michael Balint¹⁶⁵, que foi aluno de Ferenczi, “introduziu a ideia de uma especificidade da contratransferência, estabelecendo que é do lado do analisando que convém reconhecer seus traços: ecos das falhas do analista ou marcas residuais da transferência deste último para seu próprio analista.”¹⁶⁶

Depois da Segunda Guerra Mundial, o debate sobre a contratransferência ganha novos desdobramentos, principalmente através de discípulos de Melaine Klein, embora esta não tenha dedicado nenhuma elaboração teórica específica a essa questão. Até os dias atuais, muito é debatido sobre o conceito da contratransferência e há muito campo para discussão, inclusive dentro do contexto da religião.

Depois de Freud, a contratransferência foi objeto de crescente atenção por parte dos psicanalistas, especialmente na medida em que o tratamento era cada vez mais compreendido e descrito como relação, e também em virtude da extensão da psicanálise a novos campos (análise de crianças e de psicóticos) em que as reações inconscientes do analista podem ser mais solicitadas. Do ponto de vista da delimitação do conceito, encontram-se largas variações, pois certos autores entendem por contratransferência tudo o que, da personalidade do analista, pode intervir no tratamento, e outros limitam a contratransferência aos processos inconscientes que a transferência do analisando provoca no analista.¹⁶⁷

Quando falamos sobre a contratransferência a partir de uma perspectiva prática, três orientações principais são apontadas:

a) reduzir o mais possível as manifestações contratransferenciais pela análise pessoal, de modo que a situação analítica seja estruturada, por assim dizer, como uma superfície projetiva, apenas pela transferência do paciente; b) utilizar, controlando-as, as manifestações de contratransferência no trabalho analítico, na sequência da indicação de Freud segundo a qual “... todos possuem no seu próprio inconsciente um instrumento com que podem interpretar as expressões do inconsciente dos outros”) c) guiar-se, mesmo para a interpretação, pelas suas próprias reações contratransferenciais, muitas vezes assimiladas, nesta perspectiva, às emoções sentidas. Essa atitude postula que a ressonância “de inconsciente a inconsciente” constitui a única comunicação autenticamente psicanalítica.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Michael Balint (1896-1970) foi médico e psicanalista inglês, e um dos mais notáveis alunos de Ferenczi.

¹⁶⁶ ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise., pg. 134.

¹⁶⁷ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg. 102.

¹⁶⁸ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg. 102-103.

Consideramos o efeito da presença de alguém na vida psíquica do outro. Estamos, portanto, não só no domínio do que está dentro da realidade psíquica de deste alguém, mas observando o efeito causado pelo outro. Esse fato explicita a noção de externalidade das vivências internas de um para o outro, inserindo-os num contexto relacional. “A dinâmica desses movimentos vai valorizar a problemática da contratransferência, isto é, o trabalho analítico passa a considerar os afetos do analista presente na situação analítica.”¹⁶⁹

O afeto escancarado não consegue esconder as experiências emocionais vividas ao longo de uma história pessoal. Presentificada e reconhecida no tratamento, essa história vai se desenrolar juntamente com a história do tratamento. Isso quer dizer: as intensidades, a irracionalidade, as reações inadequadas, exageradas, defensivas – tanto hostis como amorosas – são valorizadas como fenômenos que passam a fazer parte da terapêutica desse processo. É carga dupla porque um duplo tempo não linear começa a ser vivido pelo par analista-analisando. Não é uma crônica dos acontecimentos que vai ser empreendida, mas a vivência do acontecimento passado será atualizada, fundindo-se com o tempo analítico. Este é o lugar da intimidade. Isto é o que primordialmente se passa na clínica. Aos poucos, e muitas vezes de repente, o analista está ali na intimidade que pode ter uma criança com a mãe, na intimidade de uma parceria amorosa no seu leito, na intimidade enigmática dos desencontros humanos, frequentemente dolorosos e terríveis quando vividos no início da experiência de vida. O analista pode ocupar todos os lugares sem sair do lugar, apenas seguindo intimamente os movimentos transferenciais.¹⁷⁰

O transcorrer do tratamento se move dentro do drama e da trama transferencial, perpassando passado e presente, entre resistência e função terapêutica, entre alianças e repulsas ao manejo clínico, configurando dificuldades únicas em cada paciente. É nesse momento que o analista ou conselheiro precisa acolher a singularidade de cada paciente para que este se sinta reconhecido em sua questão.

Antes, o médico analista não podia almejar nada além de descobrir e estabelecer conexões quanto ao inconsciente oculto e, no momento oportuno, comunicar ao doente. A psicanálise era, antes de tudo, uma arte de interpretação. Como a tarefa terapêutica não ficava resolvida dessa maneira, surgiu imediatamente o propósito seguinte, que consistia em instar o doente a confirmar a construção por meio de sua própria lembrança. Com esse esforço, o peso principal recaiu sobre as resistências do doente; agora a arte consistia em descobri-las o mais rápido

¹⁶⁹ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 101.

¹⁷⁰ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 102

possível, mostrá-las ao doente e levá-lo, através de influência humana (esse era o lugar da sugestão agindo como "transferência"), a abandonar essas resistências.¹⁷¹

As contratransferências são, em parte, respostas do analista às transferências do paciente, um aspecto essencial da dinâmica do trabalho analítico. Embora seja também uma fonte de obstáculos, há a condição de psicanalisar que se configura como uma contratransferência, um deixar-se colocar diante do sofrimento do outro antes mesmo de se saber do que e de quem se trata. Esta contratransferência se equivale justamente à disponibilidade para ser suporte de transferências e de demandas afetivas e comportamentais profundas e primitivas. Deste modo, o analista vem a ser alguém que se deixa afetar e interpelar pelo sofrimento alheio, sendo participante também da sua libertação e cura. “Todo o psicanalisar, no que implica lidar com as transferências e as outras coisinhas mais, que emergem e podem ser tratadas nestes processos e, dependem, portanto, dessa contratransferência.”¹⁷²

“O termo ‘contratransferência’ refere-se a uma dimensão fundamental do modo do analista colocar-se diante ou, melhor dizendo, deixar-se colocar diante do analisando e ser por ele afetado.”¹⁷³ Contudo, é necessário tomar muito cuidado, pois essa concepção sobre a contratransferência pode nos levar ao equívoco de supor que a posição do analista é apenas dar uma resposta ou uma reação às transferências do analisando, o que, definitivamente, não é verdade.

Dessa forma, estamos diante de uma ampla disponibilidade em ir sendo junto com o paciente, podendo chegar lá, diante do irreconhecível, do estranho, do absurdo. [...] Isso significa suportar ser tocado, na transferência, pela fúria, pelo amor, pela indiferença, pelo falso, pela repetição, sem que abandonemos o primordial: manter a ligação com o outro, preservar a reserva de alma. Deixar fluir o acontecimento, sem entravá-lo. Difícil! Sobretudo, diante da repetição.¹⁷⁴

Para Freud, “a ideia de repetição conota neurose e patologia, uma impossibilidade de ser e viver diferente no presente, reencenando-se, muitas vezes, experiências dolorosas.”¹⁷⁵ Esse reencenar é determinado pela dor e o sofrimento, como se algo da experiência infantil estivesse “congelado” no

¹⁷¹ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 85.

¹⁷² FIGUEIREDO, L. C. Transferências, contratransferências e outras coisinhas mais., pg. 59.

¹⁷³ FIGUEIREDO, L. C. Transferências, contratransferências e outras coisinhas mais., pg. 59.

¹⁷⁴ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 103.

¹⁷⁵ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 104.

inconsciente, fazendo com que ele reproduza nas relações presentes o mesmo de sempre. Neste sentido, o presente perde a capacidade de ser vetor de. “Quando levamos o tratamento até esse ponto, podemos então dizer que a neurose anterior foi agora substituída por uma nova neurose de transferência.”¹⁷⁶

O médico esforçou-se para restringir o mais possível o campo dessa neurose de transferência, para pressionar ao máximo possível em direção à lembrança e para admitir o mínimo possível de repetição. A relação que se estabelece entre lembrança e reprodução é diferente em cada caso. Como regra geral, o médico não pode poupar o analisando dessa fase do tratamento; ele é obrigado a deixá-lo reviver certa parte de sua vida esquecida e cuidar para que seja conservada uma medida de discernimento, em função da qual a realidade visível possa sempre, apesar de tudo, ser novamente reconhecida como reflexo de um passado esquecido. Se isso é obtido, ganhamos a convicção do doente e o êxito terapêutico dela dependente..¹⁷⁷

Dentro da clínica psicanalítica, precisam-se tomar alguns cuidados com a relação passado/presente e inconsciente/consciente. Muitas vezes, é interpretado que o inconsciente é o responsável pela resistência no tratamento. Contudo, a resistência se dá justamente pelo sistema que deu origem ao recalque inconsciente.

Para acharmos mais compreensível essa "compulsão à repetição que se manifesta durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos, precisamos antes de tudo nos livrar do erro de que combater as resistências tenha a ver com a resistência do «inconsciente”. O inconsciente, ou melhor, o "recalcado", não impõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento, ele próprio não almeja nada além de, lutando contra a pesada pressão sobre ele, abrir um caminho em direção à consciência ou à descarga por meio da ação real. A resistência no tratamento provém das mesmas camadas e sistemas superiores da vida anímica que outrora empreenderam o recalque. Mas já que, de acordo com a experiência, os motivos das resistências são eles próprios inicialmente inconscientes no tratamento, somos advertidos a aperfeiçoar uma inadequação em nosso modo de expressão. Evitaremos essa falta de clareza se colocarmos em oposição não o consciente e o inconsciente, mas sim o Eu coerente e o recalcado. Após essa substituição de um modo de expressão puramente descritivo por um modo de expressão sistemático ou dinâmico, podemos dizer que a resistência dos analisandos provém de seu Eu, e então percebemos imediatamente que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalcado inconsciente.¹⁷⁸

¹⁷⁶ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 87.

¹⁷⁷ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 87.

¹⁷⁸ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 89.

Não há dúvida de que a resistência consciente e pré-consciente do Eu esteja evitando o desprazer que seria vivenciado se o recalque fosse liberado. “O nosso esforço visa conseguir que um desprazer seja admitido através da apelação ao princípio da realidade.”¹⁷⁹ Aqui surgem duas importantes questões: em que relação com o princípio do prazer se encontra a compulsão à repetição e como o desvelamento do EU recalcado pode ser objetivo para cura?

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela as atividades de moções pulsionais recalçadas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro. Mas o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contém nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalçadas desde então.¹⁸⁰

Na relação psicanalítica, paciente e analista, diante das forças da repetição, podem entrar num círculo vicioso que apontará dificuldades no campo transferencial-contratransferencial. “Aqui, a pessoa do analista precisa estar ativa e em questão, principalmente para si próprio. É para dentro de si que ele vai se voltar, frequentando intimamente as fronteiras de suas próprias possibilidades.”¹⁸¹ Esse é o único caminho para colocar a contratransferência a serviço do sucesso no tratamento.

No coração da pulsão a repetir não vejo o resultado do entravamento de nossos desejos e em, em conseqüência, por causa de sua insatisfação, a exigência de retomá-los [...] se entravamento existe, é o da própria capacidade de representação [...] o que se repete – e não digo o que se ruma – é aquilo que não aconteceu, e que não tendo conseguido advir, não existiu como evento psíquico. Repete-se como se ensaia no teatro, mas na ausência, no vazio de todo texto. Repete-se algo fora do texto, algo de incrustado, e não de impresso.¹⁸²

O aspecto da repetição nos leva sempre para o eterno retorno do mesmo. É notório que muitas pessoas têm uma conduta em busca de repetição das mesmas vivências em sua vida. Quem nunca conheceu alguém que em qualquer relação acaba gerando sempre o mesmo final? Aqueles que são benfeitores e são

¹⁷⁹ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 91.

¹⁸⁰ FREUD, S. Além do princípio do prazer,. Pg. 91.

¹⁸¹ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 104.

¹⁸² PONTALIS, J. B. A estação da psicanálise., pg. 102.

abandonados pelos seus protegidos e, deste modo, sempre experimentam o sentimento de ingratidão; ou então aqueles cujos toda amizade termina com a traição do amigo; outros que elegem sobre si pessoas para exercerem autoridade sobre elas e que, frequentemente, são substituídas por outras novas, entre muitos outros exemplos que poderiam ser citados aqui. Isso sempre se dará, afinal, “a transferência é um fenômeno que ocorre em todas as relações sociais, estando na decorrência da condição falante do ser humano.”¹⁸³

O acontecimento transferencial é a prova da análise, não é possível esquecê-lo. Ele é portador do incognoscível: dentro dele revela-se, muitas vezes, para nós, um Prometeu preso às rochas, vendo a vida ser devorada pela estagnação do presente. Sem futuro. O processo analítico talvez consista em ir na direção do tempo para conquistá-lo, ou seja: para se apropriar do presente. De fato, torná-lo vivo e real, expandindo-o até o passado e o futuro, para, enfim, começarmos a empreender o ciclo da vida. Aqui a busca da integração está em curso, expressando-se na tentativa de unir, unir, unir... ligar, ligar, ligar... Nesse movimento a repetição é bem-vinda, pois ela explicita a busca do essencial: o anseio pelo sentido de si na presença do outro.¹⁸⁴

¹⁸³ MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. O Manejo da Transferência., pg. 123.

¹⁸⁴ PALHARES, M. do C A., Transferência e contratransferência, pg. 109.

4. Relação pastoral e a transferência

A psicanálise surge e se fundamenta na relação particular que se estabelece nas figuras do analista e do analisando, onde se firma efetivamente o ato psicanalítico por excelência. No entanto, a psicanálise não beneficia apenas o ambiente restrito da clínica psicanalítica, mas também outras áreas que lidam com o humano em seu ser. Deste modo, pode-se afirmar que a psicanálise é uma ferramenta aliada para o aconselhamento pastoral.

A partir dessa práxis essencialmente experiencial e relacional, é elaborada toda uma teoria psicológica - denominada por Freud "metapsicologia", que também possibilita uma aplicação do método a outros campos da atividade humana. Surge assim a psicanálise aplicada aos diversos setores da cultura, entre os quais a experiência religiosa é, como vimos, um de seus mais importantes beneficiários.¹⁸⁵

Não podemos esquecer que a fé se beneficiou e se beneficiará da práxis psicanalítica, pois esta amplia as concepções concernentes ao campo das relações interpessoais. Quando se fala em igreja, o que está implícito é uma comunidade de fé, ou seja, um ambiente de relações interpessoais. “Em particular, tudo o que a psicanálise como técnica psicoterapêutica revelou sobre o fenômeno transferencial pode elucidar dimensões importantes do âmbito interpessoal da comunidade de fé.”¹⁸⁶

Foi o encontro das manifestações da transferência em psicanálise, fenômeno cujo aparecimento Freud nunca deixou de sublinhar o quanto era estranho, que permitiu reconhecer em outras situações a ação da transferência, quer esta se encontre na própria base da relação em causa (hipnose, sugestão), quer nela desempenhe, dentro de limites a apreciar, um papel importante (médico-doente, mas também professor-aluno, orientador espiritual-penitente, etc.).¹⁸⁷

Quando se fala no ambiente mais restrito da relação pastoral, mais propriamente o do aconselhamento pastoral, a percepção transferencial é fundamental para enxergar o outro para além do que é dito. A relação pastoral que leva em conta os elementos inconscientes pode vir esclarecer importantes

¹⁸⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 263.

¹⁸⁶ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 263

¹⁸⁷ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 515-516.

questões que afetam o humano em seu sofrimento. As pessoas quase sempre estão escondendo os elementos verdadeiros de forma inconsciente, o que exige habilidade ao conselheiro de perceber o que está recalcado.

A representação inconsciente é totalmente incapaz, enquanto tal, de penetrar no pré-consciente, e não pode exercer nele qualquer efeito a não ser pondo-se em conexão com uma representação anódina que pertence já ao pré-consciente, transferindo a sua imensidade para ela e cobrindo-se com ela. É esse o fato da transferência, que fornece a explicação de tantos fenômenos impressionantes da vida mental dos neuróticos.^{188 189}

Quando um líder religioso se coloca na posição de conselheiro espiritual, ele precisa entender que no processo do aconselhamento acontecerá, inevitavelmente, a transferência entre ele e o aconselhado, entre o passado e o presente, etc. “É do mesmo modo que, nos Estudos sobre a histeria, Freud explica casos em que determinada paciente transfere para a pessoa do médico as representações inconscientes.”¹⁹⁰

Uma maior sensibilização ao próprio mundo dos mecanismos e das reações inconscientes deveria também constituir uma preocupação, de ordem geral, que poderia presidir à formação e à missão daqueles que, de forma tão direta, desenvolvem seu trabalho no campo das relações interpessoais.¹⁹¹

Ao se observar a teoria freudiana, muitas discussões e controvérsias surgem dentro do ambiente religioso, principalmente no âmbito da moral e da sexualidade, fundamental para a psicanálise. Contudo, observa-se que a prática psicanalítica e muitos dos seus conceitos podem ser grandes aliadas no processo da relação pastoral, como se observou no primeiro capítulo na figura do pastor suíço Oskar Pfister. Talvez uma das principais contribuições da psicanálise na relação do aconselhamento pastoral seja a conceituação da transferência, que exige uma atenção cuidadosa com o outro para percebê-lo a partir das relações passadas e presentes.

¹⁸⁸ Com o desenvolvimento da psicanálise, o conceito da neurose evoluiu, até finalmente encontrar lugar no interior de uma estrutura tripartite, ao lado da psicose e da perversão. Deste modo, o neurótico é aquele cuja estrutura psíquica se expressa a partir dos conflitos entre os desejos do inconsciente e a realidade social, ou seja, é a estrutura psíquica mais comum entre as pessoas.

¹⁸⁹ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 516.

¹⁹⁰ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., Vocabulário da psicanálise.,Pg 516

¹⁹¹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 298.

Pode-se dizer que o ponto crítico do aconselhamento pastoral é, justamente, o fato de que não se pode fornecer um aconselhamento despretenso, sem o cuidado ao outro e as suas demandas. Boff diz em seu livro “Saber Cuidar” que “o sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado.”¹⁹² Deste modo, a percepção sobre a transferência exige um olhar atencioso ao outro.

O que a psicanálise pode oferecer é aquilo que, na perspectiva do desejo, se encontra implicado nessa práxis e em tudo aquilo que o guia espiritual e o fiel colocam em jogo enquanto estabelecem o encontro interpessoal com suas crenças, suas leis e suas próprias existências. Um corolário disso tudo é que a abordagem que a psicanálise é capaz de realizar, tendo em vista uma melhor compreensão da relação pastoral, não visa, como pensam muitos sacerdotes, a desmascarar a intervenção de pulsões eróticas e agressivas nessa relação. Ao contrário, a psicanálise nos conduziria mais a suspeitar de um diálogo pastoral com pretensões de se manter “real e não-contaminado”; e, por isso, convida antes a aceitar que, em qualquer tipo de relação humana, estão sempre implicadas tendências ocultas e latentes: aquelas pressupostas no fenômeno da transferência.¹⁹³

4.1.

A transferência como fenômeno inextinguível

O que já foi visto até aqui é a importância da transferência dentro da psicanálise. Mais do que isso, a transferência é peça fundamental para o fracasso e para o sucesso na clínica. Num primeiro momento, o que chama a atenção é o fato da teoria ser tão pouco elaborada nas obras de Freud. Ele dedicou poucos escritos ao tema da transferência, o que se evidencia pelo fato de seu primeiro texto sobre o tema ter sido publicado em 1912. O conceito, inclusive, vai ganhando novas percepções à medida que a obra freudiana vai se desenvolvendo.

Em suma, tudo o que a psicanálise pode realizar, o realiza precisamente pelo viés da transferência. Isso é tão verdadeiro que é possível descrever o próprio processo de análise como o trajeto seguido pela transferência em sua instauração, seu desenvolvimento, sua interpretação e sua resolução. Por isso mesmo, torna-se chocante a escassez de informação a respeito dessa problemática na obra do descobridor da psicanálise. A própria precariedade teórica do conceito, entretanto, nos revela algo sumamente importante sobre a natureza e o significado

¹⁹² BOFF, L. Saber cuidar., pg. 17.

¹⁹³ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 264.

da transferência: algo que, em sua essência, resiste a toda teorização e que apenas pode ser captado teoricamente a posteriori.¹⁹⁴

O fato citado acima aponta que a pouca elaboração do conceito, ou até mesmo os poucos textos de Freud sobre o tema, não explicitam a sua irrelevância. Ao contrário, elucida que o desenvolvimento da psicanálise está diretamente ligado ao descobrimento da transferência na relação analítica. “A transferência aparece sempre pela retaguarda, ‘traíçoeiramente’, por assim dizer; ela é sub-reptícia, não manda aviso, é inesperada.”¹⁹⁵

4.2.

Aconselhamento pastoral como sinônimo de cuidado pastoral.

O termo grego para aconselhamento pode ser Parákletos, que é o mesmo nome atribuído ao Espírito Santo de Deus, conhecido como consolador. Essa palavra significa consolar, exortar, aconselhar, animar, encorajar, confortar. Outro termo também atribuído ao aconselhamento é Nouthésis. O significado está ligado a admoestar, exortar, ensinar e repreender.

Aconselhar pode ser percebido como simplesmente cuidar, e cuidar tem conotações amplas e poderosas, que ultrapassam as noções do senso comum em relação ao termo. Para Heidegger, o cuidado se estende a partir do sujeito e perpassa o mundo e o outro, ou seja, o “Ser-no-mundo-com-outros”. Ele afirma que “A caracterização do encontro com os outros também se orienta segundo a própria presença.”¹⁹⁶ Cuidar é a melhor expressão do amor. Quando se cuida de alguém, se forma uma ligação de afeto de um com o outro.

Quando se fala em cuidado pastoral, não coloca-se na mesa de discussão um conceito bíblico. Contudo, tal expressão “tem longa história na dinâmica tradição da Igreja e respaldo nas Escrituras.”¹⁹⁷ Paul Tillich afirma que cuidado ou generosidade “é o ato de sair de si para os outros num afeto benevolente.”¹⁹⁸ Ou seja, cuidar é se projetar para além de si mesmo. Deste modo, nos tornamos completos quando encontramos o outro. Leonardo Boff salienta:

¹⁹⁴ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 265.

¹⁹⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 265.

¹⁹⁶ HEIDEGGER, M. Ser e tempo., pg. 169.

¹⁹⁷ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 35.

¹⁹⁸ TILLICH, Paul. A coragem de ser., pg. 21.

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.¹⁹⁹

No livro “Saber cuidar”, Leonardo Boff produz uma síntese valiosíssima sobre o conceito de cuidado de Martin Heidegger. Boff define Heidegger como o filósofo do cuidado por excelência, e afirma que ele:

Mostrou que realidades tão fundamentais como o querer e o desejar se encontram enraizados no cuidado essencial. Somente a partir da dimensão do cuidado elas emergem como realizações do humano. O cuidado é "uma constituição ontológica sempre subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta e faz."; "cuidado subministra preliminarmente o solo em que se move toda interpretação do ser humano". Por "constituição ontológica" Heidegger entende aquilo que entra na definição essencial do ser humano e estrutura a sua prática. Quando fala do cuidado como "o solo em que se move toda a interpretação do ser humano" sinaliza que o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano. Se não nos basearmos no cuidado, não lograremos compreender o ser humano. É o que viemos afirmando ao largo e ao longo de toda a nossa reflexão e que agora cabe desdobrar.²⁰⁰

No primeiro capítulo, ressaltou-se a utilização da psicanálise dentro do contexto religioso, a partir da atuação de Oskar Pfister, que era chamado de o “cura de almas”. Satlher-Rosa aponta para uma questão muito interessante e curiosa ao afirmar que o termo “cuidado pastoral” “é tradução do Francês *cure d'âme* (cura da alma) ou do Latim *cura mûmarum* (cura ou cuidado da alma).”²⁰¹

A forma que a palavra “cuidado” é interpretada no senso comum não abrange, de fato, toda a complexidade e totalidade de seu significado. Como os filósofos sempre disseram, as palavras estão grávidas de significados existenciais. É necessário perceber a palavra “cuidado” para além da sua definição costumeira, afinal, assim como aconselhamento pastoral, a expressão cuidado pastoral é rica em suas significações.

Segundo clássicos dicionários de filologia, alguns estudiosos derivam cuidado do latim *cura*. Esta palavra é um sinônimo erudito de cuidado, usada na tradução de *Ser e tempo* de Martin Heidegger. Em sua forma mais antiga, *cura* em latim se escrevia *coera* e era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação

¹⁹⁹ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 33.

²⁰⁰ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 67.

²⁰¹ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 36.

pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Outros derivam cuidado de cogitare-cogitatus e de sua corruptela coyedar, coidar, cuidar. O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação.²⁰²

O cuidado somente existe quando o outro realmente importa, quando a sua existência é fundamental. Deste modo, dedicar-se ao outro representa a mesma coisa que dedicar-se a si mesmo. Cuidar é estar à disposição de participar de seu destino, ainda que não se tenha participado da sua origem. “Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude.”²⁰³

Boff afirma que “conhecemos nas línguas latinas a expressão "cura d'almas" para designar o sacerdote ou o pastor cuja missão reside em cuidar do bem espiritual das pessoas e acompanha-las em sua trajetória religiosa.”²⁰⁴ Contudo, o aconselhamento pastoral, ou o cuidado pastoral, não pode se restringir aos bens espirituais ou à trajetória religiosa do sujeito. Um verdadeiro cuidado é aquele que se preocupa com a pessoa por inteiro. “A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade.”²⁰⁵

Quando Pfister recebe o apelido de “cura de almas”, o significado da expressão abrangia a utilização que ele fazia da psicanálise no contexto da religião, a fim de gerar cura e trazer à pessoa que sofre alívio pra sua dor. Ele acreditava que a psicanálise não era contrária a fé, mas que podia ser uma grande aliada para manter a pessoa em equilíbrio. A cura, para a psicanálise, sempre significou a ordem psíquica, ou seja, todos os elementos da psique humana precisam estar em plena harmonia. O ser humano, como ser complexo, precisa viver em equilíbrio no que tange seu corpo, mente e espírito. Como foi dito pelo apóstolo Paulo à igreja de Filipo:

Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa

²⁰² BOFF, L. Saber cuidar., pg. 68.

²⁰³ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 68.

²⁰⁴ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 68.

²⁰⁵ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 68.

fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas. Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês.²⁰⁶

No Livro “Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança”, Satlher-Rosa faz um breve panorama histórico que demonstra o desenvolvimento do conceito “cuidar da psique” ou “cuidar da alma” ao longo tempo.

No mundo grego antigo, o cuidar da psiquê, ou da alma, tinha uma conotação mais cognitiva; tratava-se de desenvolver ideias para influenciar as atitudes das pessoas a fim de capacitá-las a lidar melhor com as diversas situações existenciais. No contexto da ortodoxia tradicional, o cuidado pastoral se apresentava sob a forma de processo de aprendizagem visando a um melhor conhecimento das doutrinas eclesiais. Na tradição da Reforma, realçava-se a purificação e a santificação como resultado do seguir a Cristo; a disciplina, então, adquire função importante. Nas tradições do pietismo, realçava-se a conversa individual. No denominado período da Modernidade, especialmente sob o impacto do Iluminismo, destaca-se o desenvolvimento de qualidades humanas e a promoção da autonomia do indivíduo. Sob a influência das ciências psicológicas, enfatiza-se a possibilidade de mudança de atitudes e comportamentos, além da auto-realização.²⁰⁷

Satlher-Rosa também traz contribuições de outros teólogos para a definição de cuidado. Por exemplo, o teólogo pastoral sul-africano Daniel J. Louw define cuidado pastoral como encontro. “O encontro é um evento de conhecimento, um processo de interpretação, caracterizado por dualidades; encontro implica em experiência, reciprocidade e interação; encontro envolve o influenciar, transformar e mudar.”²⁰⁸

Ele também fala sobre Joachim Sharfenberg, psicanalista e teólogo pastoral alemão, “que identificava a linguagem como ponto de convergência entre a psicanálise e o cuidado pastoral. Refere-se ao cuidado pastoral como *gcsprach*, conversação, discussão, diálogo.”²⁰⁹

Voltando ao termo cuidado a partir da filologia, percebe-se a ideia de que o cuidado é mais do que um simples ato. “É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda:

²⁰⁶ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

²⁰⁷ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 37.

²⁰⁸ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 37.

²⁰⁹ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 37.

é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas.”²¹⁰

Quando Boff aborda o ser-no-mundo, ele não está falando de uma determinação geográfica como, por exemplo, estar na natureza, estar junto com plantas, junto com os animais ou até mesmo com outros seres humanos. O que ele pretende empreender é uma compreensão de ser-no-mundo mais abrangente.

Significa uma forma de existir e de coexistir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa coexistência e convivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.²¹¹

O cuidado como modo de ser-no-mundo, permite que as pessoas percebam o real valor uma das outras; não o valor utilitarista ou monetário, que só serve para o benefício próprio, mas sim o valor intrínseco às coisas. É justamente nesse momento que surge a dimensão de alteridade, de respeito, de reciprocidade e de mutualidade. A partir da poesia que lhe é peculiar, Boff afirma:

Todos nos sentimos ligados e religados uns com os outros, formando um todo orgânico único, diverso e sempre incluyente. Esse todo remete a um derradeiro Elo que tudo religa, sustenta e dinamiza. Irrompe como Valor supremo que em tudo se vela e se revela. Esse Valor supremo tem o caráter de Mistério, no sentido de sempre se anunciar e ao mesmo tempo se recolher. Esse Mistério não mete medo, fascina e atrai como um sol. Deixa-se experimentar como um grande Útero acolhedor que nos realiza supremamente. É chamado também Deus.²¹²

É óbvio que na vida nem tudo é poesia. Muitas vezes, cuidar é trabalho exaustivo. Com certeza aquele que cuida enfrenta resistências, mas elas são superadas pela paciência constante. “No lugar da agressividade, há a convivência amorosa. Em vez da dominação, há a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro.”²¹³

4.3.

A transferência no âmbito do aconselhamento pastoral

²¹⁰ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 70.

²¹¹ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 70.

²¹² BOFF, L. Saber cuidar., pg. 73.

²¹³ BOFF, L. Saber cuidar., pg. 73.

Antes de entrar propriamente no assunto da transferência no aconselhamento pastoral, vale ressaltar a dificuldade erguida por muitos teólogos mais conservadores quando se pensa a utilização de qualquer psicoterapia dentro de uma perspectiva religiosa. Para alguns, é inadmissível a ideia de que o crente possa se valer de alguma psicoterapia como tratamento, pois ele, teoricamente, pode encontrar cura dentro do aconselhamento bíblico.

Dentre esses teólogos, destaca-se Larry Crabb, que foi um teólogo influente no meio cristão protestante nos anos 1970. Ele era doutor e mestre em psicologia clínica pela Universidade de Illinois. Ele considerava o aconselhamento pastoral como suficiente para resolver qualquer demanda humana. Dizia que “pastores e outros líderes que procuram ajudar as pessoas dessa forma estão na mesma enrascada que os cristãos comuns. Pouca ajuda encontram nas ideias psicológicas manchadas pelo pensamento humanista ou na teologia gravemente irrelevante.”²¹⁴ Ele afirmava ainda que:

Três premissas governam meu pensamento quando reflito sobre a natureza do aconselhamento bíblico: 1. Se focalizada de maneira apropriada, a Bíblia é suficiente para fornecer a estrutura para se chegar a uma conclusão a respeito de todas as perguntas que o conselheiro precisa fazer; 2. O relacionamento com Cristo oferece recursos totalmente indispensáveis para resolver substancialmente todo problema psicológico (isto é, os que não têm causas orgânicas); 3. A comunidade do povo de Deus, trabalhando em conjunto nos relacionamentos bíblicos, é o contexto pretendido para compreender e vivenciar as respostas de Deus aos problemas da vida.²¹⁵

Como ele destaca nas suas premissas, os elementos bíblicos seriam suficientes para solucionar qualquer problema psicológico. Deste modo, ele exclui qualquer possibilidade e relevância de algum tipo de psicoterapia. A perspectiva de Crabb teve grande influência no meio protestante no século passado e, ainda nos tempos atuais, muitos defendem esse posicionamento. Aqui se forma o grande desafio de mostrar que a psicoterapia é aliada no cuidado da mente humana, assim como é a medicina no cuidado do corpo.

A percepção de que as psicoterapias não têm nada a ver com aconselhamento já foi e continua sendo real para muitas pessoas. Contudo, o ambiente psicoterápico e o ambiente do aconselhamento pastoral têm

²¹⁴ CRABB, L. Como compreender as pessoas., pg. 21.

²¹⁵ CRABB, L. Como compreender as pessoas., pg. 22.

similaridades visíveis. Quando se pensa sobre a psicanálise, fala-se do surgimento da preocupação de lidar com o humano em suas demandas, é a busca pela compreensão do sofrimento do outro. Esse também é o cerne do aconselhamento pastoral, que se trata, por excelência, de “uma relação interpessoal em que o conselheiro tem como pontos básicos a preocupação de perceber e acolher o aconselhando, antes de tudo, como pessoa.”²¹⁶

A verdade é que, nos dias atuais, o perímetro do aconselhamento pastoral se tornou, para muitas pessoas, um ambiente terapêutico. Isso se dá por dois fatores principais: Primeiro porque, no mundo pós-pandêmico, os conflitos internos foram ampliados como nunca visto anteriormente. “Algumas das pessoas que, por uma razão ou por outra, acham difícil lidar com os problemas da sua vida, apelam para o recurso de adoecer.”²¹⁷ . E segundo, porque nem todas as pessoas têm condições financeiras para arcar com um tratamento terapêutico. Muitas pessoas procuraram o aconselhamento pastoral para tratar de dilemas de sua vida.

Nos dias atuais, é inevitável pensar no aconselhamento sem enxergar seu aspecto “terapêutico”. Os desafios deste tempo geram um vazio existencial de significado que exige uma resposta do conselheiro cristão àquele que busca sua orientação. “Frente a essa nova vivência humana, o conselheiro cristão depara-se com um indivíduo em busca de uma nova consciência de si mesmo e do outro, mas que ainda carrega o conflito entre o que pensava ser e o que ainda não consegue ser.”²¹⁸ Esse indivíduo percebe-se como quem, ao “alienar-se de si mesmo sente sucumbir-se à mentalidade coletiva.”²¹⁹

Como já foi visto, o fenômeno transferencial não é restrito ao ambiente psicanalítico, mas está presente em qualquer tipo de relação humana. Deste modo, “é evidente que existem determinados tipos de encontro que, pelas conotações específicas que possuem, fazem com que a transferência se apresente com uma intensidade particular.”²²⁰ Quando se pensa em um sujeito, não se pode percebê-lo apenas a partir dele mesmo, mas também a partir daquilo que o cerca e que já o cercou até o presente momento.

²¹⁶ MOLOCHENCO, S. Curso Vida Nova de Teologia Básica., pg. 67.

²¹⁷ BALINT, M. O médico, seu paciente e a doença., pg. 15.

²¹⁸ SANTOS, F. A. S. É possível aliar a psicanálise ao aconselhamento religioso?, pg. 23.

²¹⁹ JUNG, C. G. Presente e futuro., pg. 9.

²²⁰ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 275.

O eu é eu só porque tem um mundo, um universo estruturado, ao qual ele pertence e do qual, ao mesmo tempo, está separado. Eu e o mundo são correlatos, e assim individualização e participação. Porque isto é justamente o que participação significa: ser uma parte de alguma coisa, da qual se está, ao mesmo tempo, separado. Literalmente participação significa "tomar parte". E pode ser usada num triplo sentido. Pode ser usado no sentido de "compartilhar" como, por exemplo, compartilhar um quarto, ou no sentido de "ter em comum", como Platão fala de *methexis* (ter com), a participação do indivíduo no universo, ou pode ser usada no sentido de "ser uma parte", por exemplo, de um movimento político. Em todos estes casos participação é uma identidade parcial e uma não identidade parcial.²²¹

Muitas relações geram fortes impactos na formação da transferência, devido à posição de autoridade de um sobre o outro. Podemos citar como exemplo aqui a relação médico-paciente, professor-aluno, empregador-empregado, entre muitas outras. “Mas é indubitável que a relação pastoral individual tanto por seu caráter de confiança como pela qualidade dos comunicados íntimos que nela são tratados é uma das relações que mais se prestam ao desenvolvimento de vivências transferenciais.”²²²

Como visto no capítulo anterior, existem transferências negativas e positivas. Ou seja, existem a transferências de sentimentos hostis e danosos, mas existem transferências de sentimentos bons. No aconselhamento pastoral, ambas irão ocorrer, inclusive a transferência mista, que é a junção das duas anteriores. Portanto, a intervenção de elementos transferenciais no núcleo da relação pastoral deve ser considerada e conduzida de maneira muito sutil e cuidadosa.

Muitas vezes, no contexto do aconselhamento, lida-se com o dilema presente como se aquela pessoa que ali está não tivesse um passado. A psicanálise se torna grande aliada do aconselhamento pastoral quando permite que o conselheiro consiga enxergar o outro para além dos relatos que são apresentados.

A expressão dos sentimentos de uma maneira que vai muito além do que seria a fria exposição racional de uma problemática. Do mesmo modo, o fenômeno transferencial permite a ampliação da vivência emocional e o desenvolvimento da confiança no conselheiro.[...]Devemos recordar que não há nenhum outro ponto a partir do qual nos relacionamos, senão com base em nossa própria história, com todas as marcas que nela são impressas de nossos encontros anteriores. A

²²¹ TILLICH, Paul. A coragem de ser., pg. 68.

²²² MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 275.

percepção objetiva da realidade do outro será sempre, portanto, um ideal ao qual aspiramos, mas nunca uma realidade plenamente conquistada.²²³

Vale salientar que a transferência não é uma modificadora de quem o outro é, ou, até mesmo, a manifestação da verdadeira face do ser, mas é reveladora dos elementos relacionais que essa pessoa carrega. Sem o fenômeno da transferência, seríamos incapazes de entender os outros de forma precisa ou eficiente. Ou seja, podemos dizer que a transferência é um recurso poderoso para a compreensão do outro, assim como um dicionário é importante para entendermos o significado das palavras.

A grande contribuição da psicanálise para qualquer ambiente de cura, seja física, emocional ou espiritual, é o fato dela oferecer um caminho para além do ver. “Este é o cerne da descoberta de Freud. Com a psicanálise surge uma ciência que denuncia a inadequação do olhar como único modo de decifração da doença. A psicanálise nasce para apontar a necessidade de uma escuta.”²²⁴

Anteriormente, percebeu-se que a transferência é para a psicanálise o caminho para o sucesso na clínica psicanalítica, mas também pode levar ao fracasso. A transferência não representa um perigo em si, mas apenas explicita as questões outrora escondidas, uma vez que existem questões passadas que estão presentes em ato na fala de uma pessoa. Cada sujeito sempre carregará consigo uma história que o determina e que o alimenta em relações posteriores, despertando desejos e bloqueios. E isso não pode ser percebido como algo ruim, pois tal realidade é constitutiva do ser humano.

A grande questão que se apresenta aqui não é a realidade da transferência como um problema. Este fenômeno não pode ser visto desta maneira. Contudo, pode-se dizer que o grande problema está ligado ao desconhecimento do fenômeno transferencial, ou seja, a falta de reconhecimento desses elementos inconscientes.

É obvio que não se pode confundir o aconselhamento pastoral com a clínica psicanalítica. São coisas diferentes, com objetivos diferentes e com material diretivo distinto. Aqui, não está sendo feita a defesa de que a prática analítica deve ser aplicada no aconselhamento pastoral, mas de que é possível perceber elementos da psicanálise, em especial a transferência, na relação

²²³ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 276.

²²⁴ SCHILLER, P. O médico, a doença e o inconsciente., pg. 9.

construída no aconselhamento. Afinal, apesar de distintos, tanto o psicanalista quanto o conselheiro espiritual estão lidando com o ser humano em sua totalidade.

O analista conta com a transferência e a desperta para poder trabalhar com ela. Procura verificar o que está por trás das defesas. Analisa-as e interpreta-as para tomar consciência dos componentes sexuais e agressivos que nelas se ocultam. O guia espiritual, por outro lado, não trabalha com a transferência, mas ela está presente. O perigo consiste em não reconhecer os elementos que ela põe em jogo e as "legitimações ideais" subjacentes. Não é tampouco um problema de gozo ou de satisfação, como muitas vezes se acredita. O gozo e a satisfação não são problemas senão na medida em que permanecem inconscientes, isto é, erotizados e ocultos por trás das defesas.²²⁵

Surge nesse ponto uma questão importante: se a clínica psicanalítica é distinta em relação ao aconselhamento pastoral, como se dá o manejo da transferência no âmbito religioso? Apesar de ser diversa e de gerar certa perplexidade e desconforto no diálogo pastoral, a transferência é real e se apresenta em todas as relações de autoridade. Desde modo, a relação conselheiro e aconselhado passa pelos mesmos processos transferências e também contratransferências, como já se observou no capítulo anterior. Portanto, o manejo “não deve se referir exclusivamente ao problema transferencial daquele que demanda a relação pastoral, mas também pelo menos em igual medida ao problema da contratransferência do guia espiritual.”²²⁶

Surge na demanda transferencial no aconselhamento pastoral dois perigos constantes: o primeiro ligado a “espiritualização” da relação entre elementos que não são necessariamente espirituais. E o segundo é o envolvimento irrestrito por parte do conselheiro ou do aconselhado, sobretudo quando há o perigo de se confundir os objetivos da relação pastoral. A questão é, sem dúvida, delicada, e deve ser tratada com toda prudência.

4.4.

A imagem pastoral como imagem parental

O ser humano é diferente de qualquer outro ser, afinal é o único capaz de refletir sobre sua própria identidade. De certo modo, todas as pessoas sempre estão refletindo sobre o que elas são de fato e sobre quais são os propósitos de sua

²²⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 277.

²²⁶ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 277.

vida. Paul Tillich afirma que nessa busca de identidade individual, surge a “afirmação do eu como eu; isto é, de um eu separado, autocentralizado, individualizado, incomparável, livre, autodeterminado. É o que se afirma em cada ato de autoafirmação. É o que se defende contra o não-ser e se afirma corajosamente tomando o não-ser sobre si próprio.”²²⁷ Apesar de existir essa busca de identidade individual, não se pode negar que o ser humano como indivíduo é resultado de muitos fatores, inclusive das imagens parentais que projeta nas relações posteriores.

Em sua teologia sistemática, Paul Tillich conceitua a questão ontológica do ser a partir de um sujeito e um objeto, e também a partir das estruturas que cercam o ser. “Todo ser participa na estrutura do ser, mas só o ser humano está imediatamente consciente desta estrutura.”²²⁸ Ou seja, ninguém é sozinho, mas fatores dialéticos sempre estruturam ser. Deste modo,

A questão ontológica pressupõe um sujeito que a formula e um objeto a respeito do qual é formulada; ela pressupõe a estrutura sujeito objeto do ser, que, por sua vez, pressupõe a estrutura eu-mundo como articulação básica do ser. O eu, ao ter um mundo ao qual pertence – esta estrutura altamente dialética - precede lógica e experimentalmente todas as outras estruturas. Sua análise deveria ser o primeiro passo em toda tarefa ontológica. O segundo nível da análise ontológica se ocupa com os elementos que constituem a estrutura básica do ser.²²⁹

Quando falamos de transferência, nos referimos, inclusive, a uma transposição de imagens. É muito comum que uma pessoa, ao buscar o conselheiro espiritual, já projete sobre ele reflexos das suas relações parentais. Essas imagens foram sendo elaboradas ao longo de toda a história do sujeito, tanto pela ação do meio familiar como pela reação particular a cada uma dessas ações. Contudo, quando se fala em imagens que são projetadas dentro da relação entre guia espiritual e fiel, não é apenas o fiel que faz tais projeções. O conselheiro espiritual também projetará alguma imagem sobre os fiéis, uma vez que ele também tem imagens construídas em seu inconsciente. São diversos os caminhos pelos quais duas histórias humanas podem se encontrar.

Essas projeções são fundamentais para o sucesso do aconselhamento, assim como se dá na clínica psicanalítica. É justamente a transferência que

²²⁷ TILLICH, Paul. A coragem de ser., Pg. 67.

²²⁸ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática., Pg. 178.

²²⁹ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática., Pg. 174.

fornece ao sacerdote ou líder a posição de autoridade e de confiança, pois ele é para o fiel o representante da imagem do Cristo no mundo. “A pastora e o pastor simbolizam e relembram aos fiéis a Pessoa e o Ministério de Jesus Cristo. Ele é o ‘tema e fonte maior’ do ministério pastoral”²³⁰

O diálogo pastoral, entretanto, possui uma série de conotações específicas que nos permitem conjecturar sobre uma série de elementos transferenciais que serão nele favorecidos de forma especial. Assim como ocorre na relação analítica, o diálogo pastoral implica uma relação assimétrica. Nele, uma pessoa (“fiel”, “filho”, “cliente do aconselhamento pastoral”, “exercitante”) busca uma outra pessoa (“sacerdote”, “pai”, “conselheiro pastoral”, “diretor espiritual”) e lhe faz uma demanda. Esta última busca responder - diretiva ou não diretivamente - a essa demanda. Por outro lado, o guia espiritual desempenha um papel determinado dentro da comunidade eclesial: papel de direção, de orientação, de serviço etc. E o fiel sabe disso. Geralmente, quando o fiel procura o guia espiritual, também lhe atribui um saber teológico ou uma experiência religiosa. Ao mesmo tempo o reconhecerá, de maneira mais ou menos explícita, como “representante” de Deus, do sagrado, da moral ou da Igreja. Todos esses fatores, com certeza, desempenham um papel decisivo no sentido de provocar facilmente uma associação entre as imagens sacerdotais e as próprias imagens parentais.²³¹

A figura sacerdotal quase sempre está carregada de um imaginário simbólico de poder e autoridade. Deste modo, é comum que o fiel coloque sobre ele a dependência e a proteção que busca. “Para o crente pós-freudiano, a questão da obediência à autoridade torna-se digna de especial suspeita, em virtude da possibilidade de encobrir infantilismos profundos e tentações camufladas.”²³² A psicanálise possibilita enxergar que é comum transferir desejos passados para figuras de autoridade do presente, o que explicita uma série de reações inconscientes vinculadas a temas muito importantes do passado infantil. Habermas afirma que a identidade está muitas vezes conectada ao passado do indivíduo. Ele esclarece que:

Isso se manifesta, sobretudo, em situações críticas, quando uma Pessoa é confrontada com exigências que estão em contradição com expectativas surgidas ao mesmo tempo ou igualmente legítimas ou também com de expectativas experimentadas e assumidas no passado [...]em certas circunstâncias, tais conflitos constituem uma carga tão forte para a personalidade que essa se encontra diante da alternativa de se quebrar ou de iniciar uma nova vida.²³³

²³⁰ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 30.

²³¹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 278.

²³² MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 203-204.

²³³ HABERMAS, Jurgen. Para a reconstrução do materialismo histórico., Pg. 78.

No capítulo anterior, foi apontada a existência de transferências positivas, que são transferências de sentimentos de carinho e admiração, mas também a existência das transferências negativas, que são aquelas feitas de hostilidade e agressividade. É possível também que ocorra as transferências mistas, que misturam tais sentimentos.

A ambivalência afetiva, como uma corrente dupla de amor e hostilidade, impregna toda a relação parental. Freud insistiu sobre a permanência dessas relações ambivalentes diante das representações parentais e seus deslocamentos mediatos em relação a outras representações de autoridade. [...] Dirigirá sobre essas novas representações de poder seus sentimentos de ambivalência numa mescla de admiração e respeito, por um lado, e de rivalidade e hostilidade, por outro. Nossa atitude diante deles - diz Freud, será sempre "uma atitude ambivalente, visto que nossa reverência por eles via de regra oculta um componente de rebelião hostil".²³⁴

As imagens parentais que são produzidas sobre figuras de autoridade têm como origem os pais. “Sandor Ferenczi, baseando-se em seu estudo sobre a transferência, colocou em evidência a ‘necessidade de submissão’ que permanece oculta em todo indivíduo.”²³⁵ Tal necessidade de submissão e obediência ao pai é projetada posteriormente nas relações pastorais. Deste modo, a figura pastoral carrega essa projeção de forma exacerbada, afinal, na mente do indivíduo, quem seria mais digno senão aquele que carrega o sagrado consigo? Para cozzens,

Mesmo em nossa cultura secular pós-moderna, o colarinho e o terno preto podem evocar lembranças da suave alegria e da presença tranquilizadora desde muito associada aos padres paroquiais. Esses homens de mistério despertavam em seus paroquianos uma ânsia muitas vezes indefinida, mas muito real de uma vida mais profunda do espírito, de uma união extática com Deus [...] eles lembravam aos paroquianos do amor incondicional e escandaloso de Deus. Eles permaneciam no centro da imaginação católica de muitos.²³⁶

A verdade é que a figura sacerdotal está extremamente propícia ao imaginário projetivo de relações parentais, seja dos pais terrenos ou até mesmo do celestial. É obvio que não se pode negar que qualquer relação presente pode ser projetada a partir da relação parental; mas, o que está se afirmando aqui é que a relação pastoral, por seu caráter religioso, aumenta ainda mais a possibilidade desse tipo de transferência.

²³⁴ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 211.

²³⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 279.

²³⁶ COZZENS, Donald B. A face mutante do sacerdote., Pg.21-22.

Muito frequentemente, o guia espiritual atrairá sobre si toda essa carga de imagens paternas infantis relacionadas com a imagem do Deus-Pai. Os estudos sobre as imagens que as crianças fazem do sacerdote revelam que ele muito cedo se converte para elas numa figura misteriosa e excepcional: é um homem do sagrado. Dificilmente imaginam esse homem fazendo outra coisa que não seja celebrar a missa, rezar e confessar. É o homem do sagrado sobre o qual a criança projeta todos os resíduos de sua mentalidade mágica infantil (perdoa pecados, converte o pão em Jesus etc.)²³⁷

Dentro do protestantismo histórico, há uma recomendação de superar a visão paterna construída sobre o sacerdote. Tal tentativa de superação se dá a partir da responsabilidade de cada um como sacerdócio real descrito no texto de 1 Pedro 2,9: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”²³⁸ Contudo, na prática, o que se vê é que a figura sacerdotal não é superada, mas é cercada da transferência parental.

Segundo Satlher-Rosa, “no relacionamento e serviços pastorais tanto a pessoa ordenada, ou outro agente pastoral, como as pessoas que procuram assistência pastoral, vivem um processo contínuo de busca de um verdadeiro conhecimento de “quem são” e do significado último de suas vidas.”²³⁹ Portanto, existe sempre uma busca de quem somos a partir das relações que nos cercam. Essas buscas estão encharcadas de nossas imagens parentais infantis.

O mesmo processo ocorre quando estamos falando daqueles que não são os fieis da igreja. “A própria evolução do laicato e a progressiva clericalização da Igreja também revelam uma dinâmica de crescente subordinação dos seculares aos clérigos, na qual elementos de ordem afetiva desempenham um papel importante.”²⁴⁰ É claro que os tempos atuais são diferentes de outrora, e a relação pastoral também se modificou com o passar do tempo. Não se pode esquecer que o inconsciente sabe revestir-se com os modismos deste tempo.

Acreditamos, com efeito, que uma análise mais aprofundada das formas de relação mantidas com a pessoa do clérigo tende a revelar que, pelo menos em vários setores eclesiais, ele continua a ser percebido como uma figura com traços paternos. Talvez isso sim - numa nova configuração, mais de acordo com os

²³⁷ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 280.

²³⁸ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

²³⁹ SATHLER-ROSA. Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança., pg. 30.

²⁴⁰ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 280.

tempos "democráticos" em que vivemos. Mas imagem paterna, afinal de contas.²⁴¹

O sacerdote é reconhecido na vivência de muitos crentes por uma série de traços que remetem às imagens parentais. Por exemplo, para muitos, a função ministerial faz do sacerdote um homem para os outros ou até mesmo um homem de todos, e isso é visto como um estado de total disponibilidade para todos em todo tempo. A disponibilidade dele exigida é ilimitada e absoluta, de maneira a dever saber escutar, estar atento, ser compreensivo e, inclusive, ter sempre uma solução prática para o problema. Essa imagem é igual à de uma criança que chama o pai quando não sabe resolver seus dilemas, na certeza de que ele tem resposta para tudo. A figura pastoral é tão idealizada pelo fiel que “a simples presença repentina de um sacerdote paramentado em determinado ambiente, tem o poder de alterar a configuração das relações sociais que ali ocorriam até então.”²⁴²

Outra questão que reforça a imagem parental é a gratuidade da relação pastoral. Quando se pensa na clínica psicanalítica, existe uma prestação de serviço que exige uma contrapartida financeira. O paciente paga ao analista para realizar sua análise. No âmbito da relação pastoral isso não existe. Essa gratuidade da “relação pastoral pode favorecer o surgimento de demandas de um amor sem limites. Um amor plenamente tranquilizador, com o qual não se pode ficar em débito, pois é considerado algo plenamente gratificante para aquele que o exerce.”²⁴³ Portanto:

Na experiência daqueles que creem, o sacerdote é um "homem de Deus", compreendido mais em chaves veterotestamentárias do que num sentido autenticamente cristão. Concebido como personagem do "sagrado", exige-se dele a perfeição. Não pode decepcionar nem falhar. Tal imagem do presbítero, tão frequente entre os que creem, revela claramente o papel parental que lhe é atribuído. Papel, diríamos, mais abertamente superegóico, na medida em que o supereu pressupõe uma imagem internalizada do pai. Imagem mais fantasmática do que real, na medida em que o pai real, como sabemos, é imperfeito. O pai internalizado pelo supereu - em contraste com o pai real conserva todas as características de perfeição e de onipotência que lhe foram atribuídas na primeira infância. O guia espiritual converte-se assim numa figura que desperta todas as exigências do próprio supereu. Talvez possamos ver nessa representação que dele é feita o traço transferencial mais importante que pode entrar em cena no âmbito da relação pastoral.²⁴⁴

²⁴¹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 281.

²⁴² KIYAN, Ana M. Mezzarana. A identidade do sacerdote católico., pg.102.

²⁴³ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 281.

²⁴⁴ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 281-282.

Morano afirma, a partir da contribuição de Sagne, que o guia espiritual deve ser como um irmão mais velho, afinal, este é aquele que, em uma família sem pai, desempenha tal função. “Aquilo que se apresenta como uma rejeição da paternidade ou da autoridade oculta a demanda por um pai absoluto e perfeito. Quando se pede a um sacerdote que se imponha por sua experiência humana e espiritual, se está exigindo dele que saiba conquistar com seu próprio valor pessoal a autoridade que é atribuída à sua função.”²⁴⁵ É obvio que a relação pastoral não tem como objetivo que alguém seja pai ou mestre. Contudo, quando se observa a realidade, percebe-se que isso acontece costumeiramente, mesmo que essa situação não se traduza em palavras.

4.5. As imagens parentais do sacerdote.

A transferência ainda é um fenômeno pouco analisado, levando em consideração a sua importância. Porém, quando se fala em transferência, geralmente é a partir do analisando para o analista, ou do crente para o sacerdote. “É como se o sacerdote não possuísse uma história ou como se essa história o tivesse conduzido a uma situação supramundana na qual o mundo de seus desejos e ansiedades não desempenhasse nenhum papel no exercício de sua atividade pastoral.”²⁴⁶

Muitas vezes fica esquecido que a transferência é um fenômeno espelhado. Assim como o crente projeta suas relações passadas no sacerdote, o mesmo também acontecerá do outro lado. Essa transferência vivida pelo sacerdote é chamada de contratransferência. Inclusive, o presente trabalho, no capítulo anterior, dedica uma parte somente ao fenômeno da contratransferência. Morano aponta para três fatores que impulsionam as reações contratransferências no sacerdote:

Devemos pensar as reações contratransferenciais no diálogo pastoral como determinadas por três fatores básicos. Em primeiro lugar, pela história pessoal do

²⁴⁵ MORANO, C. D. apud SAGNE, J. C. Le prêtre comme figure paternelle e fraternelle. Pg. 511.

²⁴⁶ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 291.

guia espiritual; em segundo lugar, pela coloração da demanda transferencial do fiel; e, por último, e em relação íntima entre esses dois fatores assinalados, pela referência tanto do sacerdote como do fiel a um terceiro elemento presente na relação: a esfera do transcendente ou do religioso.²⁴⁷

Em relação à história do sacerdote, a diversidade de reações será tão grande quanto é a diversidade dos sujeitos. Contudo, alguns elementos são próprios aos líderes espirituais e, inclusive, falam sobre a sua vocação ministerial. Aqui se encontram as relações familiares e todo seu contexto religioso.

O sacerdote também pode ser percebido como a figura materna. Um dos fatores que colaboram para essa imagem parental é justamente o fato de ser percebido e de se perceber como aquele que se entrega totalmente pelo outro. Tal como uma mãe amamenta seu filho sem receber nada em troca, assim o sacerdote “alimenta” o fiel sem nenhuma compensação.

O sacerdote católico é chamado de “padre” e, muitas vezes, ele é colocado justamente nessa posição de “pai”. É evidente que isso não acontece somente com o sacerdote católico, mas com todos os outros, dos mais diversos segmentos do cristianismo. Essa imagem que o líder espiritual carrega de pai não é a do pai real, mas do imaginário infantil. “Figuração de seus sentimentos de onipotência infantil com os quais se identificou; ou, dito de outra maneira, a expressão de uma imagem inflada de si próprio.”²⁴⁸

O segundo fator, citado acima, corresponde às demandas transferenciais do fiel. Essas transferências passam por uma tensão dialética com as imagens parentais do sacerdote, o que gera as reações contratransferenciais.

A tensão entre as imagens internas do guia espiritual e as demandas que lhe são feitas deve ser levada em consideração antes mesmo que tais demandas cheguem a ser formuladas. De alguma maneira, as imagens paternas podem, se não criar, pelo menos selecionar determinados tipos de demanda. O sacerdote, a partir das incidências de sua história, tenderá a criar uma imagem de si mesmo como um guia espiritual. Dentro da possível gama de funções pastorais escolherá algumas, determinadas, e demonstrará preferência por alguns papéis específicos. Estará, assim, de alguma forma, originando e selecionando certos tipos de demandas “que lhe vão bem”. Cada sujeito tem “suas verdades e suas leis”: o guia espiritual possui também suas preferências pastorais. Esse tipo de preferência pode desempenhar um papel muito importante no sentido de favorecer a estabilidade pessoal do sacerdote, que talvez encontre, assim, um meio muito apropriado para viver de forma adequada e compensatória seus próprios conflitos. Por outro lado,

²⁴⁷ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 291.

²⁴⁸ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 294.

pode favorecer também, de modo substantivo, um bom trabalho apostólico. Mas é evidente que, na medida em que responda às deficiências anteriormente assinaladas, acarreta o perigo de estabelecer toda uma série de ocultas "alianças transferenciais".²⁴⁹

Por fim, o outro tipo de aliança transferencial é aquela que se manifesta a partir do poder e do domínio sobre o outro, ou seja, a esfera do transcendente ou do religioso. No âmbito da pastoral, a questão está situada na autoridade e na obediência, que não se dá diretamente ao sacerdote, mas ao Pai celestial. Aqui, porém, o Pai transcendente e invisível dá lugar ao sacerdote, dado que este é visível e imanente.

A verdade é que a transferência é fator determinante para clínica psicanalítica e pode ser determinante na relação pastoral. E mais, a transferência sempre exigirá muita cautela e diligência do sacerdote, afinal, seu manejo pode ser bem complexo no contexto do diálogo pastoral. Segundo Morano,

O diálogo pastoral, por seu caráter íntimo e confidencial, implica muitas vezes um tipo de relação em que as demandas inconscientes dos participantes se mobilizam com especial intensidade. A referência ao religioso tem então o risco de constituir-se como uma grande limitação a que essas demandas inconscientes se desloquem e se canalizem de forma extraviada. O elemento cristão pode converter-se, tanto para o guia espiritual como para o fiel, num substituto do objeto perdido ao qual não se quer renunciar.²⁵⁰

4.6.

Transferência, contratransferência e fé.

Após analisar as dimensões das transferências vividas pelos crentes e das contratransferências como respostas do sacerdote, é preciso analisar a relação destas com o elemento transcendente e absoluto da fé: Deus! A forma como o conselheiro espiritual e o fiel se situam em relação à fé determinará aspectos transferenciais entre eles. Aqui, se encontra a fé no sentido pessoal, tanto do sacerdote como do fiel.

Na clínica psicanalítica, a relação se dá entre o analista e o analisando. Qualquer pessoa que surja na associação livre é objeto, e não sujeito. Quando se fala em relacionamento pastoral, não existe apenas o sacerdote e o crente como

²⁴⁹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 295.

²⁵⁰ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 299.

sujeitos da relação, mas também Deus. Afinal, O sacerdote e o crente sempre se reúnem em nome de Deus. “Por meio dessa questão tocamos talvez no ponto mais importante relativo à repercussão que a psicanálise pode ter para o diálogo pastoral.”²⁵¹ A concepção teológica deste diálogo entre os homens e Deus é apresentada por García Rubio da seguinte forma: “Deus com a sua providência é quem dirige o mundo e, assim, cabe a Ele a última responsabilidade. O homem simplesmente deve adaptar-se ao mundo e às suas estruturas.”²⁵²

Quando se fala da relação com Deus, não se pode deixar de falar sobre a oração. Orar sempre pareceu um caminho perigoso. É difícil discernir se a oração conduz a uma união com Deus ou se apenas explicita o substrato dos desejos inconscientes do sujeito. “Muito antes de Freud e da psicanálise, os grandes mestres da vida espiritual dedicaram grande parte da atenção advertindo sobre as numerosas armadilhas nas quais pode cair uma pessoa que ora.”²⁵³ Para García Rubio,

parece que a vontade explícita e sincera de integração entra em conflito com uma estrutura mental subjacente que frequentemente não vem à superfície da consciência e que tende a separar. E a julgar pelos resultados, a força do inconsciente parece levar a melhor neste embate.²⁵⁴

É obvio que essa questão não pode ser percebida de maneira cristalina. Todos os processos na psicanálise são complexos, pois lidam com elementos inconscientes que não são acessados facilmente, e isso também é verdade quando falamos da relação entre homem e Deus através da oração.

A tudo isso se deveria acrescentar que nenhuma experiência psicanalítica é passível de catalogação ou definição. Sempre constitui um processo particular e único, como é particular e única a história de cada sujeito que se analisa. Por isso todo saber teórico sobre esse processo só pode ser inadequado e possuir algo ou muito de enganoso. Do mesmo modo, a oração constitui também uma experiência pura, com todo o seu caráter de inefabilidade, inclusive ressaltado por todos os grandes mestres da espiritualidade. Não obstante, ainda que ao custo de uma inevitável deformação, iremos tentar detectar os passos fundamentais que geralmente atravessam a experiência de oração na pessoa que se submete à experiência analítica.²⁵⁵

²⁵¹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 298.

²⁵² GARCÍA, Rubio Alfonso. Unidade na pluralidade., pg. Pg. 181.

²⁵³ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 101.

²⁵⁴ GARCÍA, Rubio Alfonso. Unidade na pluralidade., pg. Pg. 83.

²⁵⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 103.

A teologia define Deus como um Ser absoluto e indissolúvel, o que de fato é a verdade da revelação. Contudo, esse Deus se revela na história levando em conta as percepções deste homem, afim de que este possa conhecê-lo na medida em que se apresenta. Por exemplo, quando em gênesis 6,5 o autor diz que “então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra; e isso cortou-lhe o coração”²⁵⁶, ele não está falando sobre atributos que competem à Deus pois, sendo perfeito, não pode se arrepender. Porém, a intenção do autor é fazer Deus conhecido, levando em conta as percepções e condições humanas, e isso é o que, na teologia, é chamado de antropomorfismo²⁵⁷. A consciência que alguém tem de Deus também reflete uma transferência. Deus é percebido a partir de elementos conscientes e inconscientes do sujeito.

O Deus com quem nos relacionamos na oração é também fiador de uma história. Uma história que é justamente a nossa, na medida em que Ele, na condição de objeto mental, foi se configurando ao longo de nossa vida, intimamente enlaçado às transformações de nossas relações conosco e com o mundo. Ele nos veio pouco a pouco através e a partir de nossas necessidades biopsíquicas mais determinantes, e foi tomando a forma e o colorido de nossas experiências vitais mais profundas. Deus não surge em nós como fruto direto e espontâneo, tal como determinadas posições teológicas ou psicológicas nos querem fazer crer, e como talvez também apeteceria a uma fé ansiosa por evidências.²⁵⁸

No contexto do aconselhamento pastoral, o sacerdote não fala em seu próprio nome, mas em nome do Deus-Pai. O crente que o busca, acredita que ele pode mediar sua procura por Deus, e é aqui que está o grande perigo: “que o guia espiritual não saiba se remeter realmente a esse Deus-Pai, mas somente a seu "pai-imaginário: isto é, à imagem inflada de seu próprio narcisismo.”²⁵⁹

Nesse caso, o guia espiritual estará dizendo não o que concerne a Deus e à sua revelação, mas falando sobre que concerne a si próprio. Esse é um dos maiores desafios do aconselhamento pastoral: não utilizar a autoridade que se tem para dominar e submeter a todos que se aproximam.

²⁵⁶ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

²⁵⁷ O Antropomorfismo está associado ao conceito de “Antropopatia” de forma que este significa a atribuição de sentimentos humanos à Deus. A palavra, derivada do grego, representa a união dos termos “anthropo” (homem) e “pathos”, (paixão).

²⁵⁸ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 117.

²⁵⁹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 300.

Deus pode ser uma arma com a qual submetemos o outro, o disfarce pelo qual o seduzimos, a moeda com que o subornamos, o pedestal sobre o qual nos erigimos para que nos adore. O guia espiritual e o fiel podem utilizar um com o outro a arma, o disfarce, a moeda e o pedestal. Estas reflexões baseadas na psicanálise pretendem apenas ajudar a captar os caminhos pelos quais essas cumplicidades podem ser efetivadas.²⁶⁰

4.7.

Encontro da fé com a psicanálise e da clínica com o aconselhamento.

Muitas pessoas enxergam a fé e a psicanálise como caminhos paralelos que jamais poderão se encontrar. Isso se dá, muitas vezes, pelo fato de Freud ter sido um ateu convicto, que tratava a religião como uma neurose obsessiva.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud toma como modelo o cristianismo tal como é praticado no Ocidente, e considera que a religião é fundada na necessidade de ilusão que habita o ser humano, que tenta se proteger dos perigos da existência. Ele reafirma que a religião é "a neurose obsessiva universal da humanidade" e que é preciso abandoná-la, do mesmo modo que a criança abandona sua neurose infantil com os progressos de seu desenvolvimento. Para favorecer a evolução da humanidade no sentido da maturidade, Freud deposita toda sua esperança na primazia das ciências. Nessa obra, ele dialoga com um interlocutor imaginário, em que se reconhece seu amigo e correspondente suíço, o pastor Oskar Pfister²⁶¹

É evidente que a obra “O futuro de uma ilusão” provocou e continua a provocar muitas controvérsias que estão longe de ser resolvidas. E, mais do que isso, deu margem para uma série de posicionamentos dos mais diversos possíveis. Precisa ficar claro que o debate sobre religião e psicanálise é ainda incipiente, o que revela a relevância desse trabalho como contribuição à questão.

O primeiro grande nome que contribui para discussão é, sem dúvida alguma, Oskar Pfister. Ele protesta contra as posições de Freud em “O futuro de uma ilusão”. Ele é o suposto interlocutor imaginário, não identificado por Freud na obra. Dentro das discussões levantadas pelos dois amigos, podem-se perceber pontos de encontro e divergências.

O interesse do debate entre Pfister e Freud reside particularmente em que seus argumentos recíprocos já contêm os principais temas de debates posteriores. Assim, Pfister acusa Freud de ter se preocupado unicamente com os aspectos patológicos da prática religiosa, e não com o fenômeno religioso tomado em seu

²⁶⁰ MORANO, C. D. *Crer depois de Freud.*, Pg. 300.

²⁶¹ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 249.

conjunto. De resto, as opiniões dos dois interlocutores divergem em vários pontos: Freud opõe a psicanálise à religião, enquanto Pfister vê na psicanálise uma possibilidade para o crente de depurar sua fé. Freud considera a religião como a expressão do infantilismo do ser humano, enquanto Pfister vê nela um de seus ideais mais elevados.²⁶²

Como foi explanado no primeiro capítulo, a relação de amizade entre Freud e Pfister e todas as suas discussões, demonstraram que a religião e psicanálise não estão tão distantes assim. Ao contrário, existem pontos de convergência. Os comentários de Oskar Pfister sobre o seu entendimento do método psicanalítico demonstraram à Freud sua eficácia sobre “a cura de almas”. Para Pfister, a psicanálise teria muito a contribuir no tratamento dos que sofrem e, respeitando as devidas fronteiras, mais uma vez o ser humano seria valorizado.

Desde “O futuro de uma ilusão”, criou-se a ideia de que a psicanálise estava ligada ao ateísmo, como se fosse até mesmo uma linha de pensamento ateia. Inclusive, a partir da decisão da Associação Psicanalítica Internacional de dar liberdade aos seus membros quanto à questão religiosa, espalhou-se amplamente a ideia de que todos os psicanalistas eram ateus, assim como Freud.

Temos de reconhecer que se essa ideia faz parte dos inúmeros preconceitos que correm a respeito dos psicanalistas, estes últimos não se preocuparam muito e em contestar essa opinião. Ao contrário, podemos dizer inclusive que é quase de bom tom para um psicanalista anunciar abertamente seu ateísmo com o Freud, ou pelo menos não desmentir a presunção.²⁶³

Nos dias atuais, o preconceito em relação à psicanálise no ambiente religioso ainda é muito grande. Os psicanalistas leigos dentro da religião são questionados frequentemente sobre a incompatibilidade entre a psicanálise e a fé. O percurso para apresentar a psicanálise como uma psicoterapia importante para o tratamento de pessoas religiosas é muito longo e trabalhoso. Isso ganha proporções ainda maiores quando se propõe, como neste trabalho, a analisar como a psicanálise pode cooperar dentro do aconselhamento pastoral, a partir da análise do fenômeno da transferência.

A verdade é que poucos psicanalistas se propuseram a provocar esse tipo de discussão. Contudo, mesmo em meio a desconfianças e correndo o risco de perder credibilidade, alguns se colocaram na esteira dessa mudança de paradigma.

²⁶² QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 254.

²⁶³ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 254.

“De fato, pouquíssimos psicanalistas ousaram afirmar publicamente que sua fé cristã era compatível com as descobertas freudianas e que podiam discordar de Freud quanto a esse ponto.”²⁶⁴ Quinodoz destaca em seu livro alguns dos psicanalistas que não deixaram sua fé de lado e sempre afirmaram que a psicanálise e a fé podiam sim trilhar caminhos congruentes.

Nos Estados Unidos, nos anos de 1930, o psicanalista católico G. Zilboorg adotou posições similares às do pastor Pfister: “Arrisco-me a dizer que haverá um tempo em que bons e corajosos católicos desejarão estudar seriamente a psicanálise, tão seriamente quanto estudam a ótica de Galileu e o sistema heliocêntrico, e que não encontrarão nada na psicanálise clínica que contrarie sua fé religiosa”. Na França, Maryse Choisy e Françoise Dolto estavam entre os raros psicanalistas conhecidos por não terem ocultado sua fé. Dolto publicou duas obras, “O evangelho à luz da psicanálise” (1977-1978) e “A fé à luz da psicanálise” (1981).²⁶⁵

Françoise Dolto sofreu grandes críticas de seus colegas psicanalistas “que julgavam que sua fé religiosa era o resíduo de uma análise pessoal que ficou incompleta”²⁶⁶ Como já abordado acima, devido à falsa impressão de que a psicanálise e a fé não podem caminhar juntas, muitos psicanalistas utilizam falsos argumentos de autoridade para julgar a fé do outro, negando a experiência psicanalítica que não lhe é própria.

Tudo isso aponta para um grande desafio que se apresenta diante da discussão entre psicanálise e fé: “Ainda hoje é difícil para os psicanalistas que tanto aprenderam com Freud afirmar uma opinião independente da dele quanto à sua própria convicção religiosa e quanto à de seus pacientes.”²⁶⁷ No entanto, esse é um desafio que precisa ser enfrentado.

Como já visto, a psicanálise não contraria a fé religiosa, e a e a clínica psicanalítica pode ser uma grande aliada do aconselhamento pastoral. O pensamento de Zilboorg demonstra “que a relação entre o método psicanalítico e o aconselhamento pastoral exigia um diálogo franco. O que, na prática, continua sendo trabalhoso e provoca atrito tanto de um lado como do outro.”²⁶⁸

A transferência, para a psicanálise, reflete a necessidade da empatia. Compreender o outro a partir de suas demandas recalcadas e considera-lo para

²⁶⁴ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 254-255.

²⁶⁵ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 255.

²⁶⁶ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 255.

²⁶⁷ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud.*, pg. 255.

²⁶⁸ SANTOS, F. A. S. *Audição equilibrada.*, pg. 32.

além do que pode ser percebido superficialmente é fundamental. O mesmo precisa contagiar o aconselhamento pastoral. O encontro com o outro é importante para fazê-lo se sentir humano. Portanto, “é necessário o encontro com o ‘outro’ na relação pessoal para que a experiência humana seja humana mesmo.”²⁶⁹

A capacidade de falar sinceramente e ouvir atentamente são fundamentais para uma eficaz percepção e utilização da transferência e contratransferência. Nesse caminho pavimentado pelo conselheiro e aconselhado, tanto o que ouve quanto o que fala precisam estar atentos um ao outro. “A comunicação continua sendo um ato de boa vontade e um vestígio de que o ser humano não perdeu a capacidade de se humanizar.”²⁷⁰ Como o apóstolo Paulo afirma na carta aos romanos, no capítulo 15, verso 14: “‘Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de bondade e plenamente instruídos, sendo capazes de aconselhar-se uns aos outros.’”²⁷¹

É necessário esclarecer aqui que a intenção deste trabalho não é transformar o aconselhamento pastoral em uma clínica psicanalítica. Afinal, o aconselhamento bíblico não é psicoterapia e nem se propõe a ser. Entretanto, o intuito é apontar para a relevante contribuição que a psicanálise pode oferecer para compreensão do outro. É obvio que a forma como o conselheiro pastoral executa sua função é diferente de um psicanalista, já que leva consigo a fé e a bíblia como bases para o aconselhamento.

Muitas vezes o aconselhamento pastoral é visto, inconscientemente, como um ambiente terapêutico. Diversas das demandas levadas pra lá são de cunho totalmente psiquiátrico e psicopatológico. Contudo, para aquele que busca aconselhamento pastoral, todas as questões perpassam sua vida religiosa, seu relacionamento com Deus, sua igreja, algum mandamento ou doutrina bíblica.

Ao buscar o conselheiro, ele nutre a expectativa de que este aponte objetivamente algum direcionamento religioso capaz de solucionar o problema sem recurso a princípios não providos por Deus. Daí a importância de que o conselheiro identifique com clareza o momento em que algo na demanda ou no demandante não se coaduna com sua competência como conselheiro. Certamente essa postura deve ser manifesta de modo a não pôr em dúvida sua função.²⁷²

²⁶⁹ RUBIO, Alfonso Garcia. Unidade na pluralidade., p. 162.

²⁷⁰ SANTOS, F. A. S. Audição equilibrada., pg. 48.

²⁷¹ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

²⁷² SANTOS, F. A. S. Audição equilibrada., pg. 54.

Quando se defende o conhecimento psicanalítico como ferramenta para exercer bem a função de conselheiro espiritual, não se destaca apenas um melhor atendimento pastoral. É necessário perceber o outro em suas demandas psíquicas até mesmo para orientá-lo a procurar um profissional que possa ajudá-lo adequadamente. Esse conhecimento mais aguçado é exigido por parte do conselheiro, pois dificilmente ele virá pelo aconselhando. Geralmente, aquele que vai atrás do aconselhamento pastoral está convicto de que seu problema é exclusivamente de ordem espiritual, e não imagina que pode ser algo de ordem psicológica ou psiquiátrica. Assim, o trabalho do conselheiro é duplamente importante.

Ele deve estar habilitado à resposta sem comprometer fé e expressão de fé no viver diário do consulente. Por outro lado, sua posição veda-lhe omitir a opinião quanto ao que não se inscreva na vivência religiosa, ainda que, dotado dessa percepção, ele não contribua diretamente para a solução do problema. Pode parecer insignificante o que o conselheiro diz quando não apresenta solução de ordem espiritual, pois o aconselhando o vê como único capaz de responder ou explicar por viés espiritualizado o motivo por que ele vive desconfortavelmente. Essa relação é mediada pela crença e pela fé, e frequentemente não pela razão.²⁷³

Por mais que muitos tentem afirmar que a fé e a razão não podem caminhar juntas, isso é definitivamente uma mentira. Mas, quando se olha para o crente que sofre, muitas vezes, se percebe um abandono da razão. Ele só consegue enxergar seu sofrimento a partir da ótica religiosa. Um exemplo típico é percebido em relação à transgressão de um mandamento. Muitas vezes o religioso tende a atribuir seu sofrimento a algum tipo de transgressão que tenha cometido.

O conselheiro precisa identificar, com competência, se a razão da queixa é de fato religiosa. Se não, cabe a ele orientar o fiel a procurar um profissional especializado que possa intervir naquele caso específico. “Isso deve ser feito de forma a não aumentar o desconforto nem descredenciar a importância do aconselhamento para o amadurecimento do fiel.”²⁷⁴

É necessário perceber que a psicanálise não pode mais ser tratada como uma filosofia ateia que busca acabar com a fé. É fato que Freud foi sim um ateu que tratou a religião como uma neurose obsessiva universal e, até mesmo, defendia que o sujeito precisava superar a ideia de Pai celeste perfeito para

²⁷³ SANTOS, F. A. S. *Audição equilibrada.*, pg. 55.

²⁷⁴ SANTOS, F. A. S. *Audição equilibrada.*, pg. 55.

amadurecer. Contudo, a psicanálise tomou rumos próprios, e ela, por si só, não é contrária a fé e a religião.

Oskar Pfister, por exemplo, foi um expoente importante na demonstração de que a psicanálise pode ser uma grande ferramenta em favor do cuidado pastoral dentro do contexto do aconselhamento. Isso se dá não apenas pela utilização da psicanálise como psicoterapia, mas, principalmente pelos caminhos que oferece para que se conheça o outro para além do que está sendo dito. Todo sujeito que sofre no presente tem um passado, que é sua origem, e também um destino, que é seu futuro.

5. Conclusão

Ao finalizarmos esta caminhada de investigação acerca do diálogo entre Psicanálise e Religião e, conseqüentemente, da recepção do conhecimento psicanalítico pelo aconselhamento, queremos apontar para o fio condutor que julgamos constituir a questão central desta pesquisa. Ele se trata da relação entre Psicanálise e Religião, a aproximação da clínica psicanalítica ao aconselhamento pastoral, levando em conta suas diferenças, mas também os possíveis benefícios de um para o outro.

O trabalho não conclui que o aconselhamento precisa diluir a sua própria identidade e os seus conteúdos de fé para acomodar-se, de maneira envergonhada, a prévios pressupostos psicanalíticos (ou quaisquer outros), aos quais agora se concede o privilégio da honra e da glória. “O inconsciente, com todo o fascínio que pode suscitar, não pode ser elevado aos altares. A proposta de uma boa relação com ele não pode ser proclamada de nenhum púlpito como uma “boa palavra”²⁷⁵.

É óbvio que não se pode defender que a religião deve se autoflagelar em função elementos que lhes são estranhos, mas também é necessário ressaltar que ela não pode deixar de dialogar com elementos que, ao contrário da forma como foram fortemente pintados, não são “diabólicos”. A psicanálise pode sim trazer suas contribuições, e existe a necessidade de estarmos abertos ao diálogo. Afinal, todos estão imbuídos em um mesmo objetivo: trazer alívio ao que sofre.

Essa firmeza em que consiste a fé não deseja ser uma defesa maníaca em face do “terrível inimigo”. Assim como a amizade improvável entre Sigmund Freud e Oskar Pfister suscitou uma discussão riquíssima, o diálogo entre fé e psicanálise produz “cura de almas.” É importante concluir que a crença não garante, de nenhuma maneira, a isenção de defeitos ou mazelas e, por isso mesmo, a fé tampouco dispensa enfrentar os dilemas terríveis deste mundo. Como afirmou o próprio Cristo, em João 16,33: “Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo.”²⁷⁶

²⁷⁵ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 333.

²⁷⁶ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

O diálogo entre clínica psicanalítica e aconselhamento pastoral não representa a solução de todas as questões que surgem dessa discussão. Contudo, promove caminhos impensáveis e que geram sim uma melhor realização do aconselhar. Este trabalho não fecha o diálogo, mas aponta para o significado da necessidade dessa experiência que pode cooperar para vivência religiosa, como se Deus pudesse acolher através do outro.

A verdade é que esse diálogo pode significar uma importante integração entre os diversos dinamismos da pessoa, o estímulo para o crescimento, a fonte de alegria para viver, a origem no interesse pelo real, entre outras coisas. Toda essa proposta pode ser percebida como um dom vindo de Deus para o aprimoramento do cuidado do ser humano. Essa experiência de conhecimento mútuo pode ser sim vivida sem culpa, e ser compartilhada por todos.

Na imensidão da experiência religiosa, se reconhece a mediação e a presença das estruturas psíquicas inconscientes. Se a fé fala dos mistérios de Deus que são revelados, por que a psicanálise não pode cooperar na fala sobre os mistérios do homem que quer se relacionar com Deus? A verdade é que pode sim! Quando o homem atinge essa maturidade, não se incomoda com a presença dos elementos misteriosos do inconsciente. Ao contrário, ele renuncia à pura imediatez entre seu credo e sua consciência, para se aprofundar em si.

Este homem experimenta mais de si, e isso o possibilita experimentar mais do transcendente, afinal, o Deus apresentado pelo Espírito Santo é aquele que habita em nós. A busca pelo autoconhecimento é libertadora. Quando Jesus afirma em João 8,32: “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”²⁷⁷, Ele está falando sobre um conhecimento sobre Ele mesmo; porém, podemos aqui dizer que o autoconhecimento, como defende a psicanálise, também tem um poder libertador para o homem.

Todo o trabalho procurou despertar o desejo de arriscar-se a ler a realidade para além do empírico e do perceptível na fala. O Deus da Bíblia não é desse mundo, mas começou a instaurar seu Reino aqui, e mantém seu profundo amor por aqueles que aqui estão. Não podemos, pois, negligenciar os que aqui estão e os que aqui sofrem. “Estar-se-á sempre disposto, portanto, a aceitar que, mesmo

²⁷⁷ BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional.

com a fé, se pode acabar envolvido com o pior, no sentido pleno da dor e do indecifrável. Como Jesus se viu. E ali, não obstante, continuar-se-á acreditando que Deus está presente.”²⁷⁸

Deus é apresentado por Jesus como o Pai, que concede a nós a filiação por adoção através de Cristo. Por mais que pareça absurdo ver Deus como pai, Ele escolheu ser conhecido assim, para que o homem saiba que sempre, através da fé, poderá ser ouvido. Essa realidade precisa transbordar o aconselhamento pastoral, de modo que o sacerdote seja o ouvido atento a todas as facetas do homem que fala.

Por fim, conclui-se que o diálogo entre psicanálise e religião também revela que a fé é inseparável da presença dos outros. A fé é construída cruzando as vidas, promovendo identificações e vivendo as rejeições. A fé precisa ser um convite ao outro, de modo que o “nós” apresentado por Jesus na oração do “Pai nosso” não seja apenas uma palavra, mas se transforme em realização. Afinal, o Reino pode facilmente parecer um delírio, mas é real, e contempla o “já e o ainda não”.

“Por isso, essa fé se insere na história e se alista em toda pequena ou grande luta que tem lugar onde quer que o humano seja abatido, marginalizado ou negado pela força dos outros, pela mera contingência da natureza ou da própria história.”²⁷⁹ Portanto, este trabalho não propõe a diluição da fé à luz da psicanálise, mas estabelece concordâncias em favor do humano. “Mas, tendo passado pelo saber do inconsciente, essa fé será também inevitavelmente uma fé experimentada de maneira radicalmente nova e, na medida em que tenha alcançado esse saber, também será pensada e dita de uma forma nova.”²⁸⁰ Concluo com as belas e sintéticas palavras de Palhares:

Visualizamos aqui a valiosa contribuição da psicanálise à sociedade pós-moderna: a consolidação de um processo ontológico repercutindo nos vínculos humanos. Pensar a transferência como pertencente ao campo do não-acontecido em razão da não-integração do ser, do arcaico da história de cada um, pensá-la relacionada ao corpo, ao excesso pulsional, às representações inconscientes, nos coloca diante de uma circularidade temporal infinita que envolve múltiplas compreensões durante o ato analítico. Dada essa abrangência, e sobretudo diante das ameaças ao humano no mundo pós-moderno, amplia-se o alcance do

²⁷⁸ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 334.

²⁷⁹ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 335.

²⁸⁰ MORANO, C. D. Crer depois de Freud., Pg. 335.

tratamento analítico em benefício da complexidade humana, sem negar seus acertos, seus fracassos, suas incertezas – prosseguindo, primordialmente, na trilha de fecundar nossa reserva de alma.²⁸¹

²⁸¹ PALHARES, M. do C. A., Transferência e contratransferência, pg. 110.

6.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Torri de. **Deus analisado: os católicos e Freud**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ARAÚJO, Ricardo Torri de. **Experiência mística e psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

BALINT, M. **O médico, seu paciente e a doença**. Rio de Janeiro/São Paulo: Edições Atheneu, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova versão internacional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

BOEHLICH, Walter (Org). **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein [1871-1881]**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: teologia do político e suas mediações**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Tezes, 1998.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 6a ed. Petrópolis: Vozes, 1982

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 5ed . São Leopoldo: Sinodal, 1987.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão : edição século 21**. São Paulo : Vida Nova, 2004.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente: o que aconteceu com os homens?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

COZZENS, Donald B. **A face mutante do sacerdote**. São Paulo: Loyola, 2001.

DOLTO, Françoise. **Os evangelhos à luz da psicanálise**. Campinas: Verus, 2011.

DROGUETT, J. G. **Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FIGUEIREDO, L. C. **Transferências, contratransferências e outras coisinhas mais ou Esquizoidia e narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea ou a chamada pulsão de morte.** Pulsional – Revista de Psicanálise. Ano XVI, n. 168, abril, 2003. Pg. 58-81.

FRAAS, Hans-Junger. **A religiosidade Humana Compêndio de psicologia da religião.** São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** Belo horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago, 2021.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**, v. 6. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã.** Viçosa: Ultimato, 2009.

FROMM, Erich. **Psicanálise e Religião.** Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1966.

FERREIRA, D. D.; CARRIJO, C. **O manejo transferencial em Freud: uma análise da relação entre transferência e sugestão.** Rio de Janeiro: Ágora v. XI, n. 3, set/dez. 2016, pg. 393-408.

GAY, Peter. **Freud, uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GAY, Peter. **Um Judeu Sem Deus.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GESCHÉ, Adolphe. **Deus para pensar.** São Paulo: Paulinas, 2004.

HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário Comentado do Alemão de Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes, 2002

IMODA, Franco. **Psicologia e mistério: o desenvolvimento humano.** São Paulo: Paulinas, 1996.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 1: os anos de formação e as grandes descobertas (1856-1900).** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 2: a maturidade (1901-1939).** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 3: última fase (1919-1939)**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JOHNSON, P. E. **Psicologia da religião**. São Paulo: Aste, 1964.

JUNG, C. G. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KIYAN, Ana M. Mezzarana. **A identidade do sacerdote católico: um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica**. São Paulo: 2005. 189p. Tese. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LAPLACHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIBANIO, João Batista. **O que é pastoral?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAESSO, M. C. **A Estratégia da Transferência na Psicanálise como Contradispositivo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 36, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/CTbjC7SDMb57HS4zdPfyZFm/>

MANENTI, Alessandro. **Viver em comunidade: aspectos psicológicos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MAURANO, Denise. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAURANO, Denise. **A face oculta do amor: A tragédia à luz da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.

MARCEL, Henrique Rodrigues; GROPPPO, Luis Antonio. **Freud, Jung e a Religião: embates e diálogos entre Ciência e Religião nos clássicos da Psicanálise**. Revista lusófona de ciência das religiões – Ano X, 2013. Pg. 335-348

MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MAY, R **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. **O Manejo da Transferência**. Stylus Revista de Psicanálise: Rio de Janeiro, n. 25, nov. 2012, p.123-135

MOLOCHENCO, S. **Curso Vida Nova de Teologia Básica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MORANO, Carlos Dominguez. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável Sigmund Freud e Oskar Pfister**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MORANO, Carlos Dominguez. **Crer depois de Freud**, São Paulo: Loyola; 2003.

- NASIO, J.D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- PALHARES, M. do C. A. **Transferência e contratransferência: a clínica viva.** Revista Brasileira de Psicanálise, v. 42, n. 1, p. 100-111, 2008.
- PFRIMMER, Théo. **Freud, leitor da Bíblia.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- PONTALIS, J. B. **A estação da psicanálise.** Jornal de Psicanálise, vol. 27, n. 52. Instituto de Psicanálise da SBPSP. 1994.
- QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: Guia de Leitura da Obra de S. Freud.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- REALE, Giovanni. **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais.** São Paulo: Loyola, 2011.
- RICOUER, Paul. **Escritos e Conferências 1 em torno da psicanálise.** São Paulo: Loyola, 2010.
- RIZZUTO, Ana Maria. **O nascimento do deus vivo: um estudo psicanalítico.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.
- ROSA, Merval. **Psicologia da religião.** Rio de Janeiro: JUERP, 1992.
- RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã.** São Paulo: Paulus, 2001.
- RUBIO, Alfonso Garcia. **A caminho da maturidade na experiência de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2008.
- RUBIO, Alfonso Garcia. **Fé cristã e pensamento evolucionista: atualizações teológico-pastorais a um tema desafiador.** São Paulo: Paulinas, 2012.
- RUBIO, Alfonso Garcia. **O humano integrado: abordagens de antropologia teológica.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. **É possível aliar psicanálise ao aconselhamento religioso?** Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Teologia – EST. São Leopoldo, 2010.
- SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. **Audição equilibrada: Relações entre aconselhamento pastoral e psicanálise.** Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2015.
- SATLHER-Rosa, **Ronaldo Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea.** São Paulo: Aste, 2004.

SCHILLER, Paul. **O médico, a doença e o inconsciente:** a Psicossomática à luz da psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter, 1991.

SCHNEIDER, Harpprecht, C. (Org.). **Teologia prática: 110 contexto da América Latina.** São Paulo/São Leopoldo: ASTE/Sinodal, 1998.

SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral.** São Leopoldo: Sinodal, 2003.

SOLLE, D. **Sofrimento.** Petrópolis: Vozes, 1996

SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VERGOTE, Antoine. **Psicologia Religiosa.** Espanha: Taurus, 1992.

WINCKEL, Erna van de. **Do inconsciente a Deus. Ascese cristã e psicologia de C. G. Jung.** São Paulo: Paulinas, 1985.

WONDRACEK, K. E. K. **O amor e seus destinos: A contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise.** São Leopoldo: Sinodal, 2011.

WONDRACEK, K. E. K. **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião.** Petrópolis: Vozes, 2003.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião.** São Paulo: Paulus, 2009.